

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA  
DOUTORADO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

**BEATRIZ SILVA CORREIA**

**RETROFIT EM BALDIOS INDUSTRIAIS URBANOS E O COMPLEXO  
MATARAZZO, JAGUARIAÍVA - PR**

**TESE**

**CURITIBA**

**2015**

**BEATRIZ SILVA CORREIA**

**RETROFIT EM BALDIOS INDUSTRIAIS URBANOS E O COMPLEXO  
MATARAZZO, JAGUARIAÍVA – PR**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Tecnologia e Sociedade, LINHA DE PESQUISA Tecnologia e Desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Maclovia Corrêa da Silva

:

**CURITIBA**

**2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

C824r  
2015  
Correia, Beatriz Silva  
Retrofit em baldios industriais urbanos e o complexo Matarazzo, Jaguariaíva - PR / Beatriz Silva Correia.-- 2015.  
215 f.: il. ; 30 cm

Texto em português, com resumo em inglês  
Tese (Doutorado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Curitiba, 2015

Bibliografia: p. 194-199

1. Indústrias Reunidas F. Matarazzo - Reforma. 2. Edifícios industriais - Reforma para outro uso - Jaguariaíva (PR). 3. Arquitetura paisagística urbana. 4. Frigoríficos - Instalações - Jaguariaíva (PR). 5. Tecnologia - Teses. I. Silva, Maclovia Corrêa da, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. III. Título.

CDD: Ed. 22 -- 600

---

Biblioteca Central da UTFPR, Câmpus Curitiba

## TERMO DE APROVAÇÃO

Título da Tese N° 29

**Retrofit em baldios industriais urbanos e o complexo Matarazzo, Jaguariaíva, PR**

Por

**Beatriz Silva Correia**

Esta tese foi apresentada às ..... do dia **15 de setembro de 2015** como requisito parcial para a obtenção do título de DOUTORA EM TECNOLOGIA, Área de Concentração – Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho .....(aprovado, aprovado com restrições, ou reprovado).

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Dario Eduardo Amaral Dergint  
(UTFPR)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luís Salvador Petrucci Gnoato  
(PUCPR)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Bruno Augusto Hasenauer Zaitter  
(PUCPR)

\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª. Yumi Yamawaki  
(UTFPR)

\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª. Maclovía Corrêa da Silva  
(UTFPR)  
*Orientadora*



\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª. Faimara do Rocio Strauhs  
Coordenadora do PPGTE

**O documento original encontra-se arquivado na secretaria do PPGTE.**



À minha filha Mariana e meu marido  
Wagner Pace, criaturas dotadas de  
paciência e amor incondicional, que  
dão todo do sentido a meu mundo.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Maclovia, incansável e determinada na árdua batalha de conduzir, ordenar e orientar nas artes acadêmicas e nas artes da vida.

Agradecimentos especiais às minhas alunas, colaboradoras imprescindíveis: Patrícia Leal Chaerki, Cleidiane Pereira e Tatielle Cintra; à Wendy Patricia Spinal, Mestre pela Sorbonne, cuja visita e colaboração tiveram papel inspirador; e Fábio Henrique Conceição, parceiro de trabalho, arquiteto brilhante, cujas habilidades como ilustrador deram brilho e vida a este trabalho.

E em uma coisa eu acredito: que a mente livre e investigativa do indivíduo humano é o que há de mais valioso no mundo. E contra uma coisa eu devo lutar: qualquer ideia, religião ou governo que limite o indivíduo. É isto o que eu sou e é isto o que penso. Posso entender por que um sistema baseado numa certa organização deva tentar destruir a mente livre, pois ela é algo que através da análise pode destruir tal sistema. Certamente sou capaz de entender isso, e o odeio, e lutarei contra ele para preservar a única coisa que nos separa dos animais não criativos. Se a glória puder ser morta, estamos perdidos.

“A Leste do Éden” - John Steinbeck, 2005, contracapa.

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos”. (Marcel Proust)

## RESUMO

CORREIA, Beatriz Silva. **Retrofit em baldios industriais urbanos e o Complexo Matarazzo, Jaguariaíva – PR.** 2015. 191 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade). Programa de Pós-Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

Esta tese versa sobre práticas de *retrofit*, termo originário da engenharia de produtos, convocado pela Arquitetura e Urbanismo na premência de reabilitar, renovar, restaurar, reestruturar, regenerar, recompor, remodelar protegendo aspectos históricos de um edifício e incorporando-lhe tecnologia adequada aos tempos contemporâneos. O objetivo do trabalho foi percorrer e explorar aspectos relevantes destas técnicas projetuais em baldios industriais urbanos, no entendimento da diversidade socioeconômica e do desenvolvimento durável local. Apreciaram-se conceitos, modelos e conjunturas de consumo e apropriação destes recursos transformadores para a tipologia arquitetônica industrial. São retomadas as ideias de Eduardo Lozano e Amartya Sen, que destacam a diversidade sensorial e socioeconômica como motores do desenvolvimento com qualidade de vida. A pesquisa é de natureza qualitativa e elabora uma proposta de *retrofit* para um baldio industrial subutilizado, inserido na municipalidade de Jaguariaíva – PR. Para isso, relações singulares nas intervenções realizadas em objetos arquitetônicos semelhantes foram conectadas, seja por meio da exibição do espaço ou da heterogeneidade na apropriação individualizada destas realidades. Posteriormente, para o caso do antigo Frigorífico Matarazzo, interferências de *retrofit* exequíveis foram recomendadas. Elas permitiriam retomar o passado histórico em uma linguagem contemporânea. Nesse sentido, recursos técnicos propostos procuraram readequar as instalações da edificação de modo que viessem a estimular a integração entre a sustentabilidade socioeconômica e o desenvolvimento como liberdade. Recomenda-se para o conjunto edificado, a redistribuição dos espaços para outras atividades, atribuindo-lhes novas vocações que podem circular entre a transitoriedade e a permanência. Conclui-se que a proposta de *retrofit* para o Complexo Matarazzo formulada com base nos estudos teóricos e exemplos selecionados e analisados, permite resgatar a história, favorecer os setores de comércio e serviços, e reanimar a vida urbana ao outorgar-lhe qualidade.

**Palavras-chave:** *retrofit*, baldios industriais, Complexo Matarazzo, Jaguariaíva – PR, sustentabilidade.

## ABSTRACT

CORREIA, Beatriz Silva. **Retrofit in brownfields and the Matarazzo Complex, Jaguariaíva – PR.** 2015. 191 f. Thesis (Doctor in Technology and Society). Doctor and Master program of the Federal University of Technology – PR, Curitiba, 2015.

This thesis addresses practices of retrofit, a term originating in product engineering, convened by the Architecture and Urbanism in the urgent need to rehabilitate, renovate, restore, restructure, remodel, regenerate, protecting historical aspects of a building, incorporating appropriate technology to present days. The objective was to explore relevant aspects of these projective techniques in urban industrial brownfields, according to the socioeconomic diversity and sustainable local development. For this, concepts, models and situations of consumption and appropriation of these resources were prized to industrial architectural typologies. They are taken up by the ideas of Eduardo E. Lozano and Amartya Sen, highlighting the sensorial and socioeconomic diversity as drivers of development with quality of life. The research is qualitative and elaborates a proposal for a retrofit to an underused industrial brownfield, inserted in the municipality of Jaguariaíva - PR. For that, unique relationships in interventions to similar architectural objects were connected, either by displaying space or heterogeneity in individual appropriation of these realities. Thereafter, for the case of the ancient Slaughterhouse Matarazzo, feasible interferences by retrofit were recommended. They would permit reclaim the historical past in a contemporary language. In this sense, the proposed technical resources were pursued to readjust the facilities, so that they might encourage the integration of the socio-economic sustainability and development as freedom. It is recommended for the built set, the redistribution of spaces for other activities, assigning them new vocations that can move between transience and permanence. It is concluded that the proposed retrofit for Matarazzo Complex formulated based on theoretical studies and on the selected and analyzed examples, allows rescue the history, favoring the sectors of trade and services, reviving urban life by granting it quality.

**Key-words:** retrofit, brownfields, Complexo Matarazzo, Jaguariaíva – PR, sustainability.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – AEG DE PETER BEHRENS, 1908/1909 _____	28
FIGURA 2 – ANTIGO MOINHO MATARAZZO - RUA MONSENHOR, SP _____	29
FIGURA 3 – COMPANHIA MELHORAMENTOS, MODULAÇÃO METÁLICA EUROPEIA _____	29
FIGURA 4 – INTERIOR INDUSTRIAL – MODULAÇÃO, LUZ E MAQUINARIA	30
FIGURA 5 – ATAQUE TERRORISTA AO PENTÁGONO – 2001 – DURANTE AS OBRAS DE <i>RETROFIT</i> _____	41
FIGURA 6 – MATADERO MADRID - ISOMÉTRICA _____	62
FIGURA 7 – MATADERO MADRID, 1918 _____	63
FIGURA 8 – MATADERO MADRID _____	64
FIGURA 14 – MATADERO MADRID – ISOMÉTRICA 2013 _____	70
FIGURA 15 – MATADERO MADRID – VISTA AÉREA _____	71
FIGURA 16 – MATADERO MADRID – IMPLANTAÇÃO _____	71
FIGURA 17 – MATADERO MADRID - CORTE _____	72
FIGURA 18 – MATADERO MADRID - DIAGRAMA _____	72
FIGURA 19 – PLANO PARQUE DE LA VILLETTE _____	82
FIGURA 24 – FÁBRICA VENSKE, EM 1938 _____	94
FIGURA 25 – TEAR DA FÁBRICA VENSKE NAS LENTES CRIATIVAS _____	96
FIGURA 29 – PLANO PUERTO MADERO _____	107
FIGURA 30 – PUERTO MADERO DETERIORADO E REABILITADO _____	108
FIGURA 31 – PUERTO MADERO _____	110
FIGURA 32 – DOCKLANDS, MUSEUM OF LONDON, LONDRES _____	113
FIGURA 33 – CARTA DE REGIÕES DA BÉLGICA _____	119
FIGURA 34 - GREEN MARKET – UNION SQUARE, NEW YORK _____	121
FIGURA 35 – SWEET WATER ORGANIC, MILWAUKEE, USA _____	122
FIGURA 36 – MAGNETTO – VISTA EXTERNA - COMUNIDADE DE FÉMALE, BÉLGICA _____	124
FIGURA 37 – MAGNETTO – INTERNO - COMUNIDADE DE FÉMALE, BÉLGICA _____	124
FIGURA 38 – CHERTAL – COMUNIDADE DE OUPEYE, BÉLGICA _____	125
FIGURA 39 – CHERTAL – 3D - COMUNIDADE DE OUPEYE, BÉLGICA _____	125
FIGURA 40 – ANOS 1920 _____	148
FIGURA 41 - 2012 _____	149
FIGURA 42 – PLANO ESQUEMÁTICO _____	150
FIGURA 43 – LINHA DE PRODUÇÃO DO FRIGORÍFICO MATARAZZO DE JAGUARIAÍVA, ANOS 1930 _____	154
FIGURA 44 – CORTEJO FÚNEBRE DE FRANCESCO MATARAZZO, AV. PAULISTA-SP _____	157
FIGURA 45 – PARANÁ - MESORREGIÕES _____	162
FIGURA 46 – CANION DE JAGUARIAÍVA _____	164

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

### LEVANTAMENTO DA PESQUISADORA - ESTUDOS DE CASO

FIGURA 9 – MATADERO MADRID – CASA DO LEITOR _____	67
FIGURA 10 – MATADERO MADRID – TEATRO MÓVEL AO AR LIVRE _____	67
FIGURA 11 – MATADERO MADRID – ESPAÇO DA MEMÓRIA _____	68
FIGURA 12 – MATADERO MADRID – OFICINAS _____	68
FIGURA 13 – MATADERO MADRID – PÁTIO _____	69
FIGURA 20 – LA GÉODE _____	83
FIGURA 21 – LA GRANDE HALLE _____	84
FIGURA 22 – CITÉ DES SCIENCES ET DE L’INDUSTRIE, AVEC LA GÉODE _____	84
FIGURA 23 – CITÉ DES SCIENCES ET DE L’INDUSTRIE _____	85
FIGURA 26 – DETALHES CONSTRUTIVOS MANTIDOS NO <i>RETROFIT</i> E OCUPADO PELA CASA COR 2015 _____	99
FIGURA 27 – FÁBRIKA – INTERIOR CASA COR E ESTACIONAMENTO EM 2015 _____	100
FIGURA 28 – FÁBRIKA - 2013 _____	101



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### IMAGENS FOTOGRÁFICAS COM INTERFERÊNCIAS PROJETUAIS

FIGURA 47 – MATARAZZO, 2015 – ESPAÇO IDEAL PARA MERCADO DE PRODUTOS REGIONAIS _____	170
FIGURA 48 – MATARAZZO– PROPOSTA MERCADO DE PRODUTOS REGIONAIS _____	170
FIGURA 49 – MATARAZZO 2015 –ATUAL ESCOLA DE MÚSICA – ATUAL	171
FIGURA 50 – MATARAZZO –ESPAÇO SHOWS E EVENTOS CULTURAIS , VISTA EXTERNA - PROPOSTO _____	171
FIGURA 51 – MATARAZZO – ESPAÇO SHOWS E EVENTOS CULTURAIS, VISTA INTERNA - PROPOSTO _____	172
FIGURA 52 – MATARAZZO – CINEMA EXISTENTE, VISTA INTERNA- ATUAL _____	172
FIGURA 53 – MATARAZZO – ÁREA ABANDONADA - ATUAL _____	173
FIGURA 54 – MATARAZZO –ARTE E DANÇA – PROPOSTO _____	173
FIGURA 55 – MATARAZZO –UEPG - ATUAL _____	174
FIGURA 56 – MATARAZZO – CURSOS DE CAPACITAÇÃO - PROPOSTO	174
FIGURA 57 – MATARAZZO – BOULEVARD - ATUAL _____	175
FIGURA 58 – MATARAZZO –BOULEVARD COM DIVERSIDADE - PROPOSTO _____	175
FIGURA 59 – MATARAZZO – ACESSO EXTERNO SUBUTILIZADO - ATUAL _____	176
FIGURA 60 – MATARAZZO – PROPOSTA PARA ESPAÇO EXTERNO MULTIFUNCIONAL _____	176
FIGURA 61 – MATARAZZO – GARAGEM DE VEÍCULOS ESCOLARES – ATUAL _____	177
FIGURA 62 – MATARAZZO – EVENTOS CULTURAIS – PROPOSTO _____	177
FIGURA 63 – MATARAZZO – NAVES INTERDITADAS PELO PROJETO CASULO – ATUAL _____	178
FIGURA 64 – MATARAZZO – NAVES INTERDITADAS – FEIRAS DE EVENTOS – PROPOSTO _____	178
FIGURA 65 – MATARAZZO – NAVES INTERDITADAS - COWORKING – PROPOSTO _____	179
FIGURA 66 – MATARAZZO – NAVES INTERDITADAS - OFICINAS MULTIFUNCIONAIS – PROPOSTO _____	180
FIGURA 67 – MATARAZZO – ANTIGA NAVE AINDA EXISTENTE– ATUAL	181
FIGURA 68 – MATARAZZO – VISÃO GERAL DESDE O PARQUE – PROPOSTO _____	181
FIGURA 69 – MATARAZZO – VISTA AÉREA – ATUAL _____	182
FIGURA 70 – MATARAZZO – VISÃO GERAL – PROPOSTO _____	183

## SUMÁRIO

<b>1 PANORAMA DA TESE</b>	<b>14</b>
<b>1.1 JUSTIFICATIVA</b>	<b>16</b>
<b>1.2 OBJETIVOS</b>	<b>18</b>
<b>1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>18</b>
<b>1.4 ESTRUTURA DA TESE</b>	<b>24</b>
<b>2 UNIDADES DE ANÁLISE</b>	<b>25</b>
<b>INTRODUÇÃO ÀS TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS FABRIS: SÉCULOS XIX E XX</b>	<b>25</b>
<b>2.1 BALDIOS INDUSTRIAIS URBANOS</b>	<b>30</b>
<b>2.2 RETROFIT</b>	<b>35</b>
<b>2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO <i>RETROFIT</i> EM BALDIOS INDUSTRIAIS URBANOS</b>	<b>42</b>
<b>2.4 LOZANO E SEN – APORTES TEÓRICOS</b>	<b>43</b>
<b>2.5 DIVERSIDADE</b>	<b>45</b>
<b>2.6 DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE</b>	<b>51</b>
<b>2.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE DIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE</b>	<b>56</b>
<b>3 INTERVENÇÕES EM BALDIOS INDUSTRIAIS URBANOS</b>	<b>58</b>
<b>3.1 MATADERO MADRID</b>	<b>60</b>
3.1.1 DISCURSOS DO ENUNCIADOR - MATADERO MADRID – AVALIAÇÃO DE VIAJANTES	73
<b>3.2 LA VILLETTE</b>	<b>80</b>
3.2.1 DISCURSOS DO ENUNCIADOR – PARQUE DE LA VILLETTE – AVALIAÇÃO DE VIAJANTES	85
<b>3.3 VENSKE – A FÁBRICA</b>	<b>91</b>
3.3.1 DISCURSOS DO ENUNCIADOR (FÁBRICA VENSKE – AVALIAÇÃO DE OBSERVADORES)	102
<b>3.4 PUERTO MADERO</b>	<b>105</b>
3.4.2 DISCURSOS DO ENUNCIADOR (PUERTO MADERO – AVALIAÇÃO DE VIAJANTES)	114
<b>3.5 PROJETO VERDIR® LIÈGE</b>	<b>117</b>
<b>3.6 COMPLEXO MATARAZZO</b>	<b>126</b>
<b>3.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO</b>	<b>134</b>
<b>4 COMPLEXO MATARAZZO</b>	<b>141</b>
<b>4.1 MODELO DE <i>RETROFIT</i> INCLUINDO DIVERSIDADE</b>	<b>141</b>
<b>4.2 <i>RETROFIT</i> COM DIVERSIDADE PARA O COMPLEXO MATARAZZO</b>	<b>143</b>
4.2.1 COMPLEXO MATARAZZO	143
4.2.2 RELAÇÕES DE PODER E O NOME DE FAMÍLIA “MATARAZZO”	149
4.2.3 JAGUARIAÍVA NO CONTEXTO PARANAENSE	161
4.2.4 APLICAÇÃO DO MODELO ADAPTADO PARA O COMPLEXO MATARAZZO QUE SE APROPRIA DO <i>RETROFIT</i> COM DIVERSIDADE SOCIOECONÔMICA	166

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS** **186**

---

**REFERÊNCIAS** **194**

---

**APÊNDICE** **200**

---

## 1 PANORAMA DA TESE

Na contemporaneidade o conceito de globalização e conseqüentemente, de cidades mundiais, define as tendências do urbanismo e das tipologias arquitetônicas. A despeito disso, os territórios ainda funcionam com ideias de planejamento dos séculos XIX e XX, que “embaraçam” as relações e articulações entre espaços e pessoas. Nesse contexto, usos e consumo de desenhos presentes, passados e futuros, convivem com aspectos diversos de apropriação comunitária.

Entre desigualdades e o desejo de melhorar a qualidade de vida nas cidades encontram-se as vocações determinantes de cada modelo urbano, conforme os papéis vitais das instituições, incluindo mercados e organizações, governos e autoridades, partidos políticos e sistema educacional (SEN, 2010). Cidades industriais, turísticas, políticas, universitárias, cidades-dormitório, entre outras, caracterizam dinâmicas de estratégias de desenvolvimento, diversidade de atividades e de serviços.

Josep Maria Montaner, arquiteto e teórico do século XXI, acentua a importância de conceitos clássicos e substanciais como o da cidade e suas características sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais. O autor realça o súbito abandono da concepção da urbe registrada na Carta de Atenas, na década de 1930. Ou seja, enquanto o urbanismo racionalista zonificava a moradia, o trabalho, o lazer e a circulação, o neoconservadorismo liberal procura apagar esta história e acercar-se de condomínios fechados, de serviços que centralizam o trabalho, o lazer e o consumo em centros comerciais, de ócio e circulação em autopistas (MONTANER; MUXÍ, 2011).

Os lugares e o cenário são mutantes, mas permanecem mais tempo do que as pessoas e os acontecimentos. Aldo Rossi (2001) afirmava não haver relações unívocas e lineares entre as formas e as funções. No aspecto arquitetônico, não se pode entender a cidade neoliberal, sua gestão política, memória, diretrizes, traçado e estrutura da propriedade urbana, somente por seus edifícios avançados, aeroportos, terminais de transporte, naves industriais e grandes complexos comerciais. Por quê?

Porque são produções do espírito, elaboradas e aperfeiçoadas em formas arquitetônicas, as quais podem incorporar diferentes atribuições de uso

e apropriação. Elas dignificam a paisagem e as coisas construídas, são primeiramente concebidas e depois obras. Quando esta concepção está centrada em direitos civis, liberdades políticas, num ambiente econômico favorável, criam-se oportunidades adequadas para a permanência dos rastros históricos de edifícios antigos que assumem novos usos. De fato, a forma torna-se mais forte que qualquer atribuição de uso que lhe seja outorgada, ainda que a primazia não seja os interesses públicos e privados e sua destinação, como defendia Aldo Rossi (MONTANER, 2013).

Cita-se como exemplo o Complexo Matarazzo que é o foco deste estudo, localizado na cidade de Jaguariaíva - PR, na mesorregião dos Campos Gerais, a 220 km da capital Curitiba. Trata-se de uma paisagem urbana marcada por este edifício histórico do Frigorífico das Indústrias Reunidas Matarazzo, construído entre 1918 e 1920.

Depois de abrigar duas indústrias, o objeto arquitetônico já foi um baldio industrial e posteriormente, seus usos se modificaram – garagem, depósito e serviços. Com o processo de urbanização da cidade, o patrimônio hoje se encontra subutilizado quando se consideram as disposições sociais, o desejo de expansão dos padrões de vida e as oportunidades de mercado.

Esse bem imóvel pode ser valorizado por meio da aplicação de um modelo adaptado que se apropria do *retrofit* com diversidade socioeconômica. O uso da ferramenta tecnológica do *retrofit* como método de intervenção em edificações tem o intuito de interromper processos de degradação física, funcional e ambiental. Promove aumento de renda e riqueza, benefícios, bem como, a manutenção das tradições, a melhoria da qualidade de vida e as liberdades substantivas do indivíduo como membro público e participante das ações econômicas, sociais e políticas (SEN, 2010).

Envelhecimento e obsolescência, não só pela idade do imóvel, mas também pelos modos de uso, apropriação e consumo são categorias que se articulam com desempenho, tecnologia, facilidades comerciais, manutenção de benefícios econômicos e do mercado de consumo.

O termo *retrofit* é originário da indústria aeronáutica, posteriormente usado por outras indústrias, inclusive a da construção civil. No campo das engenharias refere-se ao processo de modernização de aparatos arcaicos e fora de norma. Nas edificações, esta modalidade construtiva de reformas e

reabilitações é compreendida a partir do desempenho predial, que pode ser melhorado com a incorporação de elementos técnicos, sem acarretar em modificações de uso. Seria uma atualização tecnológica.

Contudo, outros autores, como Qualharini e Flemming (2015), Moraes e Quelhas (2012) não restringem as ideias deste conceito, pois ele pode referir-se a uma atualização tecnológica, renovação de detalhes artísticos, incluindo uma forma de atribuir novos parâmetros de uso. Com a multiplicidade das possibilidades de inovação, as demais ciências foram se apropriando do termo, adaptando-o às suas teorias e práticas.

Na arquitetura, o conceito de *retrofit* se associa às inovações tecnológicas, que ofertam recursos para valorização, renovação e melhoria do funcionamento do imóvel. Na Europa estas práticas objetivam valorizar velhas edificações, aumentar sua vida útil e torná-las mais econômicas e eficientes do que a demolição. Pode ocorrer que o empreendedor opte pela mudança de uso do imóvel, aproveitando a infraestrutura, a paisagem urbana e o patrimônio arquitetônico, proporcionando melhorias, eficiência funcional, valorização estética e imobiliária.

Esta Tese apresenta um modelo adaptado para um baldio industrial de reocupação e consumo para o Complexo Matarazzo, Jaguariaíva - PR, Brasil, na perspectiva do *retrofit* arquitetônico como ferramenta teórico-metodológica, que se apropria das ideias de diversidade socioeconômica e de desenvolvimento durável local.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A importância da pesquisa se justifica pela relevância da arquitetura industrial nas cidades brasileiras, dentre elas, a Cidade de Jaguariaíva - PR. O Complexo Matarazzo, em relação às demais arquiteturas, é icônico, mítico, ponto de referência visual em termos de escala e desenho. Corre o risco de seguir subutilizado e seguir no clima da monotonia, delimitar as oportunidades de mudanças de comportamento e desmotivar o desenvolvimento de competências e habilidades (LOZANO, 1990). Daí a importância de se idealizar um modelo adaptado que se apropriaria do retrofit com diversidade socioeconômica

Nesse sentido compete ao edifício um plano que considere modelos abrangentes e se baseie nas disponibilidades do *retrofit* como ciência que preze a diversidade de atividades e as possibilidades tecnológicas. Ciência e tecnologia são articuladas e modeladas pela sociedade. No Programa de Pós-Graduação e Tecnologia, as disciplinas procuram centralizar estes conceitos em abordagens teóricas e práticas que se afastem das visões restritas aos bens de consumo, técnicas, equipamentos e produção. Conforme Ruy Gama (1987), a tecnologia consiste na “ciência do trabalho produtivo”, consideradas suas dimensões na vida humana. Abrange um entendimento global e holístico na história humana, passando pela cultura do saber, do significado e pela interlocução.

A orientação deste trabalho está fortalecida por esse entendimento de tecnologia e sociedade, ao tratar de baldios industriais potenciais criadores de símbolos, fantasmagorias arquitetônicas e tecnológicas. O simbolismo sobrevive apesar da degradação das formas e a familiaridade de imagens persiste na memória coletiva e na herança cultural. Espaço físico se torna “espaço social” e adquire valor simbólico, como um rol de significados preenchidos por memórias, comportamentos, padrões e valores históricos.

Todo imóvel tem funções e estas podem variar conforme os movimentos de uso, consumo e apropriação. A economia da cidade de Jaguariaíva, que foi e segue liderada por indústrias, tem seu desenho urbano marcado pelo edifício Matarazzo, que hoje exerce funções limitadas nas atividades da comunidade. Neste sentido, justifica-se este estudo ao propor flexibilidade e adaptabilidade para as atividades de ocupação do imóvel, atribuindo a condição de agente ativo para o cotidiano urbano.

Questiona-se: até que ponto “retroalimentação” pode ser um mecanismo desejado para reavivar atividades em baldios industriais? Corrobora-se com os profissionais e estudiosos, quando mencionam a importância da aplicação de recursos técnicos de *retrofit*, a fim de recuperar elementos histórico-simbólicos que interferem no estilo e qualidade de vida da população. A diversidade de atividades socioeconômicas poderia ser um elemento-chave na intervenção destes empreendimentos, acompanhada de reflexões sobre a vocação das cidades e suas diferenças culturais, econômicas e ambientais.

## 1.2 OBJETIVOS

### OBJETIVO GERAL

Elaborar um modelo adaptado para um baldio industrial urbano, explorando aspectos de *retrofit* que se apropriam da diversidade socioeconômica e do desenvolvimento durável local.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Por meio de conceitos, modelos e casos práticos, selecionar concepções representativas de *retrofit* nacionais e internacionais para avaliar ambiguidades, êxitos e controvérsias.
2. Investigar conjunturas de ocupação, apropriação e consumo da tipologia arquitetônica industrial no meio urbano, ocorridas em baldios industriais e verificar o uso do *retrofit* para revitalizar espaços históricos e o apelo a outros recursos para retroalimentar a vida dos empreendimentos.
3. Retomar o marco teórico e os exemplos elencados a fim de caracterizar e identificar atividades ideais para o Complexo Matarazzo, na cidade de Jaguariaíva - PR, Brasil, vinculadas e submissas às técnicas do *retrofit* e à reprodução das transformações legitimadas pelo desenvolvimento durável.

## 1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de natureza qualitativa uma vez que analisa teoricamente casos de *retrofit* arquitetônico em baldios urbanos e examina o Complexo Matarazzo a partir de ideias de crescimento como liberdade e diversidade.

Elaborou-se um modelo adaptado para o conjunto de edifícios que se apropria do *retrofit* com diversidade socioeconômica de modo a atender as características do desenvolvimento durável local e vocação da cidade.

Trata-se de tipologia arquitetônica industrial que passou por mudanças de uso no século XX. Este edifício, como os designados na Europa - baldios industriais urbanos - faz parte do grupo dos exemplos escolhidos para a tese. Elegeram-se cinco baldios que sofreram diferentes formas de intervenção – renovação, *retrofit*, restauração, reabilitação ou ainda, reconstrução.



Godoy (1995) atribui propriedade de fonte de dados ao ambiente físico – neste caso, a implantação do Frigorífico das Indústrias Reunidas Matarazzo, na cidade de Jaguariaíva, Paraná, em 1920. Por sua vez, a função do pesquisador, no tipo de investigação fenomenológica é considerada instrumento chave na forma de abordar e explorar as fontes – as pessoas e as mudanças de uso de um espaço industrial para um de natureza cultural. Neste processo, é importante não perder o foco inicialmente eleito, sem, todavia desmerecer o valor do resultado ou do produto – percorrer a trajetória histórica do espaço. É o momento de explorar a intuição, os sentidos, e a percepção dos significados.

A pesquisa qualitativa (GÜNTHER, 2006), permite refazer o processo de (re) construção dessa realidade social, complexa, não somente pelas múltiplas atividades que ali incidiram, mas também pela gama de possibilidades que se alardeiam. Ainda, através da interpretação hermenêutica, ela permite a apresentação dos resultados sobre forma de textos.

A proposta de um modelo de *retrofit* com diversidade para o baldio industrial subutilizado exige uma delimitação espacial e temporal que consente a observação de intervenções focadas em diferentes aspectos relacionados ao estudo de caso Complexo Matarazzo da cidade de Jaguariaíva, PR.

Um estudo de caso é caracterizado como incidindo numa entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, fazendo justiça à sua unidade e identidade próprias.

Para a análise dos dados, a pesquisadora recorreu ao uso de técnicas e metodologias de modo a interpretar os fenômenos por meio de um instrumental (visitas técnicas, registros imagéticos, entrevistas, questionários) que possibilitou a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos. Assim, fez-se possível o contato direto com a situação examinada, procurando conhecer a perspectiva dos sujeitos participantes.

A cidade de Jaguariaíva - PR, às portas do final da Primeira Grande Guerra, apresentava atributos mais de povoado - pouco mais de 15.000 habitantes - do que de urbe. Esse lugar pacato com características predominantemente rurais viu brotar do campo, ao lado da nova estação ferroviária, um edifício de 22.000m<sup>2</sup>, colossal para padrões tanto nacionais

quanto internacionais. Nos moldes da arquitetura industrial europeia, o uso do tijolo aparente coloriu a pequena cidade, contrastando com as construções em madeira. Para aqueles habitantes urbanos ou rurais, tratou-se de um fenômeno nunca experienciado até então (BRANDÃO, 2000).

Este empreendimento causa de alvoroço para a população da época, permanece sendo objeto de estudo e discussão, apesar das mudanças de “mãos” e de funções. Para analisar e avaliar métodos possíveis de gestão e reabilitação do sítio industrial buscou-se o apoio da prefeitura local, das secretarias municipais e estaduais de desenvolvimento, das associações de classe locais, e especialistas em marketing urbano.

Em primeira instância, foram realizadas 20 entrevistas, cujo universo de pesquisa buscou abranger pessoas nascidas em Jaguariaíva e originárias de outras cidades, bem como, pessoas com e sem vínculos com a fábrica. Buscou-se variedade relativa à idade, profissão, nível educacional e situação econômica. Fez-se um recorte de oito falas mais significativas e construiu-se um panorama da memória e das aspirações mencionadas.

Os entrevistados responderam 15 questões sobre suas vidas e preferências pessoais, e outras 15 questões relativas ao empreendimento, hoje chamado Complexo Matarazzo. No período em que foi construído chamava-se Frigorífico das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Porém, continua sendo conhecido pelo nome de seu idealizador. As instalações com 22 mil metros quadrados foram idealizadas por este visionário italiano, que levava consigo um título de nobreza – conde – e prometia uma linha de produção moderna, empregos, moradia, recreação e esportes, educação e saúde. As perguntas foram elaboradas trabalhando a complexidade temporal entre passado, presente e futuro. No momento da aplicação dos questionários a multiplicidade de olhares impossibilitou a padronização de resultados.

A amostra contém as falas de: um ferroviário aposentado; o *barman* do maior hotel de negócios; uma empresária do ramo da alimentação (filha de fornecedor do Matarazzo); uma artista plástica, neta do construtor do conjunto industrial; uma lojista, ex-funcionária do Matarazzo; um jovem funcionário público-administrativo (sobrinho de ex-funcionários); um político, diretor de infraestrutura de obras; um jovem educador social.

Os resultados desta etapa versam para um trabalho de campo, de natureza sugestiva para ocupação de espaços vazios, reutilização dos espaços já ocupados e revitalização do Imóvel. A meta é o entrelace do resgate histórico e do futuro socioeconômico e cultural da cidade.

Os argumentos que justificam a reconstrução histórica da memória coletiva do Frigorífico Matarazzo, recuperada por autores citados foi, nesta tese, reforçada pela memória individual reconstruída a partir do presente pelos testemunhos escritos e depoimentos orais, que constata o princípio da alteridade. Isto é, segundo Halbwachs (2006), a percepção da vida das pessoas se constrói em relação ao outro, na produção de imagens, representações e recordações. Pollak (1992) acrescentou que a memória é um bem político cujo campo está delimitado pelo que o grupo quer preservar, celebrar e transmitir.

O outro pode ser aqui representado e resignificado pela figura do conde Matarazzo no quadro social da época. O contexto foi imprescindível para criar o sentimento de identidade, de pertencimento ao grupo e de continuidade no tempo. Porém, o passado já foi contado e recontado por diferentes gerações. Os relatos, no entanto, são convergentes e se encaixam em padrões de percepção compartilhados por indivíduos do mesmo grupo social – herdeiros da família, ex-empregados, descendentes destes, ex-fornecedores e seus descendentes, habitantes contemporâneos da cidade e seus descendentes.

Em referência às distintas intervenções arquitetônicas - obras de *retrofit* exemplificadas nesta tese - visitantes locais e viajantes foram ouvidos, entre outros, pelo website “tripadvisor”, eleito pela pesquisadora como um dos mais consultados do segmento e por isso de maior relevância.<sup>1</sup>

O conteúdo das opiniões dos visitantes é classificado no website em cinco níveis: excelente; muito bom; normal; ruim e horrível. A seleção dos discursos feita para a tese teve como ponto de partida esta categorização, a nacionalidade e as estações do ano. Para os estudos de caso havia variedade e quantidades díspares, e por essa razão, não se fez possível uma padronização dos discursos selecionados.

---

<sup>1</sup> A pesquisadora inseriu comentários no website “tripadvisor.com” sobre cidades, hotéis, restaurantes, pontos turísticos. Em menos de 60 dias, obteve cerca de 8.000 leitores.

Enquanto possuidores de discursos expressaram suas experiências, crenças e valores sobre elas. Estes enunciados foram retomados e analisados no contexto da produção do “eu” dos discursos. A linguagem ocorreu em relação aos aspectos ideológicos (valores e crenças) e sociais (grupos) de um conjunto de enunciados marcados por características comuns (alteridade, identidade, diálogo).

Os sujeitos, em linguagem informal, assumem opiniões em relação ao que vivenciaram em suas visitas e transmitem ao interlocutor suas argumentações. O discurso age sobre o outro com o objetivo de modificar situações, com intenções implícitas: sempre existe um interlocutor quando se fala ou se escreve e também outros discursos que são chamados para a fala. A fala pondera com outras vozes e é heterogênea, construída numa rede interdiscursiva. A análise dos textos escritos selecionados aponta o funcionamento dos discursos.

Como o texto é uma forma de concretização do discurso, para produzir ou compreender um texto, tem que levar em conta as suas condições de produção, que envolvem não só a situação imediata (quem fala, a quem o texto é dirigido, quando e onde se produz ou foi produzido), mas também uma situação mais ampla em que essa produção se dá: que valores, crenças os interlocutores carregam, que aspectos sociais, históricos, políticos, que relações de poder determinam essa produção ( BRANDÃO, 2015, p.10).

Quando as pessoas se tornam membros de um grupo, começam a se identificar com esse grupo e ver a realidade social a partir de sua perspectiva. Essa perspectiva implica em que, como consequência de processos mentais universais, todos funcionam de forma mais ou menos idêntica. Ela contém também um elemento de *perceptualismo* quando se presume que mudanças em estereótipos só ocorrem quando novas informações são recebidas, contrariando os estereótipos. Dentro da psicologia discursiva, a teoria da identidade social, juntamente com a ferramenta da análise de discurso é considerada como uma das mais frutíferas abordagens cognitivistas (JORGENSEN; PHILLIPS, 2002).

O objetivo dessa ciência é determinar o que acontece com a identidade das pessoas e suas avaliações, percepções e motivações quando interagem dentro de novas experiências. A maioria das pesquisas está focada no estudo

dos processos cognitivos das pessoas, expressando uma identidade social em lugar de uma identidade pessoal; ao expressar uma identidade social, estereótipos são implantados.

A versão da realidade apresentada pela análise dos discursos eleitos não é necessariamente melhor que qualquer outra forma de captação de informações e pode sempre ser debatida dentro do campo científico. Porém, representa uma consideração qualificada (ou seja, científica) da realidade, e diferenciada das que são disponíveis de outra forma. A análise do discurso e o estudo de suas possibilidades podem vir a contribuir para a adição de novas perspectivas para o debate público.

#### 1.4 ESTRUTURA DA TESE

O primeiro capítulo faz a introdução ao tema, justifica-o e define os objetivos da tese. São apresentados os procedimentos metodológicos que direcionaram a organização e análise do trabalho. O Capítulo 2 exhibe as unidades de análise definidas pelos conceitos de diversidade e desenvolvimento como liberdade, baldios industriais urbanos e *retrofit*. O Capítulo 3, Baldios Industriais Urbanos, analisa as intervenções feitas em modelos europeus e sul-americanos com base na teoria, em observações, visitas técnicas e avaliações de viajantes e observadores. O quarto capítulo apresenta o estudo do complexo Matarazzo na linha histórica, sociológica e econômica, considerando as ideias de crescimento como liberdade e diversidade, e propõe ações de *retrofit* para o conjunto de edifícios, que atendam o desenvolvimento durável e as vocações locais. O Capítulo 5 retoma a estrutura da tese para fazer as considerações finais.

## 2 UNIDADES DE ANÁLISE

Neste capítulo são introduzidas as unidades de análise que embasaram a discussão sobre baldios industriais urbanos, *retrofit*, diversidade e desenvolvimento como liberdade.

Para melhor compreender a primeira unidade de análise, que trata dos baldios industriais são introduzidos pontos relevantes sobre a construção e desenvolvimento das tipologias arquitetônicas industriais, com intuito de dar sentido ao fenômeno de sua condição posterior de baldio propriamente dito.

A segunda unidade de análise tem como tema o *retrofit*, termo emprestado da engenharia para uso da arquitetura na recuperação e reuso de imóveis. Compreende diversas nuances e possibilidades oferecidas por essa ferramenta tecnológica, e oferece a velhos edifícios, possibilidades técnicas sustentáveis e ao mesmo tempo se ocupa de resgatar e manter a memória dos mesmos.

As unidades seguintes – diversidade e desenvolvimento como liberdade – apoiam-se nas análises elaboradas pelos autores Eduardo E. Lozano e Amartya Sen. Enquanto Lozano propõe diversidade sensorial, estética e econômica, Sen estuda desenvolvimento como liberdade e felicidade, imprescindíveis para dar suporte aos juízos e conceitos e discussões.

### INTRODUÇÃO ÀS TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS FABRIS: SÉCULOS XIX E XX

A natureza e o Homem – ecossistema global – serviram-se bem ou mal da ciência e das técnicas para viabilizar o “saber fazer” da vida cotidiana nas cidades. As máquinas adentram as fábricas e casas e interagem com os homens e os materiais – o aço, o vidro e o concreto. A engenharia e a arquitetura obrigaram-se a acompanhar a produção em massa e os novos estilos. A função e a forma dos edifícios tomam a frente, organizando a linguagem e a ideologia moderna empobrecida de ornamentação e rica em modulação estrutural. O projeto de *retrofit* para o Complexo Matarazzo pode usufruir dessa renovação aportada pela Revolução industrial, de maneira a trabalhar a diversidade dentro desse espaço.

As fábricas, bem como as estradas de ferro e os cortiços, foram os elementos que mais caracterizaram as cidades marcadas pelo industrialismo. As tradicionais instalações fabris, com suas grandes dimensões e altas chaminés, tinham destaque na paisagem urbana, além de passarem a concentrar o núcleo vivo e determinar a organização de muitas cidades.

Contudo, o surgimento da tipologia arquitetônica fabril ocorreu posteriormente à sua consolidação como espaço de produção e trabalho. Os edifícios das primeiras indústrias baseavam-se em adaptações de modelos de outras edificações de acordo com as necessidades da produção fabril. Por isso, careciam de identidade específica e não evidenciavam o uso ali empregado.

Foi somente durante meados do século XIX e início do século XX que a fábrica começou a se afirmar como “tipo arquitetônico”, uma vez que os processos de produção se tornaram mais claros e racionais. Novos sistemas e materiais construtivos se veem introduzidos nos meios industriais. Nesse processo, o emprego do ferro na construção, bem como o da máquina a vapor como fonte geradora de força motriz, foram fundamentais para a definição de uma tipologia.

O aprimoramento dos processos de produção e a nova maquinaria empregada demandavam espaços projetados especificamente para a dinâmica fabril. Assim, a construção para a indústria acabava sendo elemento condicionante dentro do esquema produtivo, e deveria expressar a lógica do trabalho e da produção. Pode-se dizer que há três elementos básicos que representam o sistema fabril e que acabam ficando implícitos na arquitetura industrial desse período: o controle da produção pelo capital; a divisão técnica do trabalho; a utilização da maquinaria-força motriz como ferramenta no processo de trabalho, visando o lucro e a alta produtividade (DUARTE, 1999).

Num primeiro momento, a arquitetura industrial é condicionada pelo funcionamento das máquinas e por diretrizes que envolvem a fiscalização dos esquemas de trabalho. Assim, predominavam os aspectos técnicos e funcionais na concepção espacial dos ambientes produtivos. Mais tarde, tal postura funcionalista precisou ser revista, uma vez que surgiram vários problemas de ordem social associados aos esquemas abusivos de exploração da força de trabalho, refletidos pelo tratamento estritamente racional de produção.



A partir do início do século XIX houve mudanças na concepção de produção, que até então priorizava as máquinas. Começa-se a conectar fábricas a conjuntos habitacionais (*company towns*), escolas, postos médicos, centros recreativos e religiosos. Tais mudanças, ao mesmo tempo em que representavam benefícios para os operários, garantiam um controle quase que total dos trabalhadores pelo empregador. Este esquema se verá reproduzido por Francisco Matarazzo no Frigorífico de Jaguariaíva no decorrer de seu processo de funcionamento e crescimento desde os anos 1920, de sua fundação até 1964, quando do encerramento de suas atividades.

No século XX surgem mudanças na estética fabril, com experiências pontuais, principalmente na Alemanha, assimilando as novas formas e concepções arquitetônicas do período, preocupando-se com a condição operária e com a ideia de conforto, qualidade ambiental e estética: veja-se AEG-1908/1909, Peter Behrens, Fagus – 1913/1925, Walter Gropius (Figura 1).

No Brasil, o processo de industrialização, embora tenha sido tardio comparativamente aos movimentos fabris europeus, acontece em moldes similares. A linha férrea continua sendo um dos principais elementos para o sucesso da logística de produção e comercialização. Foram adotados modelos arquitetônicos para a execução e implantação da construção civil de fábricas. Uma vez que havia a presença de imigrantes e a facilidade de importação, tanto de mão-de-obra, quanto de materiais (estruturas, vedações, coberturas, escadas, etc.), reproduziu-se tipologia similar à da Europa: o uso do tijolo aparente (Figura 2).

No fim do século XIX, a capital paulista foi sede das primeiras edificações, como objetivo de abrigar equipamentos e máquinas: os galpões. Caracterizados pelo uso de tijolo à vista, pilares em perfil laminado que podiam sustentar pisos superiores, janelas laterais para iluminação e cobertura com tesoura de madeira sobrepostas com telhas geralmente importadas (ver Figura 3).

Figura 1 – AEG de Peter Behrens, 1908/1909



Fonte: <Pinterest.com>

A localização geográfica de São Paulo contribuiu na transformação da industrialização, já que era próximo ao porto de Santos (na época era rota obrigatória para a exportação do café e para a chegada de produtos importados). A implantação da malha ferroviária, diversidade de comércio e serviços (muitos profissionais liberais) e as atividades bancárias também contribuíram para o fato.

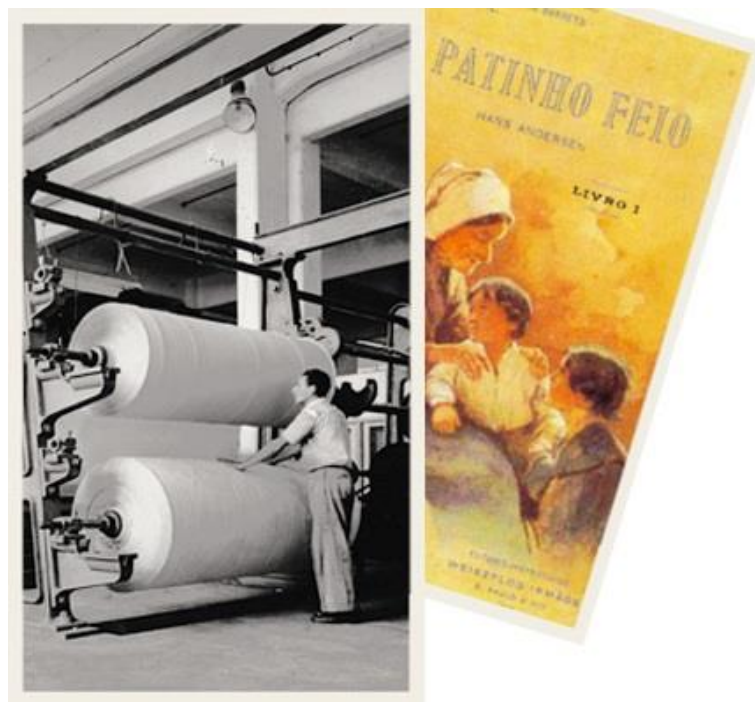
Na segunda metade do século XIX, a “Revolução Industrial”, na Inglaterra esquematizou um processo de informações via catálogo, para a escolha dos formatos industriais, com suas tipologias, características e soluções arquitetônicas. Tudo isso com o intuito de aperfeiçoar os espaços e a máxima funcionalidade: a modulação estrutural possibilitava a flexibilidade de ocupação e a iluminação poderia ser distribuída uniformemente (Figura 4).

Figura 2 – Antigo Moinho Matarazzo - Rua Monsenhor, SP



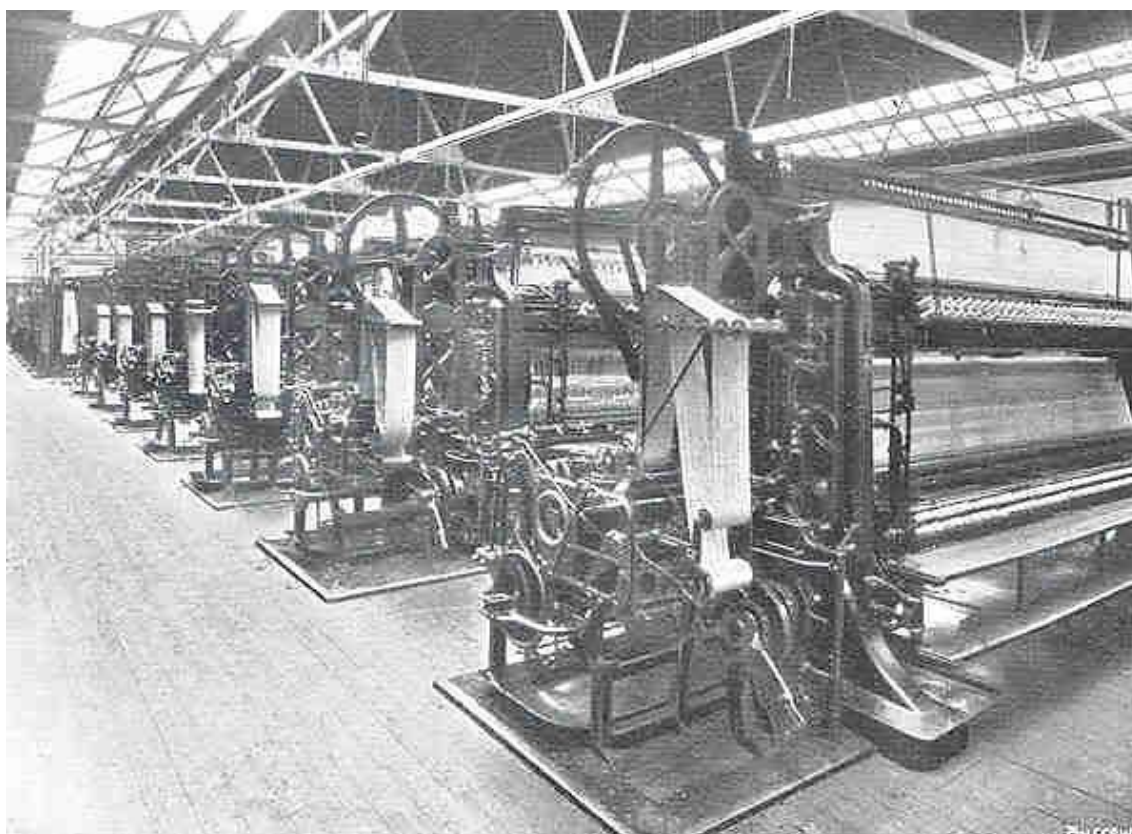
Fonte: <geolocation.ws/v/P/36355521>

Figura 3 – Companhia Melhoramentos, modulação metálica europeia



Fonte: <editoramelhoramentos.com.br>

Figura 4 – Interior industrial – modulação, luz e maquinaria



Fonte:< [architectureconnections.net/2012\\_03\\_01\\_archive.html](http://architectureconnections.net/2012_03_01_archive.html)>

## 2.1 BALDIOS INDUSTRIAIS URBANOS

Antes de abordar questões de conservação, reabilitação, revalorização ou mesmo do *retrofit* de baldios industriais, tema central desta Tese, seria importante conhecer abordagens possíveis para uma definição desses baldios. De maneira geral, baldios industriais<sup>2</sup> são descritos como sendo antigos sítios industriais – usinas ou terrenos associados a essas usinas, bem como seus entrepostos – que se encontram abandonados na atualidade, ou ainda, subutilizados (DUSMENIL e OUELLET, 2015).

Segundo o Ministério de Assuntos Municipais de Ontário, por exemplo, baldios industriais se tratam de espaços vazios ou edificações frequentemente contaminadas – solo ou água – por produtos químicos ou outros poluentes. Já, para as funções exercidas por arquitetos e urbanistas, o conceito de baldio pode representar também um espaço particular de vegetação, ou seja, um

---

<sup>2</sup> *Friches industrielles*, termo utilizado na literatura em francês; *brownfields*, termo utilizado na literatura em inglês.



espaço de “vizinhança” a ser reconquistado (SENECAL e SAINT-LAURENT, 2000).

Para Frances Dusmenil e Claudie Ouellet (2015), estes sítios abandonados ou semiabandonados estão geralmente situados em zonas urbanas, e com frequência, próximos às áreas centrais das cidades (quando nos referimos a grandes aglomerações de países industrializados). Mais raramente, é possível encontrar baldios industriais em pequenos vilarejos ou ainda em meio a localidades rurais (franja agrícola periurbana).

As razões que determinaram o esvaziamento ou subutilização dessas edificações ou complexos industriais são geralmente decorrentes dos contextos, características e vocações de cada região. Pode haver casos em que essas razões estejam conectadas a acontecimentos globais. Na Europa, estes fatos se encaixam, para muitos, em uma tendência de longo prazo, no declínio das indústrias pesadas, enquanto que na América do Norte são principalmente decorrentes de um desenvolvimento industrial com competição selvagem e de poucas regras.

Um dos fatores relevantes encontrados na literatura aferente aos baldios industriais é o alto custo de descontaminação, que funciona como freio para investimentos nesta empreitada, caso típico relatado no exemplo dos exemplos derivados da indústria siderúrgica da cidade de Liège, presentes nesta Tese. Esses custos agrupam não somente elementos técnicos, como aspectos regulamentadores e jurídicos: estabelecer quem e até em que nível pagará por esses procedimentos de recuperação (DUSMENIL e OUELLET, 2015).

Aquilo que se denomina na contemporaneidade de “cidades pós-industriais” decorre principalmente da reestruturação industrial sucedida no final do Século XX em todo o planeta, apoiada pelo processo de globalização e das tecnologias de comunicação e informação.

As técnicas, sua evolução ininterrupta e a necessidade de espaços específicos para essas ferramentas distintas das anteriores, bem como dos procedimentos diversos, derivaram na necessidade de mais espaço, ou ainda, de um espaço disposto de modo diferente. Houve mudanças nas atividades produtivas, impondo desafios não facilmente superáveis pelas velhas instalações industriais do século XIX e XX.

Muitas das edificações industriais perderam em parte ou na totalidade, as antigas funções para as quais foram erigidas.

[...] de forma excepcional, alguns desses edifícios podem seguir mantendo funcionalmente atividades produtivas herdadas de seu passado, originais ou derivadas. Nesses casos, sua conservação se converte em uma tarefa de salvaguarda de uma atividade que pode ter perdido rentabilidade econômica, mas que, por sua excepcionalidade ou raridade, conviria manter-se por razões histórico-etnológicas [...] Em países que mantiveram economias fechadas, encontram-se autênticos fósseis viventes [...] É a situação que se deu na Espanha até os anos 1970. Devido à autarquia das décadas de 1940 e 1950 se mantiveram em funcionamento instalações industriais que já haviam desaparecido em outros países, e que, todavia hoje, apesar de suspensas suas atividades, pode conservar intacto seu equipamento. É o caso também de muitos países ibero-americanos [...] (CAPEL, p. 19, 1996).

O processo de reconversão de edifícios industriais é um dos aspectos do processo de reconversão do solo industrial em outros usos. São processos que, com certa frequência, conduziram esses edifícios e seu entorno ao abandono e à degradação. Em boa parte dos casos foram derrubados e deram lugar a outros mais adequados às novas funções, ou ainda, se tornaram zonas destinadas à moradia e usos terciários.

Nas duas últimas décadas, porém, profissionais vêm discutindo e colocando em prática a conservação e reutilização de uma categoria dita “patrimônio histórico industrial”. Antigos objetos arquitetônicos que abrigavam as velhas indústrias passam a adquirir certa importância e exigir que sua simples demolição seja repensada. Valores históricos, arquitetônicos e técnicos convidam à sua manutenção, seja em parte ou em sua totalidade, e neste sentido, permitindo sua reutilização adaptativa, dentro de critérios, processos e catalogação, considerados para cada região, cultura e sociedade (CAPEL, 1996).

O desamparo provocado pelo abandono de algumas plantas industriais que abrigavam outrora atividades importantes e específicas alterou significativamente o equilíbrio das identidades locais, bem como, das dinâmicas entre casa e trabalho dos habitantes dessas comunidades. No decorrer do tempo, áreas centrais se tornam obsoletas e degradadas. Exigem renovação e requalificação, necessariamente acompanhadas de políticas públicas que

propiciem e garantam a devida revalorização desses espaços, com valor histórico e simbólico, já que o “futuro das cidades reside [também] na revitalização do patrimônio industrial obsoleto [...] e não podemos mais permitir que a cidade volte a limpar a sua própria memória” (FERRARESI, p.200, 1991, apud SCHIFFER, 2015).

A disponibilidade de áreas industriais obsoletas em zonas urbanas, relativamente centrais, convida a uma etapa de transformação e possibilita possíveis reversões de padrões tradicionais de crescimento urbano periférico. Porém, interferências desse caráter são complexas e qualquer simplificação poderia acarretar em erros estratégicos, comprometendo o êxito e apropriação de baldios industriais.

Prioridades e conexão entre planos e ações podem ser estabelecidas, como partes integrantes de um plano diretor estrutural, visando um desenvolvimento mais amplo desses agrupamentos específicos. O estudo aprofundado sobre a identidade do lugar, hábitos culturais e vocações locais são determinantes para a elaboração de propostas com intenções factíveis e duradouras.

Apesar de a industrialização ser uma consequência de um cenário global e com relações internacionais, com o acirramento da globalização pelo uso intensivo da comunicação, os fatores locais exigem soluções locais. Assim, se entende que a onda global se particulariza ao se sobrepor às questões locais como a história de uma determinada área, características socioeconômicas da cidade, aspectos naturais e experiências políticas (ZAITTER, 2009, p.53).

Propostas imediatistas ou espetaculares que não levem em conta características e vocações locais podem até fomentar, em curto ou médio prazo, algum desenvolvimento socioeconômico. Porém, sob a ótica do longo prazo, estarão sujeitas à decadência e ao retorno da condição de subutilização que as precedeu, como sucedido em alguns dos exemplos analisados nesta Tese.

Existe um claro desvio cultural em nossa sociedade contra o conhecimento do fim das coisas. Uma das imagens mais ubíquas da atualidade é aquela de edifícios e vizinhanças decadentes ou abandonadas. Zonas deterioradas, barracões vazios, teatros e cinemas fechados, comércio empobrecido, apatia urbana, todos são parte da experiência cotidiana cidadina.

A expectativa otimista de crescimento e renovação deve ser temperada pela certeza da sua decadência. Mas não há como escapar do fato de sermos governados pelo princípio dualístico de ascensão e queda (LOZANO, 1990).

Visões ampliadas e abrangentes por parte de interventores, planejadores ou poderes públicos são aceitas como instrumentos técnicos viabilizadores para afastar possíveis fracassos. Processos urbanos de envelhecimento e obsolescência são resultados de fatores complexos dentro de um enquadramento histórico: eles são compreendidos como o “efeito cumulativo de causas agindo no tempo” (LOZANO, p.103, 1990).

A obsolescência arquitetônica e urbana pode ser agrupada em três categorias: física, funcional-econômica e cultural. A degeneração física de edifícios é um processo gradual, no qual algumas partes podem debilitar-se mais rapidamente do que outras. Sistemas mecânicos e elétricos, por exemplo, serão superados mais rapidamente do que sistemas estruturais. Na limitação da vida útil dos edifícios e cidades, elementos não somente envelhecem; eles se tornam também ultrapassados.

Edificações de alta tecnologia tendem a ser mais vulneráveis à obsolescência física do que outras tipologias arquitetônicas. Em escala urbana, a decadência de sistemas construtivos é mais crítica, conduzindo a ciclos temporais na utilidade desses elementos. Ciclos temporais mais duradouros em cidades correspondem à, por exemplo, redes de circulação – ruas e avenidas – bem como espaços abertos e públicos (LOZANO, 1990).

As propostas mais complexas devem considerar e reconhecer estes fatores e suas influências no padrão urbano envolvente, para só então, atuar construtivamente sobre esses episódios inevitáveis de envelhecimento e declínio.



## 2.2 RETROFIT

### *RETROFIT* ARQUITETURAL

Considerando que a arquitetura atende às necessidades das pessoas em conjuntura histórica e social, as edificações vão perdendo a sua finalidade e necessitam de adequação no tempo e no contexto da atualidade: usos, normas, tecnologias e funcionalidade. Existe um serviço de renovação nomeado de *retrofit* que mantém as características originais do prédio, prolonga sua vida útil e pressupõe uma interferência integral.

A renovação de elementos arquitetônicos demanda a instalação de dispositivos técnicos fabricados em tempo diverso dos existentes. Dessa forma, arquitetos estabelecem relações entre o uso da ferramenta do *retrofit* e as inovações tecnológicas. Quando os recursos tecnológicos aplicados aos projetos inserem-se na realidade das condições do edifício, surge um novo campo de atuação para que o profissional possa dar uma utilização adequada às velhas edificações.

Cabe aos gestores da construção civil, em particular aos que irão embrenhar-se na recuperação, manutenção e restauração de edifícios, considerarem que os aspectos ambientais de uma construção são tão relevantes quanto os aspectos técnicos e econômicos, considerando que mesmo um *retrofit* causaria impacto no meio natural. Assim, adotarem uma postura técnica que contribua para minimizar tais impactos utilizando tecnologia limpa e não poluente utilizada em pequena ou grande escala que possua a possibilidade de ser absorvida pela sociedade como um todo (MORAES; QUELHAS, 2012, p. 451).

A forma como se resgata a memória histórica de um imóvel é outro aspecto das atuações sobre os processos de decomposição de um edifício. Halbwachs (2015) adverte que a história não é tudo que fica no passado, pois existe uma história viva que se immortaliza ou se reaviva no tempo produzindo novos modelos. Na cidade de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo, arquitetos fizeram ressurgir elementos da memória histórica do período modernista (1950) retratado em uma residência por meio da técnica do *retrofit*.

Projeto de reforma e interiores de uma residência com características modernistas na cidade de Presidente Prudente, elaborado para a disciplina de interiores comercial, da pós-

graduação de arquitetura de interiores, em parceria com as Arquitetas Camila Zorato e Natâni Rumin. Esse projeto visa realizar um *retrofit* sem criar um falso-histórico, portanto, buscou-se preservar os elementos modernistas e elementos históricos da residência, restaurando-os, como o revestimento de pastilha, pilotis e o piso de taco, e realizar uma intervenção contemporânea, porém mantendo o equilíbrio entre os elementos, resultando no projeto do Café Retrô (PORTFÓLIO, 2015).

O conceito de memória, segundo o filósofo e sociólogo Maurice Halbwachs (2015), remete às recordações e lembranças individuais armazenadas. Estas, porém, nunca estão descontextualizadas de testemunhos de um grupo específico que reforça ou enfraquece uma informação. Não se pode negar a subjetividade de reflexões, contudo ela tem limites. Existem laços sociais que materializam discursos individuais e compartilham identidades e significados.

Para a arquiteta Lina Bo Bardi a intenção do *retrofit* é interferir em uma construção existente utilizando a linguagem contemporânea. Ela explica o que seria o cerne do *retrofit*: "Na prática, não existe o passado. O que existe hoje e não morreu é o presente histórico. O que você tem que salvar - salvar não, preservar - são certas características típicas de um tempo que pertence ainda à humanidade" (VERNILO et al., 2015, p. 937).

Jacques Le Goff, historiador francês, reconhece o trabalho de Halbwachs para buscar conceituar aspectos deste tempo e acrescenta a ideia de existirem lutas pelo poder com o intuito de selecionar lembranças que permanecem nas relações contínuas entre o presente e o passado. Lavabre (2015), em seu artigo sobre usos e desusos (*mesusages*) dá uma noção de memória e afirma que o conceito resiste às polissemias, às cronologias de significações, à falta de consensos, críticas, e que esse conceito, apesar de tudo, continua existindo como fenômeno social.

*Souvenir de l'expérience vécue, commémorations, archives et musées, mobilisations politiques de l'histoire ou "invention de la tradition", monuments et historiographies, conflits d'interprétation, mais aussi oublis, symptômes, traces incorporées du passé, occultations et falsifications de l'histoire: la "mémoire" embrasse décidément trop et signale par là-même*

*le caractère métaphorique de son usage* (LAVABRE, 2015, p. 48)<sup>3</sup>.

A memória individual, impregnada de tudo citado pela autora, é uma atividade construtiva e racional da mente, com suas dimensões imaginativas e sensoriais, composta de sentimentos, palavras e ideias, esboça pontos de vista de um ambiente e de relações estabelecidas entre os integrantes de um grupo.

Quanto mais inseridos estão os sujeitos em um grupo, mais condições eles têm de retomar “as suas memórias como também de contribuírem para a recuperação e perpetuação da memória do grupo” (LEAL, 2015, p. 6), agregando pareceres e relatos que os identificam. O passado é reconstruído a partir do presente, direcionado pela vontade de organizar as representações.

A identificação de um contexto temporal que particulariza aquele acontecimento diante de muitos outros pode possibilitar que ele seja lembrado por meio de vestígios que se destacam quando pensamos no momento em que ele ocorreu. Nas palavras de Halbwachs (2006, p. 156), “os limites até onde retrocedemos assim no passado são variáveis segundo os grupos e é o que explica porque os pensamentos individuais conforme os momentos (...) atingem lembranças mais ou menos remotas” (LEAL, 2015, p.6-7).

O *retrofit* é uma ferramenta de revitalização que faz uso das tecnologias dos materiais para manter lembranças perdidas e atender às necessidades de eficiência e conforto dos usuários da cidade. Nas práticas, são empregados recursos diversos daqueles aplicados em reformas para modernizar e readequar instalações e equipamentos. A forma de trabalhar diferenciada da convencional enfrenta os desafios dos riscos, da imprevisibilidade, da produtividade, do planejamento e da mão-de-obra.

No conceito do termo *retrofit* estão presentes duas ações obrigatórias que o caracterizam na ambientação: (a) mudança de uso; e (b) renovação do que era retrógrado com a permanência da obra arquitetônica. Em outras palavras, pode-se dizer que uma história esconde-se atrás de novas obras e fica coerente com o presente. Seria como dar validade a estruturas e fundações de qualidade de uma edificação que estava esquecida, abandonada,

---

<sup>3</sup> Lembrança de experiência vivida, comemorações, arquivos e museus, mobilizações políticas da história ou “invenção da tradição”, monumentos e historiografias, conflitos de interpretações, mas também esquecimentos, sintomas, traços incorporados do passado, ocultações e falsificações da história: a “memória” abraça decididamente, em excesso, e assinala por aqui mesmo o caráter metafórico de seu uso (tradução livre).

deteriorada... Um exemplo ilustrativo é o caso “Saúde - *Retrofit*”, uma obra realizada para o IX Grande Prêmio de Arquitetura Corporativa.

A proposta arquitetônica do projeto apresentado pela DASA tem como foco o bem-estar do paciente. Há uma atenção especial aos espaços de espera, estar e contemplação, marcados pela diversidade de materiais cujo objetivo é amenizar o caráter institucional e impessoal que normalmente os ambientes de saúde apresentam. A decoração deixa bem clara a intenção, de mesclar o antigo e novo, respeitando a riqueza da arquitetura do edifício - um casarão de estilo eclético, tombado em nível municipal no final do século XX. (MORAIS, 2015, p. 34).

O *retrofit* pode também estar refletido além da arquitetura também na decoração, pois ao mesmo tempo dissolve as finalidades projetadas para edifícios históricos sem deixar de falar do seu passado e cogitar seu futuro. São readaptações que portam e ostentam títulos como indústria, palácio, clube, hípica e outros, mas que têm usos internos pendentes, imprevisíveis e incompletos que dependem de manutenção e consumo. Sem deixar de representar a arquitetura da época, a plástica contribui para que ele permaneça no tempo e no conjunto urbano. “O propósito do *retrofit* [é] a renovação arquitetônica do edifício e a ampliação dos espaços internos para atender uma maior demanda da empresa, [instituição] ocupante” (WERTHEIMER, 2015, p. 43). No retrofit feito na sede corporativa da Roche Pharma

[...] foi adicionado ao edifício original, um novo pavimento construído em estrutura metálica com a inclusão de um grande pórtico para valorizar a entrada e a recepção. Elementos não estruturais de fachada foram removidos, possibilitando maiores vãos com esquadrias e vidros de última geração, maximizando o aproveitamento da iluminação natural e a apreciação do jardim. Uma nova prumada de elevadores foi criada para adequar o fluxo vertical ao aumento da área útil dos pavimentos, tendo sido também necessária a criação de uma nova escada de emergência. Todas as instalações e infraestruturas foram modernizadas. De forma inovadora, o projeto alia modernidade e conforto. O pavimento térreo abriga áreas para visitantes, salas de reunião multifuncionais, cafés e pátios internos para reuniões informais e descanso (WERTHEIMER, 2015, p. 43).

A passagem do tempo nos diz que o edifício pode ou não permanecer atraente. Então, seriam necessárias ações de renovação e mudança de uso

para adquirir outra representatividade? Sim, pois o objeto arquitetônico perdeu sua função e o espaço não mais condiz com as exigências técnicas e as normas de segurança. Todavia, as adequações construtivas, preservando sua originalidade, são feitas a partir de estudos criteriosos de viabilidade que giram em torno de custos e benefícios.

No projeto da arquiteta Betty Birger - um centro de treinamento regional do SEBRAE na cidade de São Paulo - exemplifica os diferenciais encontrados em um projeto de *retrofit* comparado aos de uma reforma<sup>4</sup>. O desafio foi “metamorfosar” um edifício tradicional de oito andares em um centro multidisciplinar para capacitar e formar os integrantes do Serviço Brasileiro de Apoio de Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Este espaço visa prover pessoal treinado, incluindo a oportunidade de reciclar saberes e conhecimentos, motivadores do desenvolvimento pessoal e profissional.

O novo ambiente deveria refletir os conceitos da empresa que é inovadora, de vanguarda, empreendedora, referência e conectada. Os espaços foram projetados visando a criação de recintos que estimulem a integração e inovação, sustentáveis, inspiradores, flexíveis e agradáveis. Adotamos como diretrizes: ambientes saudáveis (luz do dia / vista, ar, temperatura); espaços e materiais sustentáveis; eficiência de energia; “Future proofed” – capacidade para crescer e diminuir; móvel / mutável; o espaço refletindo a imagem e cultura da empresa; acessível, confortável e atrativo (BIRGER, 2015, p. 43).

É preciso que o *retrofit*, enquanto conceito aplicado na arquitetura urbana valorize o imóvel e mude sua aparência envelhecida, sobretudo aqueles situados em locais onde o potencial construtivo está esgotado. Por isso, fazem parte desta técnica ações de demolição de partes da construção existente, o reforço estrutural, os fechamentos internos, os acabamentos, as substituições na rede hidráulica, elétrica e telefônica, a climatização e intervenções nas fachadas e nos pisos.

Estas mudanças também reduzem a carga térmica, o consumo de água, energia e as emissões de CO<sub>2</sub>, quando privilegiados os materiais modernos como as placas solares, recursos de controle solar (*brises*), sistemas de

---

<sup>4</sup> Reforma é o “ato ou efeito de reformar; mudança para melhor; melhoramento; conserto; reparação; modificação; reorganização, substituição de objetos fora de uso; nova forma, intervenção que busca o retorno à função original [...] sem preocupação quanto à preservação” (FLEMMING; QUALHARINI; 2015, p. 5).

aproveitamento das águas pluviais, iluminação e ventilação naturais, o uso de técnicas e diversidade de materiais da construção sustentável. Mantém-se o compromisso com as características da arquitetura original, simultaneamente renova-se a estrutura e potencializa-se seu desempenho predial, compatibilizando-a com as restrições urbanas e ocupacionais.

Outras ideias que estão na raiz do conceito de *retrofit* transcorrem por soluções corretivas, atualização tecnológica, preservação da identidade, viabilidade econômica para o investidor e incorporação produtiva do edifício no conjunto urbano. O conceito se aplica também em grandes áreas urbanas e construções que apresentam limitações estruturais e necessitam adequações geográficas e físicas.

Também chamado de reciclagem tecnológica, esta modalidade construtivo-arquitetônica se aplica a qualquer tipo de edificação. É uma alternativa sustentável de renovação, sobretudo para aqueles imóveis bem localizados, patrimônios históricos e marcos importantes, muitas vezes ícones socioculturais.

Em 1997, o governo dos Estados Unidos da América escolheu o *retrofit* para a modernização de um dos edifícios mais icônicos da história americana: o Pentágono. O maior edifício administrativo do mundo era então um dinossauro tecnológico, muito próximo da morte, com instalações elétricas, hidráulica e lógica em ruínas, as quais continham inúmeros materiais tóxicos como amianto e mercúrio, entre outros. Sua reabilitação estrutural e tecnológica nos moldes de um *retrofit* custaria mais do que o dobro da opção de fazer uma nova casa. Apesar dos custos, a opção do governo baseou-se no indiscutível valor histórico e simbólico do edifício (ver Figura 5). O artigo de Evey (2015), fala de seu papel na direção das obras de *retrofit*, quando pôde verificar como as pessoas estavam convencidas do forte significado deste imóvel para o povo americano.

As the former manager of the Pentagon Renovation Program, I have often listened as people have related [...] their vivid memories of September 11, 2001[...]. More than U\$4 billion were designated for these program, the largest design and construction program of its type in U.S. history [...] One truth gave me hope: I was convinced that people strive and succeed not just for money and not just because a book of regulations tells them to. They strive when they believe in a cause and are

led by people who share that belief and are willing to personally sacrifice to reach those common goals (EVEY, 2015)<sup>5</sup>.

Figura 5 – Ataque terrorista ao Pentágono – 2001 – durante as obras de *retrofit*



Fonte: <[constructionbusinessowner.com/management/workforce-management](http://constructionbusinessowner.com/management/workforce-management)>

Entretanto, o projeto de *retrofit* do Pentágono tomou uma importância muito maior com o advento dos ataques terroristas de 2001. Aos planos iniciais foram adicionadas ações de segurança antes não previstas, tais como vidros térmicos antibombas, paredes de concreto duplicadas e uma tela interna que amparasse estilhaços de alvenaria. Pode parecer ilógico, mas o edifício do Pentágono levou 16 meses para ser construído, e no entanto, exigiu 16 anos para ser modernizado. Uma obra hercúlea baseada mais no valor sentimental de uma nação do que propriamente no sentido prático e financeiro, o que vem a corroborar com ideia de preservação e conservação de valores culturais e simbólicos por grupos relevantes ou mesmo uma nação inteira.

---

<sup>5</sup> Como o ex-gerente do Programa de Renovação do Pentágono, muitas vezes tenho escutado como as pessoas têm relacionado [...] às suas memórias vívidas de 11 de Setembro de 2001 [...] mais de U\$ 4 bilhões foram destinados ao projeto, o maior programa de concepção e construção de seu tipo na história dos EUA [...] Uma verdade me deu esperança: eu estava convencido de que as pessoas se esforçam pelo sucesso não apenas por dinheiro, e não apenas porque um livro de regulamentos lhes diz isso. Elas se esforçam quando acreditam em uma causa e são lideradas por pessoas que compartilham essa crença e estão dispostas a se sacrificarem pessoalmente para alcançar objetivos comuns (Evey, 2015).

## 2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO *RETROFIT* EM BALDIOS INDUSTRIAIS URBANOS

Um baldio industrial talvez não esteja inserido em um contexto político tão singular para concorrer com as mesmas forças simbólicas do Pentágono americano. São representações diferenciadas de uso que contam e pesam na tomada de decisões. Em ambos os casos, o *retrofit* cresce em valor. Busca pela modernização e transforma em lugar de destruir. Ao destruir os edifícios pode-se estar destruindo uma cultura, apagando seu passado e impedindo seu direito de existir.

Vastas áreas industriais baldias ou pouco utilizadas que correspondem a centenas de metros quadrados podem abrigar oportunidades apropriadas para usos diversos, impensados até então, todavia condizentes com as possibilidades e vocações locais. A conversão destes espaços oferece chances de revitalização de cidades ou bairros, melhora do ambiente social da população que vive nas proximidades, e ainda faz possíveis novos usos, permanentes ou temporários, ampliando a atratividade econômica local.

Um baldio industrial de 22 mil metros quadrados, em pleno coração da cidade de Jaguariaíva - PR, como é o caso do Complexo Matarazzo, pode tratar-se de uma ocorrência relevante e justificar o aprofundamento de uma proposta de renovação e reuso. Nesse sentido, se faz necessário um estudo sobre distintos modelos de aplicação, sejam eles já consagrados ou em fase de implantação.

No entanto, a redistribuição de espaços para outras atividades, não é sempre simples, e problemas ou processos complexos devem ser considerados: descontaminação de solos (no caso de baldios contaminados), a participação de proprietários públicos e privados, visão comum, preocupação ambiental, coabitação com as demais atividades locais, remodelação, desfragmentação, coordenação dos diferentes atores (comunidade, proprietários privados, empresas, municipalidade).

A reconversão ou o *retrofit* de um baldio industrial consiste em encontrar-lhe uma nova vocação permanente ou transitória versus uma



utilização “definitiva” (nada é realmente definitivo). A iniciativa pode vir de uma coletividade em busca de um espaço para ali realizar uma operação, bem como, pode vir de promotores governamentais ou privados, em busca de incorporações habitacionais, comerciais, coletivas, parte de programas regionais ou ainda nacionais. Em todos os casos, as atividades e os desenhos anteriores, pertencentes aos baldios industriais seriam levadas em conta dentro da nova vocação ou reuso. Do contrário não se denominaria essa interferência arquitetônica de *retrofit*.

Dentro do contexto urbano atual, o *retrofit* dos baldios industriais tem representado a possibilidade de densificar-se o tecido urbano. O reconverter ou reabilitar<sup>6</sup> com tecnologia sustentável oportuniza a coletividade local, e entre outros benefícios, permite recuperar a terra em locais onde ela é mais rara, sempre e desde que, sejam respeitadas as propensões e a escala territorial.

#### 2.4 LOZANO E SEN – APORTES TEÓRICOS

Como caminhos para compreender e criar propostas factíveis apresenta-se teóricos e teorias que analisam duas categorias bastante utilizadas na contemporaneidade: diversidade e desenvolvimento durável. Novos cenários socioeconômicos estão presentes e o leque de teorias e interpretações é diverso. Entretanto, políticas de identidade e vocação têm sido construídas para “incluir” grupos e associações, infelizmente poucas vezes mobilizadas por governos via políticas públicas. Hierarquias operacionais de intervenção social vêm sendo reconstituídas, buscando artifícios de abrangência, propiciando diversas leituras e interpretações sobre realidades sociais. Abordam-se interpretações teóricas, tomando como ponto de vista algumas categorias selecionadas e as teorias que lhes dão suporte.

Como marco teórico dois autores são trazidos como basilares - Eduardo E. Lozano, no momento em que fala sobre diversidade sensorial e socioeconômica, e Amartya Sen ao discorrer sobre desenvolvimento com qualidade de vida. Ambos são tomados como estratégia principal para propor

---

<sup>6</sup> A reabilitação de um edifício de valor histórico se restringe a conservação praticamente integral das características arquitetônicas, estruturais e de instalações das edificações, onde o foco principal é manter o monumento quase que totalmente intacto. A reconversão pode ser entendida como adaptação física e estrutural de maneira a convergirem com os aspectos de sustentabilidade (basicamente no viés social, econômico e ambiental) em favor das melhores definições para o mesmo (RODERS, 2007).

um sistema com boas chances de sobrevivência, que seja perene em médio e longo prazo, e passível de retroalimentação.

Matarazzo é hoje um complexo arquitetônico importante na cidade de Jaguariaíva PR, e sua inserção urbana, que abriga um conjunto de edificações históricas, define traçados urbanísticos e acolhe bens materiais e imateriais, parte de um contexto hoje pouco valorizado dentro das potencialidades pensadas nesta tese.

Foram considerados os testemunhos das atividades que influenciaram e ainda influenciam a vida cotidiana da cidade, suas consequências históricas mais profundas e que justificariam a preservação e conservação dessa estrutura, visando sua sustentabilidade física, econômica, cultural e social.

Ao propor novos meios de usos, consumo e apropriação do imóvel outrora industrial, se discutirá caminhos possíveis para a reinserção desse patrimônio na história paranaense. Meios que surgem em princípio de ideias, de propostas e projetos que chamem a atenção dos círculos políticos e legais, e que possam atrair investimentos de interesse público e/ou privado, como já acontecem em diversos lugares do Brasil e do mundo, em espaços patrimoniais similares.

A requalificação deste espaço viria a resgatar os pontos fortes da região e materializá-los em forma de diretrizes projetuais, com o intuito de resultar em propostas econômicas, arquitetônicas e urbanísticas condizentes com a realidade econômica e social da cidade.

Ao substituir o “porquê” fazer de determinado modo, usualmente encontrado na literatura sobre estratégias, pelo “como” fazer, Mércya Carvalho e Tânia Fischer (2000) procuram mostrar como uma organização local pode integrar uma rede de serviços mais dinâmicas dentro da economia. A partir da constituição de redes sociais e do estabelecimento de condições de governabilidade, as autoras fazem uma opção teórica pela perspectiva de redes sociais, que destaca os laços representativos das trocas entre indivíduos, grupos e organizações em rede. Uma contextualização dinâmica, mas concentrada, exige mecanismos de coesão e determinação dessas redes sociais (governo local, iniciativa privada, fornecedores, bancos de desenvolvimento e organizações de lazer) na formação de uma aliança econômica.

Os ideais formulados no campo socioeconômico-ambiental exigem dos atores sociais não apenas idealismo e boa vontade, mas também a capacidade de lidar de forma consciente e construtiva com os crescentes desafios do desenvolvimento de uma localidade e a cooperação de seus agentes na realização de objetivos comuns (JUNQUEIRA, 2000).

O contexto dinâmico sugerido para a proposta de um empreendimento durável do ponto de vista socioeconômico, pode ser compreendido como um espaço de ações locais, tendo como pressupostos a descentralização, a participação comunitária e um modo de promover o desenvolvimento que possibilite o surgimento de grupos capazes de abastecer as necessidades imediatas, despertando-os para suas vocações locais, permitindo ampliar potencialidades mais específicas.

## 2.5 DIVERSIDADE

Para apoiar a afirmativa da necessidade de diversidade nas propostas para o Complexo Matarazzo, buscaram-se as teorias de Eduardo Lozano (1990), com quem a autora teve a oportunidade de trabalhar diretamente entre 1996 e 2000. Lozano é arquiteto e urbanista nascido argentino, naturalizado norte-americano, professor da Universidade de Harvard, criador da pós-graduação em urbanismo de Princeton, foi ainda Conselheiro do Departamento de Estado norte-americano e do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Convocado por Henry Kissinger, secretário de Estado norte-americano entre 1973 e 1977, Eduardo trabalhou como coordenador da reconstrução das cidades de Manágua, na Nicarágua (1972) e Manila nas Filipinas (1976), após grande destruição pelos terremotos.

Ao falar sobre desenho urbano em seu livro "Community Design and the Culture of the Cities – the crossroad and the wall", o autor defende a ideia de que, se houver um elemento único que possa caracterizar um desenho urbano notório, esse seria a "atração visual". Comunidades tradicionais têm consistentemente obtido êxito ao gerar imagens visuais com forte apelo estético. Trata-se de um apelo universal que transcende tempo e espaço para extrair reações positivas dos observadores, sejam provindos de categorias diversas – críticos profissionais, turistas ou usuários cotidianos. Que fatores

seriam responsáveis para esses êxitos? Consistiriam em algumas dessas ocorrências transferíveis para lugar e tempo contemporâneos?

Segundo Lozano, se debatem questões vitais quanto ao ambiente visual e este não se refere apenas a mais uma escolha marginal no mundo dos usuários; se abordam qualidades essenciais na vida de todos, as quais não podem ser mensuradas por índices econômicos quantitativos. A pobreza estaria espalhada pelo mundo, mas existiria uma diferença quântica entre vizinhanças decadentes e o orgulho citadino em tantos outros lugares ao redor do planeta. Para ele, é verdadeiro que a diferença está enraizada não somente na qualidade visual, mas também na coesão social, coerência cultural e unidade cosmológica. Qualidade visual seria apenas uma das facetas de qualquer verdadeira comunidade, representando outras camadas de integração sociocultural.

Quando se alcança alguma compreensão das diversas camadas de percepção entre seres humanos e ambientais, a questão chave passa a ser sobre quais informações devem ser geradas pelas formas urbanas propostas, para satisfazer as necessidades visuais, psicológicas, sociais e econômicas.

O cérebro humano combina informações em padrões – grupos lógicos – para assimilar a enorme quantidade de dados que recebe. Ele também deseja mudanças nesses padrões para evitar a monotonia. Assim, formas são organizadas por combinação de padrões repetitivos e mudanças desses mesmos padrões, de acordo com uma relação estável. Essa condição é que Platão chamava de “unidade em diversidade” ou “regularidade em processos randômicos”. O reconhecimento de padrões e das mudanças realizadas sobre os padrões como resposta das necessidades visuais e psicológicas se conforma como característica universal de ordem perceptiva, reconhecimento e aceitação desses novos padrões ou processos (LOZANO, 1990).

O desejo de ordem, entre seres humanos, comunidades, ou mesmo planetárias, está presente desde as culturas primitivas. A vontade de organização manifesta-se de tempos em tempos como um ideal abstrato após manifestações no mundo real haverem sido construídas; as cidades utópicas da renascença italiana são um exemplo.

Nas cidades medievais, encontra-se um conjunto de marcos de orientação, como as muralhas defensivas, *plazas* com marcantes edifícios civis

ou religiosos e algumas vias principais, sempre identificáveis por sua localização, sua maior escala e sua forma. Um marco de orientação mantém uma relação constante com a organização urbana total: muralhas rodeiam o perímetro da cidade, vias principais se originam nos portões das cidades e se dirigem aos edifícios principais ou *plazas*. O labirinto de vias secundárias que preenchem os interstícios entre as avenidas principais oferecem diversidade de todos os tipos: surpresa, mistério, múltiplas opções e interpretações alternativas.

Qualquer atividade inserida no labirinto de vias centrais de uma cidade estará sempre a curta distância de caminhada de um marco urbano. Esse marco por vezes é uma torre, um domo visível ou, tal qual o objeto de estudo desta tese, uma gigantesca estrutura fabril cravada no miolo urbano.

Conseguir diversidade pode ser uma árdua tarefa por parte do projetista. Caminhos teóricos oferecem, no entanto, duas vias: através da ênfase e economia de meios. Ênfase seria um caminho de escalada, passando através de um processo de seleção que precisa ser sempre incrementado e de uma superavaliação de riscos. É o caminho do “pitoresco”, das típicas produções historicistas ou das “contemporaneidades do absurdo”. Em contraste, economia de meios seria o caminho das “dicas e pistas”, no qual o observador deve compreender, interpolar ou extrapolar, e ainda interpretar, em lugar de unicamente “perceber” essa diversidade. Essa avenida se baseia em uma ordem de sutil diferenciação e de simbolismo valorizado. Seria a aproximação do desenho vigoroso a uma cultura vital. Esse caminho corrobora com a escolha do *retrofit*, em lugar da simples demolição para a troca de usos (LOZANO, 1990).

Até o momento, falou-se de diversidade no sentido sensorial. Ainda há que discorrer sobre diversidade no sentido socioeconômico. Pode-se considerar que, ambientes monótonos restringem oportunidades comportamentais e, por conseguinte, culturais e socioeconômicas. Dessa forma, geralmente o ambiente construído ao redor das pessoas se torna acomodativo e não determinístico, e nesse caso, afetaria o comportamento humano adversamente pelas restrições de suas opções.

O conceito de gerenciamento da diversidade (*diversity management*) foi um movimento disseminado primeiramente nos Estados Unidos e tratava

inicialmente de políticas não discriminatórias empresariais nos finais dos anos 1970, e apareceu como método no decorrer da década de 1980, dentro dos discursos de especialistas de recursos humanos – Roosevelt R. Thomas como figura mais visível – antes de ver-se banalizado dentro do campo da economia na década seguinte (BERENI, 2009).

O surgimento da diversidade traduz a requalificação de antigas políticas que buscavam igualdade de oportunidades (Equal Employment Opportunity) e afirmação ativa (Affirmative Action), dentro dos termos de resultados econômicos. A emergência da diversidade atesta um processo de gerenciamento do direito, apropriação e transformação. Os discursos atuais sobre diversidade, difundidos por uma literatura empresarial abundante substituem as dimensões jurídicas e morais de políticas não discriminatórias por discursos da eficácia econômica (business case) destas políticas, oferecendo vantagens comparativas (BERENI, 2009).

Frédéric GASCHET e Claude LACOUR (2007) propõem incorporar dois conjuntos de análises para tratar de diversidade. O primeiro trata do crescimento de cidades e acumulação de capital humano – uma conexão entre concentração urbana e acumulação de capital humano, fundamentada sobre a existência de externalidades dinâmicas de aprendizado sem deixar de lado os fundamentos clássicos da cidade criativa e provedora de riquezas do conhecimento – os laboratórios de talentos – que acolhem indivíduos adquirindo algumas de suas habilidades através de interações com outros indivíduos.

O segundo conjunto aborda a preferência pela diversidade das atividades intensivas. Trata, dentro do contexto urbano, do saber se as empresas tiram vantagem da especialização da cidade no que se refere à suas indústrias, ou da diversidade econômica da mesma.

A centralidade urbana pode garantir a diversidade de funções pela presença real ou potencial dos atores que têm um interesse comum em propor e decidir por si mesmos, soluções satisfatórias às suas expectativas. A capacidade de combinar e articular decisões pressupõe a existência de atores e atividades, numa cultura compartilhada de benefícios, para gerenciar localmente escolhas que podem afetar a economia local. Um bom exemplo são

os polos de competitividade, que demonstram capacidade de ratificar a necessidade de cooperar.

Para isso são necessárias oportunidades de *networking* e a cooperação entre as partes interessadas: líderes empresariais, políticos, colaboradores individuais, comerciantes, agências governamentais, bancos, laboratórios, escolas, produtores regionais, entre outros. A factibilidade desse tipo de cooperação depende mais dos atores que sabem decidir e implantar, dos poderes, das redes, dos serviços, do que de uma estratégia territorialmente específica e controlada.

Cidades que dispõem de um estoque de capital de valores estão mais propícias ao desenvolvimento, pois são aptas a determinar funções urbanas de referência e se esforçam em detectar e utilizar ferramentas que permitam realizar investigações de produtos, serviços e práticas empresariais para melhoria dos níveis de desempenho (GASCHET e LACOUR, 2007).

Eduardo Lozano (1990) defende que a diversidade é um fator chave na conservação da flexibilidade e adaptabilidade dentro do sistema. Para a sustentabilidade dos ecossistemas, a diversidade depende de uma variedade de grupos e de níveis de igualdade entre os outros grupos, que podem ser compreendidos como sistemas socioequalitários urbanos.

Para o autor, a diversidade e a estabilidade parecem estar conectadas. E qual seria a importância da diversidade? Valeria à pena modificar os modelos homogêneos e de desenvolvimento urbano isolado, a fim de obter a diversidade?

A diversidade seria apenas um *bouquet garni*<sup>7</sup> da vida e da necessidade para a longevidade do ecossistema global incluindo o homem e a natureza? “Eu acredito firmemente que há inúmeras razões para reduzir o predomínio de setores, aumentar a diversidade e maximizar a riqueza das comunidades urbanas” (LOZANO, p.144, 1990).

Diversidade, que implica em generalização, seria o oposto de dominância, que implica em especialização. O autor alerta para o fato de, em determinadas condições, o processo de desenvolvimento tender a ameaçar a diversidade – o aumento do tamanho e de complexidade dos grupos, bem

---

<sup>7</sup> Expressão francesa para “mix de temperos”.

como a concorrência entre eles, poderia também reduzir o número de grupos, abrindo espaço para a dominação, que nada mais é que a predominância de um determinado setor ou um único proprietário de um segmento, que se “pretendia” composto por vários pequenos representantes.

O processo econômico segue o processo ecológico muito proximamente: estágios iniciais com elementos pequenos e simples, e taxas de reprodução rápidas – como no mundo liberal de Adam Smith (1981) – são seguidos por estágios de elementos mais longos e complexos, com taxas de reprodução mais lentas. Também nos processos de urbanização, estágios iniciais com altas taxas de crescimento são seguidos por fases maduras de potencial de crescimento lento, mas com melhores capacidades de adquirir equilíbrio dinâmico.

Assim, apesar da estabilidade aumentar conforme se processa o desenvolvimento dos primeiros estágios, ela é também ameaçada se ocorrer superespecialização e dominância indevida. Então, novamente, diversidade e estabilidade parecem estar conectadas. As comunidades melhor organizadas para lidar com as contingências locais podem ser objetivamente definidas como a comunidade em uma paisagem com dominância mínima.

Para Lozano (1990), a diversidade seria então o melhor caminho para que uma comunidade possa minimizar crises originárias de uma estrutura dominante: uma estratégia para fortalecer o controle social e o ambiente físico, adquirindo uma proteção mais adequada relativa a distúrbios e eventos surpresa. Uma comunidade urbana diversificada com equilíbrio político pode ser uma combinação resiliente, aprazível e justa. Em contraste, cidades marcadas pela superespecialização, controladas por grupos dominantes, estão sujeitas a períodos de crise intermitentes, devidos à concentração desequilibrada de poder, homogeneidade e segregação.

Esta parece ser a situação exata ocorrida com o Grupo Matarazzo e seu Frigorífico de Jaguariaíva. Uma cidade mantendo conexões quase que exclusivas com um segmento, uma superespecialização, um senhor dominante e assistencialista, fortalecendo uma comunidade dependente e apática.



## 2.6 DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE

Prêmio Nobel de 1998, nascido em Santiniketan, na Índia em 1933, economista e filósofo, formou-se pela Universidade de Cambridge (1952), Amartya Kumar Sen notabilizou-se por seus trabalhos sobre a economia do bem-estar social. Quando de seu retorno à Índia, deu conferências na Universidade de Jadavpur e tornou-se professor da Escola de Economia de Délhi.

Sen, intensamente marcado pela fome que ainda atinge seu país aprofundou seus estudos nas economias dos países em desenvolvimento e as condições de vida das populações mais pobres do planeta. Em 1981 escreveu seu livro mais conhecido, “Pobres e Famintos: Um Ensaio sobre Direito e Privação”. Em 1999 publicou “Desenvolvimento como Liberdade”, foco principal deste aporte teórico.

Analisando catástrofes na Índia, em Bangladesh, na Etiópia e no Saara africano, Sen demonstra que até quando o suprimento de alimentos não é significativamente inferior comparado ao de anos anteriores, pode ocorrer privação e fome. Sua conclusão é que a escassez de comida não constitui a principal causa da fome como acreditam os acadêmicos, e sim a falta de organização governamental para produzir e distribuir os alimentos.

Hoje o autor é reitor da Universidade de Cambridge é ainda professor de universidades da Europa, dos Estados Unidos e da Ásia. Intelectual cujos múltiplos interesses são entrelaçados por um humanismo incondicional.

Entendendo as desigualdades do mundo contemporâneo como principais obstáculos ao seu desenvolvimento humano e social, Sen realiza uma verdadeira anatomia dos fundamentos da injustiça, em que aponta as contradições das correntes jurídicas atualmente dominantes. Oferece uma nova visão acerca de conceitos tais como miséria, pobreza, fome e bem-estar social.

Para Amartya Sen, o desenvolvimento tem que estar relacionado, sobretudo com a melhora da vida dos indivíduos e com o fortalecimento de suas liberdades. Explica como o desenvolvimento depende também de outras variáveis, além das tradicionais citadas anteriormente, ampliando assim, o leque de meios promovedores do processo de desenvolvimento. Dessa forma o

autor aponta, além da industrialização, do progresso tecnológico e da modernização social, as disposições sociais e econômicas, a exemplo dos serviços de educação e saúde, e os direitos civis, tal qual a liberdade política, como exemplo de fatores de promoção de 'liberdades substantivas'.

O êxito de uma sociedade deve ser avaliado através das liberdades substantivas que os indivíduos dessa determinada sociedade desfrutam. Tal modelo de avaliação do êxito de uma sociedade difere do modelo de avaliação clássico, que se foca apenas em variáveis como renda real.

Sen fala sempre de "liberdades substantivas". Tais liberdades seriam os frutos do desenvolvimento, em que a falta de disposições sociais e econômicas, tais como os serviços de saúde e educação, limitam a atuação livre dos cidadãos impedindo-os de se alimentarem adequadamente, adquirirem remédios e tratamentos, obterem conhecimento e instrução e uma variedade de opções de formação técnico-profissionalizante.

Um indivíduo tem sua liberdade limitada quando enfrenta tais carências, às vezes obrigado a viver em condições degradantes, sem perspectivas de alcançar idades mais avançadas ou de participar de maneira atuante na política, a exemplo do modelo proposto por Jürgen Habermas (1994) acerca da cidadania deliberativa, no qual os atores sociais devem deliberar em conjunto na elaboração e implantação das políticas públicas.

O desenvolvimento, segundo Amartya Sen, não pode ser analisado apenas segundo o modo tradicional restritivo do crescimento do PIB e da renda. Lança alguns exemplos para demonstrar essa teoria, que põem em cheque a eficácia desse tipo de perspectiva e ilustram sua teoria do desenvolvimento como liberdade. Para o autor:

O que as pessoas conseguem realizar é influenciado por oportunidades econômicas, liberdades políticas, poderes sociais e por condições habilitadoras, como boa saúde, educação básica, incentivo e aperfeiçoamento de iniciativas (SEN, 2012, p. 18).

A liberdade procedente desses arranjos institucionais é influenciada pelos próprios atos livres dos agentes, como uma via de mão dupla, diante da liberdade de participar de escolhas sociais e tomadas de decisões públicas, que conduzem o avanço dessas oportunidades. As liberdades constitutivas, como a liberdade de participação política, de receber educação básica e

assistência médica, não apenas colaboram para o desenvolvimento, como são decisivas para o fortalecimento e expansão das próprias liberdades constitutivas.

De maneira inversa, a limitação de uma liberdade específica, tal como uma privação de liberdade econômica, por pobreza extrema, por exemplo, contribui para a privação de outras espécies de liberdade, como a social ou a política, tornando esse processo um encadeamento no qual há influências recíprocas e interligadas. Para Sen, as liberdades denominadas como “instrumentais” (liberdades políticas, econômicas, sociais, garantias de transparência e segurança protetora) têm a capacidade de ligarem-se umas às outras contribuindo com o aumento e o fortalecimento da liberdade humana de modo geral.

A análise que faz acerca do desenvolvimento contempla particularmente a expansão das “capacidades” das pessoas no sentido de terem condições de levar o tipo de vida que valorizam, as quais não são necessariamente comuns a todos. Essas capacidades podem ser aumentadas pela política pública, mas a direção desta política pode ser influenciada pelo uso efetivo das capacidades participativas dos indivíduos. Essa relação de certo modo dialética é fundamental em todo o processo proposto pelo economista.

Ponderando e comparando os níveis de renda de grupos populacionais dos Estados Unidos, por exemplo, Sen aponta como a população afro-americana é relativamente mais pobre que a de americanos brancos, mas muito mais ricos quando comparados com habitantes oriundos do chamado Terceiro Mundo. Todavia, os afro-americanos têm chances absolutamente menores de alcançar idades mais avançadas quando comparados a esses mesmos habitantes do Terceiro Mundo, como China, Sri Lanka ou partes da Índia, ainda que possam se sair melhores em termos de sobrevivência nas faixas etárias mais baixas.

A explicação para esses contrastes decorrem de disposições sociais e comunitárias como cobertura médica, serviços de saúde públicos, educação escolar, lei e ordem, prevalência de violência, entre outros. Comparando tais grupos diante desta perspectiva, fica evidente que os afro-americanos são, nesse caso, mais excluídos e limitados no que se refere à liberdade do que os chineses ou indianos, ainda que detenham maior renda quando comparado a

estes mesmos grupos. Este exemplo é terminante para apreender o significado legítimo do desenvolvimento. Mostra o quanto percepção e avaliação de desenvolvimento ficam limitados quando aferidos unicamente através da renda.

Amartya Sen em nenhum momento deixa de lado a importância dos mercados para o processo de desenvolvimento, tampouco de sua contribuição para o elevado crescimento e progresso econômico. No entanto, alerta que aceitar que sua contribuição influenciaria somente o crescimento econômico seria restringir o papel dos mercados, pois a liberdade de troca e transação é ela própria uma parte essencial das liberdades básicas que as pessoas têm razão para valorizar:

A contribuição do mecanismo de mercado para o crescimento econômico é obviamente importante, mas vem depois do reconhecimento da importância direta da liberdade de troca – de palavras, bens, presentes. (...) a negação do acesso aos mercados de produtos frequentemente está entre as privações enfrentadas por muitos pequenos agricultores sujeitos à organização e restrição tradicionais. A liberdade de participar do intercâmbio econômico tem um papel básico na vida social (SEN, 2012, p. 20,21).

Significa que, entrar em mercados livremente, em contraposição ao trabalho por coação, ou por falta de outra opção, contribui por si só, e é fundamental para o desenvolvimento, independentemente de suas influências para a promoção do crescimento econômico ou para a industrialização.

Amartya Sen realiza seus estudos observando sistemas políticos diversos, incluindo os modelos ditatoriais. Por essa razão aponta o sistema político democrático como a ponte mais adequada em direção a uma das liberdades principais, a liberdade política. O autor demonstra que no modelo democrático os demais tipos de liberdade podem ser fortalecidos e que nesse sistema é nula a ocorrência de 'fomes coletivas' ente outros desastres econômicos. Há pobreza, pobreza extrema, mas nunca fome coletiva, o que de fato ocorre em muitos governos totalitários.

Esses fenômenos negativos são imensamente maiores em países com regimes ditatoriais e opressivos. Governantes ditatoriais não são estimulados a tomar medidas preventivas acerca dessas questões, pois não precisam apresentar projetos para vencer eleições, ao contrário do que acontece num ambiente democrático.

Pessoas sem liberdades políticas ou sem direitos civis estão privadas de liberdades importantes para conduzir suas vidas e de participar de decisões terminantes ligadas a assuntos públicos, restringindo suas vidas social e politicamente. Desse modo, todos os tipos de privações devem ser considerados repressivos, mesmo que não acarretem outros males.

Amartya Sen encontra uma metodologia bastante distinta das tradicionais para entender o processo do desenvolvimento. Faz uma aproximação com a filosofia de Aristóteles no que se refere à riqueza (que por si própria não seria o bem que os homens almejam, e sendo sua utilidade avaliada tão somente diante de sua capacidade de obter alguma outra coisa). A riqueza por si só não seria o alvo de interesse real (ou primeiro) dos indivíduos, mas sim as experiências e estilos de vida com os quais a riqueza estabelece pontes.

As liberdades, dessa forma, precisam ser encaradas idealmente como meios e fins ligados ao desenvolvimento, de modo a alcançar um grau de liberdade consolidado que possa vir a ser cada vez mais usufruído pelos indivíduos. A abordagem geral se concentra nas capacidades de as pessoas fazerem coisas que elas têm razão para prezar e na sua liberdade para levar um tipo de vida que com razão valorizam.

Em “Desenvolvimento como Liberdade”, a perspectiva baseada na liberdade pode levar em conta “o interesse do *utilitarismo*<sup>8</sup> no bem-estar humano, o envolvimento do *libertarismo*<sup>9</sup> com os processos de escolha e a liberdade de agir, e o enfoque da teoria *rawlsiana*<sup>10</sup> sobre a liberdade formal e

---

<sup>8</sup> O Utilitarismo visa alcançar o maior valor da existência humana, a felicidade, não no sentido meramente individual, mas no aspecto coletivo. Economicamente, é também a vantagem de todos que deve servir de parâmetro para se tomar ou não uma decisão, ciente de que ela é ou não correta.

<sup>9</sup> Na área civil, o Libertarismo defende todas as liberdades individuais e se opõe a todas as tentativas do governo de moldar as vidas dos cidadãos. Na área econômica, o Libertarismo contesta o direito do governo de restringir o livre comércio de qualquer forma ou forçar os cidadãos a financiar através de impostos projetos que eles jamais apoiariam num ambiente de livre mercado.

<sup>10</sup> A Teoria da Justiça de John Rawls: no quadro do liberalismo social de hoje, retoma a discussão ocorrida nos tempos da Grécia Antiga, na “República”, de Platão. Ocasão em que, por primeiro, debateu-se quais seriam os fundamentos de uma sociedade justa. Para Rawls os seus dois pressupostos são: 1) igualdade de oportunidade aberta a todos em condições de plena equidade e: 2) os benefícios nela auferidos devem ser repassados preferencialmente aos membros menos privilegiados da sociedade, os *worst off*, satisfazendo as expectativas deles, porque justiça social é, antes de tudo, amparar os desvalidos. Para conseguir-se isso é preciso, todavia, que uma dupla operação ocorra. Os *better off*, os talentosos, os melhor dotados (por nascimento, herança ou dom), devem aceitar com benevolência em ver diminuir sua

sobre os recursos necessários para as liberdades substantivas” (SEN, 2012, p.118).

Quando Sen fala de mercados, liberdade e trabalho - reconhece seus méritos. O enfoque tradicional costuma ser o dos *resultados* que esses mercados produzem, como por exemplo, as rendas ou utilidades geradas por eles. Mas para o autor, o argumento ainda mais importante em favor da liberdade de transações dos mercados baseia-se na importância fundamental da própria liberdade. “Temos boas razões para comprar e vender, para trocar e buscar um tipo de vida que possa prosperar com base nas transações” (SEN, 2012, p.151). Sen resgata a função ubíqua das transações da vida moderna, que com frequência passa despercebida e é desvalorizada, por parecer natural e inquestionável. Assim, a análise do desenvolvimento e o papel da ética empresarial elementar, segundo sua ótica, devem ser retirados da obscuridade e receber um reconhecimento.

## 2.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE DIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE

Para o êxito de qualquer proposta de inovação oferecida a uma comunidade, faz-se imprescindível sua coevolução frente às mudanças provocadas. A durabilidade das ações depende de trabalho constante relativo às capacitações, às bases de conhecimento, aos atores e às instituições. Todos são determinantes comuns para que quaisquer ações sejam bem sucedidas. O estudo conjunto das diferentes dimensões setoriais torna possível identificar as deficiências de sistemas que poderiam comprometer a utilidade da intervenção e seu bom desempenho econômico e inovativo.

Dessa forma, seria possível melhorar sempre, considerando-se o espaço e as vocações regionais, retroalimentando o aparelho. Ao identificarem-se eventuais falhas e definirem-se suas causas, os atores – entre eles os arquitetos - podem corrigi-las através de interferência direta ou indireta nas estruturas organizacionais e institucionais do sistema, ou mesmo nas

---

participação material (em bens, salários, lucros e status social), minimizadas em favor do outros, dos desassistidos (RAWLS, 1997).

interações entre elas, melhorando seu desempenho. Em seu livro *Del Diagrama a las experiencias: hacia una arquitectura de la acción* Josep Maria Montaner reforça:

Neste momento crucial, na segunda década do século XXI, ao saber arquitetônico acumulado até hoje, lhe faz falta uma nova proposição a partir dos novos dados da realidade. Deve superar-se a rigidez disciplinar para potenciar mecanismos mais versáteis e adaptáveis que possam ir transformando-se, que reforcem uma arquitetura baseada na igualdade de direitos, que sejam expressão da diversidade, realizados com participação e com os objetivos do reequilíbrio ecológico e da sustentabilidade. A arquitetura avança e evolui como saber interdisciplinar, não como disciplina fechada e autossuficiente (MONTANER, 2014, p. 8).

Este capítulo buscou explorar, do ponto de vista teórico-metodológico, conceitos de diversidade e desenvolvimento como liberdade, propostos por Eduardo Lozano (1990) e Amartya Sen (2012). Dentre os conceitos que buscam explicar os processos de interferência arquitetônica e urbana, estas duas ideias adequam-se melhor aos fatos locais, bem mais realistas, pois se ocupam não só das relações entre a comunidade, dos possíveis atores, como também das relações com todo o ambiente – instituições, base de conhecimento e demanda.

O capítulo seguinte aborda a seleção e análise de algumas interferências do tipo *retrofit*, realizadas em antigos baldios industriais ou baldios conectados a operações industriais. Trata-se de um recorte proposital, com o intuito de, através dessas experiências anteriores, buscar propostas cabíveis ao Complexo Matarazzo, com melhores possibilidades de avaliar os meios do que e como fazer, ou ainda, do que não fazer, evitando-se dessa forma, caminhar pelo universo das utopias.

### 3 INTERVENÇÕES EM BALDIOS INDUSTRIAIS URBANOS

Baldios industriais, de uma maneira geral, provocam a degradação do entorno, a redução do valor das propriedades vizinhas, um distanciamento das atividades econômicas e das possibilidades de emprego. Em alguns casos, esses baldios podem constituir-se em ameaças ambientais, dependendo de suas origens fabris. No plano social, sua existência pode provocar a deterioração de bairros ou mesmo cidades, e dependendo da escala, podem ameaçar a segurança pública e reduzir a qualidade de vida.

Por conseguinte, a reabilitação desses espaços abandonados ou subutilizados, como no caso do Complexo Matarazzo de Jaguariaíva - PR reveste-se de uma importância redobrada para o planejamento do território e a oferta de novos espaços reciclados, destinados às atividades diversas, sejam elas econômicas, comerciais, culturais, educacionais, recreativas, ou mesmo habitacionais. Nesse sentido, os espaços urbanos podem converter-se em oportunidades de redução na expansão urbana e nos custos financeiros ambientais que daí decorre.

O *retrofit* urbano possui um *slogan* - estampar uma nova condição e forma sobre a cidade. São então os baldios industriais que se vestem de funções distintas e desfrutam de novos recursos técnicos. Ou seja, espaços sociais, comerciais, acadêmicos e culturais para enumerar os tópicos principais de uma microeconomia durável. O que se poderia colocar em evidência antes de trabalhar sobre a diversidade do projeto de *retrofit* do Complexo Matarazzo?

Foram selecionados cinco modelos de intervenções arquitetônicas em baldios industriais de distintos países:

Espanha - Matadero Madrid, na cidade de Madrid.

França - Parque de La Villette, na cidade de Paris;

Brasil - Fábrika, antiga Fábrica de Fitas Venske, na cidade de Curitiba;

Argentina - Puerto Madero, na cidade de Buenos Aires;

Bélgica - Projeto Verdir®, na cidade de Liège.

Todos esses exemplos conseguiram ou estão prestes a conseguir sua marca e divulgá-la no mundo. Formam um conjunto indicativo a se estudar, pois já devolveram as antigas áreas industriais à cidade. Foram projetos



analisados com o intuito de buscar pistas, sinais e metodologias apropriadas para avaliar e interferir em antigas edificações.

Os próximos subcapítulos trazem à luz essas experiências de *retrofit*, arquitetônicas e urbanas. O Parque de La Villette, o Matadero Madrid, o Puerto Madero e a Fábrika (Venske), são projetos aplicados e consolidados há tempo suficiente para que suas apropriações e resultados possam ser apreendidos e estudados. O quinto exemplo se encontra ainda a meio caminho, mas com resultados possíveis de investigação – trata-se do projeto Verdir®, encabeçado pela universidade de Liège, com apoio governamental e da iniciativa privada.

O subcapítulo 3.1.6 falará do Complexo Matarazzo de Jaguariaíva – PR e das iniciativas aplicadas até 2013, bem como das oito entrevistas realizadas com moradores locais. São iniciativas apenas embrionárias, implantadas pela municipalidade, e que carecem da companhia de outras atividades que possam oferecer ao edifício a condição de ocupação necessária.

Após a análise de cada *retrofit* arquitetônico, com interferência nos usos e recursos, foram selecionadas notícias, opiniões e comentários de visitantes e observadores para compreender como se deu a apropriação das propostas (os enunciados foram retirados principalmente do *website* “tripadvisor” entre outros). Recorreu-se à análise do discurso, que trabalha com a narrativa do enunciadador e seu ponto de vista (GREGOLIN, 1995).

### 3.1 MATADERO MADRID

Na Espanha, a maior parte da recuperação da cultura foi feita nos últimos 20 anos, quando mosteiros, palácios e igrejas desmistificadas foram convertidas em salas de concerto, museus, bibliotecas.

A herança industrial em Madrid, desde os anos 1980, a reutilização de espaços industriais teve um impulso significativo, principalmente em consequência da forte intervenção do estado. Alguns dos casos pioneiros de destaque foram: o edifício sede do sistema de captação de água (Canal Isabel II) transformado em salas de exposição e a antiga fábrica de cervejas El Águila, transformado na biblioteca regional e arquivos de Madrid.

Nos últimos 15 anos tomaram lugar as restaurações do matadouro municipal de Madrid e sua transformação em um centro de criação contemporâneo, o Matadero de Madrid; la Tabacalera de Lavapiés, transformado em um centro sociocultural e o Caixa Forum, projetado pelos arquitetos Herzog & de Meuron (Basileia e Suíça), espaço que abrigava antes uma antiga central elétrica e um posto de gasolina.

#### MATADERO MADRID – *RETROFIT* COM EXPERIMENTAÇÃO, REVERSIBILIDADE, EQUILÍBRIO

O Matadero Madrid se conforma nos dias atuais (2015) como uma indústria de arte ofertada e desenvolvida pela Área de las Artes del Ayuntamiento de Madrid dedicada a promoção e produção da criação artística contemporânea. O matadouro se tornou em poucos anos uma das paisagens características da cidade de Madrid. Assentado sobre o esplêndido conjunto de pavilhões projetados por Luis Bellido no início do século XX como matadouro e mercado de gado, este centro de apoio à criação contemporânea concentra junto a Madrid Río e diversas intervenções exemplares, a nova arquitetura madrilenha.

A superfície encerrada por este elemento urbano-arquitetônico, em seus anos de funcionamento como matadouro, é de 165.415 m<sup>2</sup>. Essa área permitia sua ampliação com folga absoluta. Do montante total dessa área, 34.559,78 m<sup>2</sup>, poderiam ser destinados às futuras ampliações ou para o pastoreio de

gado, ainda que seu destino final acabasse sendo o um de parque, traçado anos depois pelo próprio Bellido, em colaboração com o jardineiro Cecilio Rodríguez.

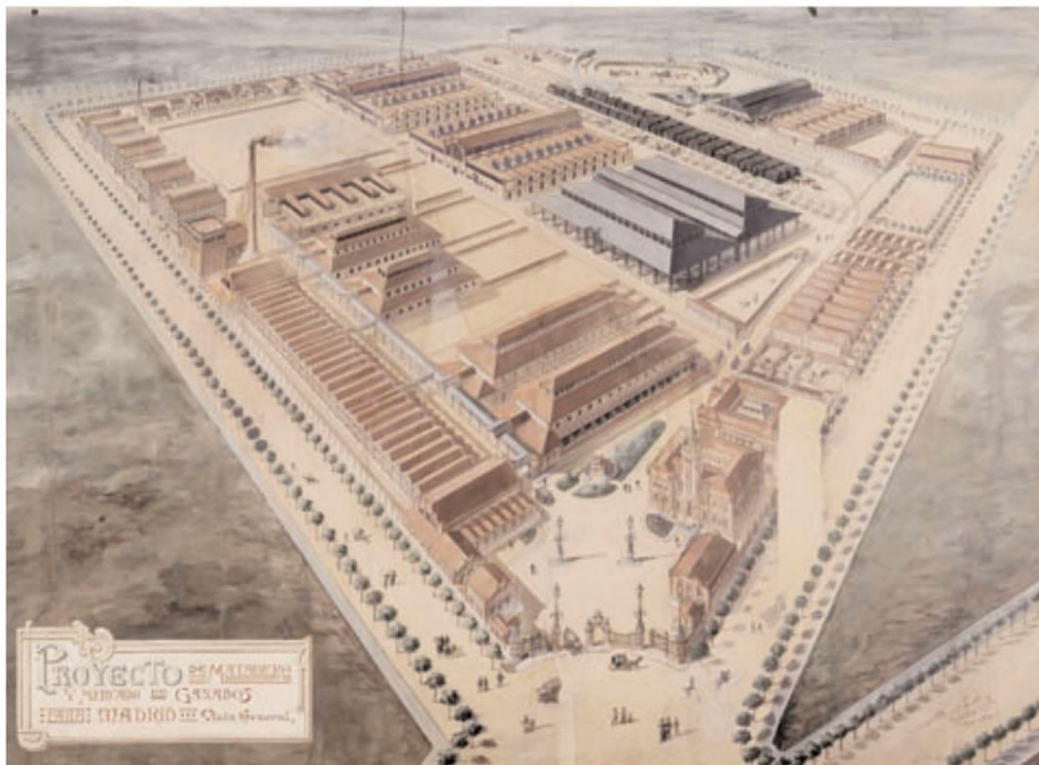
Desde 2005, data da concessão para uso cultural do recinto, sob a direção da área das Artes da Prefeitura de Madrid, iniciam-se as novas atuações arquitetônicas que têm como premissa fundamental a preservação da parte externa das naves. Sem entrar em contradição com a anterior, o centro se converteria em um campo de experimentação arquitetônica, com a reversibilidade das atuações como linha mestra, fazendo o possível para que os edifícios pudessem ser devolvidos ao seu estado original.

As intervenções tentam manter todas as pegadas do passado para reforçar o caráter experimental das novas instituições que alojam. Para isso, buscou-se o equilíbrio entre o respeito do espaço e uma dotação específica, que o distinguiu, através do uso limitado de materiais industriais diretos e que, ao mesmo tempo, proporcionasse serviços aos diferentes usos que pudessem acomodar.

Por ordem do conselho da cidade de Madrid, o arquiteto Luis Bellido y González foi um dos que se ocuparam do projeto de design do matadouro de Madrid, enquanto o engenheiro Eugenio Ribera executava a construção (ver Figura 6). A duração da obra levou de 1908 até 1928, e permaneceu em funcionamento até 1996, quando todas as operações foram finalmente introduzidas no Mercamadrid (atual plataforma de distribuição de alimentos de Madrid).

O projeto do arquiteto Luis Bellido y González foi estruturado na ordem de um complexo de pavilhões caracterizados pela funcionalidade, construção racional e conceito de simplicidade. Apesar disso, Bellido não deixou para traz alguns elementos históricos, incorporados nos recursos do Neo-mudejár tais como telhas com design abstrato.

Figura 6 – Matadero Madrid - isométrica



Perspectiva de conjunto (proyecto previo). Luis Bellido. Archivo de Villa de Madrid.

Fonte:212.145.146.10/ejercicio/concursos/concursos\_ocam

O projeto se tratava de uma tentativa de superação da linguagem arquitetônica própria e nova para os novos estabelecimentos de caráter eminentemente utilitário. Buscava evitar o academicismo em benefício da disposição mais conveniente e prática, da sinceridade e economia construtiva, mesmo sem renunciar à beleza. Na memória do projeto já se via sua aposta em materiais regionais, principalmente tijolos, granito e alvenaria, assemelhando-se ao modelo clássico da arquitetura castelhana. Originalmente havia 48 edifícios, que depois foram acrescentados para 64 (ver Figura 7).

O complexo arquitetônico conta hoje com boas condições excepcionais de patrimônio arquitetônico. O conjunto arquitetônico era como uma pequena cidade, bem planejada, com um mercado pecuário, espaços de espera e tratamento do gado, organização e administração, premissas sanitárias, depósitos de veículos, bancas, ruas primárias e secundárias, conexão ferroviária, uma capela e até mesmo algumas instalações de alojamento para alguns trabalhadores e guardas (ver Figura 8). Esta arquitetura e estrutura cumpriram seu papel de eficiência e funcionalidade, sem esquecer-se dos valores estéticos da época, como também o uso de materiais contemporâneos.

Figura 7 – Matadero Madrid, 1918



Vista general de la sección sanitaria. Publ.: Luis Bellido, *El nuevo Matadero y Mercado de Ganados*, 1918.

Fonte:212.145.146.10/ejercicio/concursos/concursos\_ocam/130606\_ecotop

O que Luis Bellido estava oferecendo no Matadero, desde o ponto de vista compositivo, era a participação no principal debate arquitetônico de sua época: a busca de um estilo nacional: o Castizo, que poderia servir de guia à sua geração. Por isso sua proposta não está muito longe das reinterpretações históricas madrileñas de Cisneros e Lujanes, conjugando o próprio elemento com avanços modernos, conseguindo assim, transformar seu desenho em um antecedente imediato da renovação arquitetônica dos anos vinte (COAM, 2015).

Durante a guerra o local estava muito próximo do *front* e, por conseguinte, algumas unidades foram utilizadas como depósitos de armas. Depois disso, várias novas formas de uso foram tomando lugar, como a instalação de um depósito de batatas e ainda um espaço social. Nos anos de 1970 as instalações começaram a cair em desuso, e nos anos de 1980 iniciaram-se os primeiros projetos de renovação.

Figura 8 – Matadero Madrid



Fonte:<212.145.146.10/ejercicio/concursos/concursos\_ocam/130606\_ecotop>

Durante estes últimos, parte das instalações começou a ser recuperada e dedicada ao uso do governo. O arquiteto Rafael Fernandez Rañada reformou a antiga área de gestão e administração, depois o mercado de bezerras, e desse modo, a Casa del Reloj (antiga administração), tornou-se sede dos escritórios do conselho municipal de Legazpi. Depois de alguns anos, no início dos anos 90 o arquiteto Antonio Fernandez Alba transformou o antigo depósito de gado, desta com um primeiro aceno aos usos de cunho cultural, com o estabelecimento de espaços de ensaio para a Compañia Nacional de dança e o Ballet Nacional (companhia nacional de dança e ballet nacional).

O conselho da cidade continuou gradualmente os trabalhos de restauração, especialmente as renovações estruturais. Este processo por vezes negligenciou certos detalhes da arquitetura original, mas ao mesmo tempo, esta pode ser a razão pela qual, hoje em dia, há uma imagem clara do conjunto - mais versátil para as novas funções.

Sua racionalidade construtiva, funcionalidade e sensibilidade conceitual viriam aparatar o Matadouro. Desde a sua inauguração, como um autêntico modelo para a Espanha, o matadouro de Madrid teve seu uso prolongado por

quase seis décadas, exercendo o papel de modelo de um projeto bem sucedido. Somente sua localização, absorvida pelo crescimento da cidade, causou seu fechamento em 1996.

Um ano depois, o local foi prontamente registrado no plano geral urbano espanhol. Por causa dessa localização, foram inclusos três eixos do plano de recuperação cultural: o centro Conde Duque (antiga estrutura militar); o Palacio de Comunicaciones (antigo palácio das comunicações) e também no Plano Madrid Río (2006-2011), estes dois últimos parte de planos multimilionários, em busca da cultura e do impulso urbano. Esses planos sofreram diversas controvérsias e críticas devido à situação financeira da Espanha nos últimos anos. Entretanto, foram concebidos nos estágios iniciais do crescimento econômico.

Em setembro de 2005, o último plano de adaptação arquitetônica e urbano-ambiental foi aprovado resultando em um projeto que visava respeitar a arquitetura e converter 75% do espaço em uso cultural. O projeto final de regeneração deu nascimento ao Matadero Madrid Centro de Créacion Contemporánea, incluindo os edifícios, os armazéns e os pavilhões, que foram abertos em 1996.

Para acentuar o caráter experimental do futuro centro, todos os trabalhos de restauração foram desenvolvidos mantendo os vestígios do passado, em uma flexível e reversível limitação aos materiais industriais, buscando um equilíbrio entre o respeito pela antiga arquitetura e os novos usos. O orçamento total da regeneração do local foi de 110 milhões de euros. A primeira etapa, escolhida pelo conselho da cidade, foi o que se fizesse uma profunda investigação histórica junto com o estudo da infraestrutura e da arquitetura (CABRAL, 2013).

Estes estudos foram executados pelo Serviço histórico da fundação da Faculdade de arquitetos de Madrid (COAM, 2015) e o departamento *Grafic Ideation* da escola técnica superior de arquitetura de Madrid. Estas análises foram realizadas na zona sul do conjunto industrial e formaram a base do projeto de regeneração. Fizeram parte gerentes culturais, arquitetos, curadores, restauradores, engenheiros, cenógrafos, museógrafos, contabilistas, servidores civis e uma gama de outros recrutados.

Visto que a maioria dos trabalhos na Espanha foi realizada por famosos arquitetos internacionais, o projeto de intervenção para o Matadero Madrid decidiu apostar em uma jovem geração de arquitetos espanhóis: Arturo Franco, José Antonio García Roldán (*Hall* e espaços intermediários), José Antonio García Roldán (Central de desenho), Ginés Garrido, Carlos Rubio e Fernando Porras (Ruas e praça Matadero), Alejandro Virseda, José Ignacio Carnicero e Ignacio Vila Almazán (nave 16), Maria Iargarita e Victor Navarro (nave de música), José María Churtichaga e Cayetana de la quadra Saldeco (cinemateca) e Antón García Abril (Casa do leitor). Houve ainda, inúmeras colaborações para a realização de espaços de arte, como por exemplo, o diretor de teatro Mario Gas, e o cenógrafo Jean Guy Lecat, o cenógrafo técnico Francisco Fontanals e o arquiteto municipal Emilio Esteras.

Todos esses projetos ganharam algum reconhecimento, como o 1.º prêmio de arquitetura e urbanismo *del ayuntamiento de Madrid*, pela melhor reabilitação em 2007, finalista do ENOR Priza 2007, finalista do FAD 2012 Architecture Prize pela reabilitação da nave 16, como uma versátil exibição do espaço de mais de 4.000 metros quadrados (ver Figuras 9, 10, 11, 12 e 13).

Uma técnica marcante foi utilizada na adição do conjunto: a instalação de uma central, que por meio de uma junta de tubos de água subterrâneos fornece água fria, quente e potável, proteção contra incêndios, energia elétrica, linha aterrada, som e dados. Este sistema possibilita uma redução significativa de eletricidade e custos de manutenção, melhorando a sustentabilidade do projeto.



Figura 9 – Matadero Madrid – Casa do Leitor



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 10 – Matadero Madrid – teatro móvel ao ar livre



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 11 – Matadero Madrid – espaço da memória



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 12 – Matadero Madrid – oficinas



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia



Figura 13 – Matadero Madrid – pátio



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

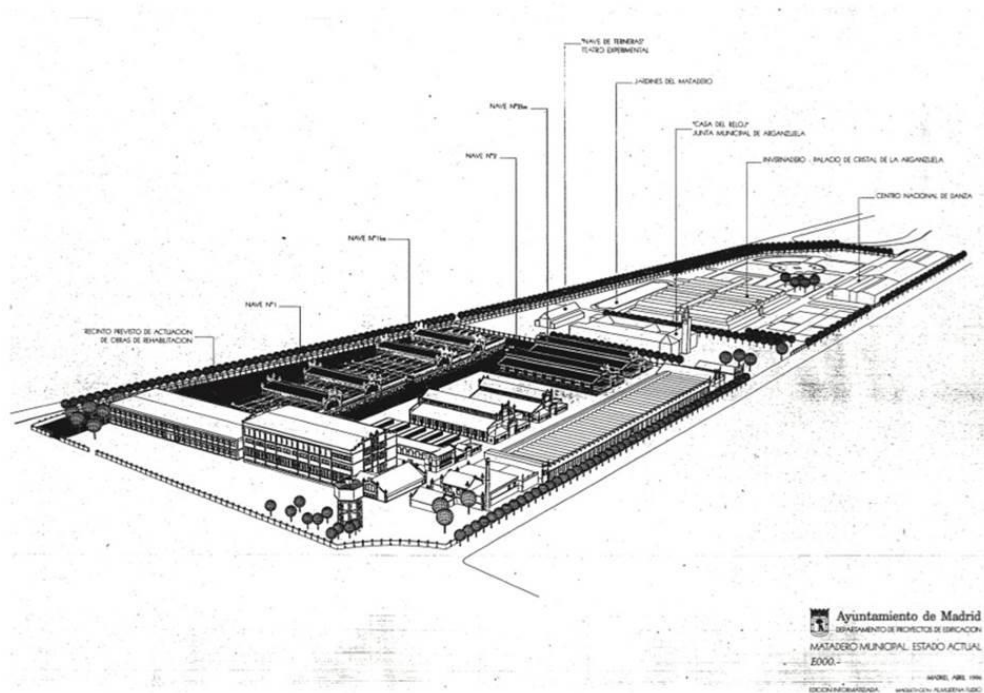
O projeto cultural Matadero Madrid é baseado em três áreas de ação: treinamento, produção e disseminação de arte contemporânea. A principal missão é promover a criação artística contemporânea, com atenção especial às explorações transdisciplinares. Visa também melhorar a imagem de Madrid na escala internacional como outra grande metrópole cultural europeia, fomentando uma troca internacional nos campos criativos. Mantém desse modo, uma relação próxima com outros centros internacionais de criação artística colaborando com instituições culturais de prestígio da Europa e outros continentes, com ênfase particular na América Latina (CABRAL, 2013).

Apesar da significativa importância do espaço, como um dos mais proeminentes locais industriais do país, o atual projeto cuida dos valores do patrimônio industrial a partir do ponto de vista arquitetural, além do uso do nome: o Matadero Madrid resume a inteligência coletiva, a unidade que é inferida pela arquitetura industrial pré-existente. Com um mínimo de protagonismo exterior das novas intervenções, bem como, rigor e autenticidade no interior, o desenho tenta resolver as diversas necessidades do extenso programa do centro, buscando não somente manter os espaços arquitetônicos

e formas estruturais, como também o caráter, a atmosfera e sobretudo o irrepetível passo do tempo. (ver Figuras 14, 15, 16 e 17).

Em termos de interferência nos moldes de *retrofit*, o Matadero Madrid conforma uma bela experiência – no sentido plástico e tecnológico - e presenteia a vizinhança, bem como toda a cidade, com uma variedade de oportunidades para passar-se algumas horas do dia. Porém, em visita ao local, no mês de janeiro de 2015, a pesquisadora observou que as três principais áreas de ação propostas - treinamento, produção e disseminação de arte contemporânea – são insuficientes para a desejada apropriação do empreendimento.

Figura 14 – Matadero Madrid – isométrica 2013



Fonte: <[mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf](http://mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf)>

Figura 15 – Matadero Madrid – vista aérea



Fonte: <[mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf](http://mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf)>

Figura 16 – Matadero Madrid – implantação



Fonte: <[mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf](http://mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf)>

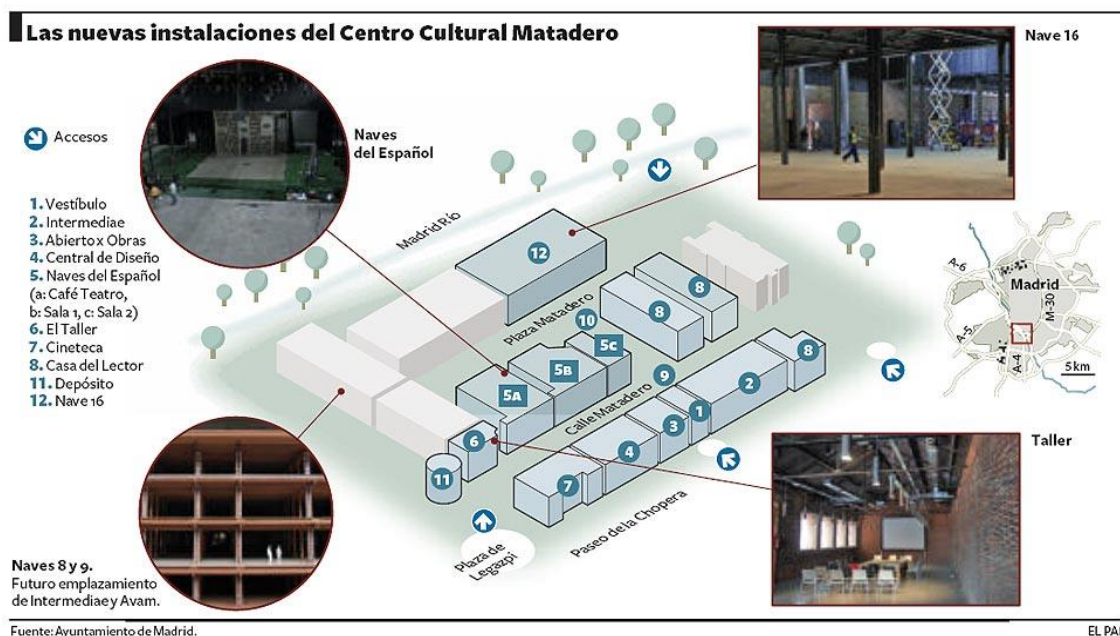


Figura 17 – Matadero Madrid - corte



Fonte: <[mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf](http://mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf)>

Figura 18 – Matadero Madrid - diagrama



Fonte: <[tectonicablog.com/docs/tectonica\\_arturo\\_8b%20red.pdf](http://tectonicablog.com/docs/tectonica_arturo_8b%20red.pdf)>

O bairro de Legazpi, zona onde o Matadero está situado, desfruta desse investimento governamental no sentido de que essas interferências trabalharam a revalorização daquela área, impedindo que fosse contaminada por uma maior degradação. Tudo o que se vê ao redor do patrimônio industrial está muito bem cuidado. O problema pode estar no pouco uso. Trata-se de um investimento de 110 milhões de Euros destinado a pequenos grupos de visitantes, sejam locais ou turistas. As grandes naves estão praticamente desertas, mesmo em dias ensolarados.

A função unicamente cultural de um empreendimento de grande porte como esse, mesmo que faça parte de uma cidade com aproximadamente 3,2 milhões de habitantes (index mundi 2012), aparenta ser insuficiente para atrair um público maior e constante.

### 3.1.1 Discursos do enunciador - Matadero Madrid – avaliação de viajantes

Disponível em: [http://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g187514-d2412546-Reviews-Matadero\\_Madrid-Madrid.html](http://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187514-d2412546-Reviews-Matadero_Madrid-Madrid.html). Acessado em: abril de 2015.

#### 1 “Liked the botanical gardens” (13 junho 2014)

*We walked around on a week day morning waiting for the restaurant to open for lunch. I liked the architecture and the idea that such old building used for animal slaughter have been transformed in theaters etc. But at the same time it had a feeling of emptiness and unfriendliness. What I really liked and I suggest to visit are the botanical gardens in there. They have a separate glass pavilion with four different gardens from various areas of the world, desert, tropical etc. It was very well made and maintained, and interesting to see the different varieties.*

O texto está ancorado nos pronomes pessoais “nós”, “eu”, “eles”, “este” e no eco do “tu” o que confunde a real subjetividade e individualidade do depoimento. Certamente a visita foi feita por mais de uma pessoa (Nós) e a primeira leitura do espaço foi a frustração das expectativas quanto ao horário

do comércio que existe no ambiente. O restaurante estava fechado. Neste ínterim, foi observada a arquitetura e a mudança surpreendente das funções do prédio, fato que causou prazer ao observador. Mas, o que realmente parece atrativo e merecedor de visita é um espaço específico, o qual ele descreve com mais detalhes: o jardim botânico.

## **2 “Opinion subjetiva” (26 outubro 2014)**

*En mi humilde opinion, no hay mucho que ver en este lugar. No se si fue que no tuve la suerte de ver alguna exposición interesante en este momento, pero las dos que vi no me dijeron nada. No lo recomendaria; “diferente pero se podría mejorar”.*

O texto fala a partir da decepção e da pouca sorte de um observador: “No se; no tuve”. Para ele, a visita não foi recompensada por coisas agradáveis. Pelo contrário, nem sentido teve porque as poucas exposições vistas foram valoradas negativamente: “no me dijeron nada”.

## **3 “diferente pero se podría mejorar” (4 novembro 2012)**

*Las exposiciones temporales no están mal pero las instalaciones...dejan mucho que desear, hay que ser consciente de lo que fue antes pero este espacio puede dar más de si.*

Este observador foi mais ameno ao referir-se às exposições itinerantes. Estas agradaram, mas as instalações poderiam ser melhores comparadas à monumentalidade da edificação e à falta de otimização de seu uso: “puede dar más de si”.

## **4 “cool????, más bien incoomodo. No hay parking” (14 dezembro 2014)**

*No voy a comentar los espectaculos teatrales, exposiciones y otros eventos cuarturales que alberga este espacio "municipal". Mi pretension es informar a otros usuarios y denunciar ante los responsables "municipales" que corresponda, que parece inaudito que el ayuntamiento de Madrid haya rehabilitado este magnífico y emblemático espacio para uso cultural y disfrute de los vecinos de Madrid y NO HAYA PREVISTO PARKING, ni gratuito, ni de pago, ni nada de nada.*



O texto deste observador, em primeira pessoa, omite sua opinião sobre as exposições para denunciar aos responsáveis municipais a falta de estacionamento para veículos no local. Ele faz a sanção através da comparação entre a grandeza da edificação com o projeto de reabilitação - *retrofit* - ali realizado que enobrecem suas funções: “este magnífico y emblemático espacio para uso cultural”.

*Dentro del recinto hay kilometros cuadrados de viales vacios que sólo usan los coches autorizados (oficiales, se supone) que podrian ser rentabilizados facilmente habilitando una amplia zona a parking a precios atractivos o de mercado.*

A argumentação enriquece quando ele caracteriza seus interlocutores, em terceira pessoa do plural, com os quais dialoga mostrando em quais espaços seria possível a existência de um estacionamento e ainda, a provável e certa rentabilidade do negócio.

*El parking del hotel que hay enfrente solo admite coches ajenos al hotel y/o abonados de lunes a viernes.....en resumen, que te si vas con tu coche por ir con una persona de movilidad reducida, mayor, o lo que sea..... comas el coche con patatas.*

Em seguida, o observador dá um parecer da localização espacial e a situação do entorno, que não oferece estacionamento. Ele ironiza exemplificando e criando um cenário de dificuldades. A suposta pessoa que for visitar o espaço com seu veículo, “comas el coche con patatas”.

*Obviamente hay un metro muy cerca, pero hay que considerar que hay gente que no puede o no quiere usar el metro .*

A indeterminação do sujeito continua “hay gente” e o observador generaliza o seu ponto de vista estabelecendo relações com os outros meios de transporte, como o metrô. Ele mesmo responde a uma suposta afirmação que existem outros modos para se chegar à edificação, porém as pessoas têm e fazem escolhas.

*Es inconcebible que en el siglo XXI, un espacio municipal de ocio cultural y afluencia masiva- se supone- no haya preparado un espacio para parking de visitantes, congestionando aun mas una zona de difícil aparcamiento, perjudicando a los vecinos de la zona y desanimando a potenciales visitantes de los eventos culturales.*

Outros tipos de argumentação em busca do convencimento do interlocutor se interpõem no caminho: a modernidade e a sociedade neste local, a visão de mundo das autoridades, o grande número de visitantes, as dificuldades de estacionamento naquela localização que podem retrair as ações e os prejuízos do entorno.

*Vete a otro teatro, es igual de caro y posiblemente el ayuntamiento les obligue a contar con mas medidas de atención a los asisitentes.*

No encerramento da sua argumentação, o visitante desabafa e critica sutilmente a prefeitura “el ayuntamiento” por meio da utilização de uma figura alegórica e aconselhamento ao visitante: “vete a outro teatro”. Vai a outro teatro que custa tanto quanto ir ao Matadero e receba as atenções merecidas de um visitante, disse ele.

##### **5 “Espacio interesante con una pésima atención al cliente” (2 de outubro 2014)**

*Acudí al café teatro sobre las 5 de la tarde,es decir había poca gente, pero tras 18 min exactos sentado en la mesa sin que nadie me dijera ni un buenas tardes enseguida le atendemos...me fui haciéndolo saber a los camareros que allí estaban sin que a nadie se le escapara un disculpe. Eso si los camareros de la barra parecían muy contentos entre risas hablando en la barra y otro de ellos se afanaba en limpiar mesas vacías antes que atender a los clientes que "ocupaban" las mesas, parece ser que una mesa vacía da más beneficios.*

Além da falta de estacionamento citado pelo observador n. 4, e dos horários do comércio pelo observador n. 1, existe também a questão do atendimento ao público. O observador n. 5 constrói seu discurso ironizando o descaso dos garçons para com ele, enquanto potencial cliente, em um café do espaço cultural: “18 min exactos; de espera; nem um “buenas tardes” ou promessa de atendimento. Ninguém se desculpou ou se sentiu incomodado com a presença do observador e os garçons estavam completamente descontraídos, limpando as mesas vazias. Parecia que “una mesa vacía da más beneficios”.

## **6 “Un HORROR, nos han timado” (15 junho 2013)**

*Anoche no nos dejaron entrar al ballet por haber llegado 6 minutos tarde. No dice en las entradas ni en el comprobante que no te dejen entrar. Perdi 50 euros, la empleada "Maria" tenia una sonrisa en su cara cuando me dijo que no podian ofrecerme nada, NADA, nadie ni nos dije "lo siento", solo que habernos llegado a tiempo...*

Espaço, tempo e evento foram as categorias utilizadas pelo observador 6 para expressar sua indignação e daqueles que o acompanhavam: “no nos dejaron entrar al ballet” exibido no espaço cultural. Em primeira pessoa, o observador manifesta a perda de “50 euros”, a qual acarretou ainda em mais exaltação. Os procedimentos da empregada, certa “Maria”, desagradaram pela sua atitude imparcial e falta de iniciativa para oferecer uma solução. Afinal, não havia nenhum aviso que dissesse respeito à rigidez do início do espetáculo e à proibição da entrada para os retardatários: “6 minutos tarde”. Havia mais pessoas que se mantiveram caladas “nadie ni nos dije ‘lo siento’.

## **7 “Un bonito edificio multifuncional” (4 março 2015)**

*Situado cerca de la estación de metro de Legazpi. Este bonito edificio que albergaba el antiguo matadero madrileño, encierra en su interior, espacios para: teatros, exposiciones, cafeterias, hasta incluso algún mercadillo... UN BONITO EDIFICIO MULTIFUNCIONAL.*

O observador n. 7 qualifica o espaço multifuncional como belo “bonito edificio”, retoma sua função primeira na história “antico matadero”, situa-o no espaço “cerca de la estación de metro” e detalha seus usos internos que concorrem para criar a sua verdade e não deixar espaço para refutação: “teatros, exposiciones, cafeterias, [...] mercadillo” e em letras maiúsculas “um bonito edifício multifuncional”.

## **8 “Que buena Rehabilitación” (2 março 2015)**

*En Legazpi, antiguo matadero de Madrid. Las naves se han transformado en diferentes centros. Salas de teatro, cineteca, casa del lector, una fundación, un museo de diseño actual, salas para multiples exposiciones. Patio central con actividades en buen tiempo. La casa del reloj, centro cultural del barrio, zona de jubilados, enfin estupendo. Hay una cantina donde se puede tapear...*

Seguindo a linha de pensamento do observador n. 7, o narrador menciona a proximidade do edifício a uma estação de metrô e a diversidade de atividades culturais para persuadir os visitantes e criar sentidos para aqueles novos usos do espaço: “cineteca; museo; exposiciones, cantina”.

### **9 “Un centro cultural más” (12 maio 2012)**

*Sin demasiadas cosas diferentes que los de barrio, algo normalito.*

A utilização de um título com sentido adversativo “mas”, e a frase única para expressar o ponto de vista do observador n. 9 fazem o confronto entre o centro cultural e os demais quanto às suas semelhanças: *Sin demasiadas cosas diferentes*. Nada do que o centro cultural oferece é enaltecido, como foi feito pelos observadores n. 7 e n. 8, nem mesmo os serviços deficientes mencionados pelos observadores n. 4 e n.5.

### **10 “Excellent multicultural centre, just don't try to eat there” (30 setembro 2013)**

*Matadero is an excellent example of how an old complex of buildings (a former slaughterhouse) can be put to good use without tearing down part of history. Easily accessible from the Center and the suburbs by metro or numerous buses, as well as walking from the riverside. Permanent and temporary offerings/events are held in the indoor and outdoor spaces, and include ping pong table, theater, interactive exhibitions, music festivals and many more.*

O ponto de vista deste observador inicia com um elogio quanto ao *retrofit* do imóvel, aos novos usos do espaço e à memória histórica. Ele menciona os meios de transporte que facilitam o acesso *metro, buses, walking* do centro para o matadero, sem mencionar a questão do carro individual, o qual teria que ser “comido com batatas” conforme o observador n. 4, por falta de estacionamento. O leitor pode conhecer mais espaços não ainda mencionados pelos demais observadores analisados, internos e externos *ping pong table, interactive exhibitions*, e a alusão à temporalidade dos eventos.

*The only downside is the cafe/restaurant. The good part is that, as the rest of the Matadero, it uses existing building and is well blended into the overall design. There is an indoor part, which includes a typical Spanish bar where you*

*can sit on stools to snack, as well as a mix of high and low tables for longer drinking/eating sessions, as well as an outdoor terrace with another bar serving drinks. The bad part is that the food is at best of low quality, sometimes bordering on disgusting. I'm not making a rush judgement either - I've been there three times during the past year.*

Diferentemente dos demais observadores, ele considerou que a parte agradável do espaço está nos espaços de bebida e comida. Não expôs mal atendimento por parte dos garçons ou horários de funcionamento constrangedores. Localizou estes espaços no imóvel *indoor part; outdoor terrace* e citou as possibilidades de entretenimento nestes espaços. Todavia, a qualidade da comida não agradou a ele, e ele reforça seu interesse em criar esta verdade dizendo que esteve no local três vezes no ano passado.

*During the last visit in early September, we were given four pieces of rock hard bread rolls before our main courses arrived. We pointed it out to the waiter, who without any question or examination said he'd exchange it. It's odd enough when the waiter doesn't check what you're complaining about, but even more so when he comes back with three of the same pieces covered by a piece of old baguette, which wasn't hard but close to stale.*

*When our main courses arrived, we were speechless: The steak was cold and not just rare, but in a pool of blood; it was accompanied by hard rock thick brown fries, which looked like they were re-fried at least once. The chicken escalope was twisted and hard like the sole of a shoe - the breadcrumbs were rock hard, and when I managed to ply this off the meat, all I saw was hard stringy meat that could only suggest it was re-heated more than once. The Russian salad (cubed veg in mayo) looked past its use by date, with parts of the mayo yellow instead of the off-white color when it's fresh and/or stored correctly. When confronted with the poor quality, the only thing the waiter did was to shrug his shoulders. Not a word of apology, nor explanation. And it wasn't due to a language barrier, because three of the four diners in our group spoke fluent Spanish. I would not even expect such bad quality from a dirty back-street chicken hut, let alone one of the main tourist attractions. My tip: enjoy the venue for its cultural attractions/activities, but eat somewhere else.*

A qualidade dos serviços e da alimentação foi avaliada como ponto negativo do espaço cultural e foi exposta detalhadamente para mostrar uma realidade vivida que não deve ser repetida.

### 3.2 LA VILLETTE

La Villette, situada na região norte da cidade Paris, França, sempre foi um caminho de passagem e intercâmbio, com vocação industrial, até 1974, quando foi abatido o último boi. Centro comercial da carne foi chamada “cidade do sangue” desde 1867. Em seus 40 mil metros quadrados estavam sediados todos os matadouros (frigoríficos de grande capacidade), um dos mercados de carne e couro da cidade de Paris e para ali afluíam diariamente mais de três mil trabalhadores.

Napoleão III, paralelamente decretou a construção de uma via férrea para servir as atividades da região. Entre 1867 e 1945 as instalações foram demandando modernização urbanística, arquitetônica, energética e de equipamentos. Diversos projetos foram apresentados sem sucesso. Em 1949 foi constituída uma comissão para a reconstrução dos abatedouros e a criação de um mercado de interesse nacional da carne. Porém, os trabalhos só se iniciaram em fevereiro de 1962 e foram suspensos pelo Estado em 1970.

Novas decisões foram tomadas quanto ao destino da área de 55 mil hectares. O encerramento das atividades representou um prejuízo financeiro e o abandono de um plano técnico e arquitetural bem estruturado para o complexo de produção e comercialização de carnes e couro. A partir de então se refletiu sobre a transformação de um espaço de morte em um espaço público dedicado à cultura e a ciência. Em 1979 foi estabelecido publicamente o “Parque de La Villette”, com a decisão de demolir todas as instalações não históricas, exceto o edifício inacabado *sale de ventes* (sala de vendas), que se transformou em Museu das Ciências e da Indústria (GAY et al, 2014).

Seu destino mudou quando o antigo espaço industrial, localizado no centro de um bairro popular recebeu a intervenção projetada pelo arquiteto Bernard Tschumi, arquiteto francês de origem Suíça, premiado no concurso internacional de arquitetura, pelo desenho do parque.

Seu projeto, de 1983, pretendia atender às demandas artísticas, cultural e popular das funções do parque, onde o passado e o futuro deveriam se encontrar em pontos, linhas e superfícies, tanto na arquitetura quanto no paisagismo. O espaço público se converteria então, em um lugar de inúmeros universos culturais: a *cit * das ciências e da indústria, *cit * da música, jardins, áreas esportivas, e um grande pavilhão para eventos culturais. Nas palavras do criador “a liberdade do desenho contrasta com as organizações espaciais do renascimento ou do século XIX” (LA RECONQUISTA, 1999, p.105).

Este parque urbano deveria ser um lugar de vocação econômica e cultural, sem barreiras nem fronteiras para um público heterog neo. Três pontos resumem sua missão principal: primeiro, a adaptação das mudanças urbanas e adesão ao desenvolvimento sustentável; segundo, tecer ligações entre as artes vivas e emergentes, a cultura e a sociedade; e por último, oferecer segurança aos visitantes, de modo que possam desfrutar da diversidade de atividades culturais oferecidas. A promoção de novas formas de promoção artística englobariam a recuperação e o apoio às artes populares. La Villette se abriria então a outros mundos por meio de exposições e eventos (ver Figura 19).

Mesmo que a arquitetura moderna tenha ocupado grandes espaços daquela área, testemunhos do passado foram privilegiados e inventariados como monumentos históricos: o Grande Pavilhão, o antigo edifício dos Veterinários, o pavilhão da Bolsa, o pavilhão Janeiro, o pavilhão das Maquetes, o pavilhão Charolais, e a Fonte.

Símbolo de um dos grandes projetos dos anos 1980, o Parque de La Villette reúne num único espaço as artes, as ciências e o  cio, em uma oferta que pretendia atrair a todos os públicos. A Cidade das Artes e das Ciências da cidade de Valência, na Espanha, apesar de não fazer parte da mesma tipologia de interferência arquitetônico-urbana e apresentar uma arquitetura contemporânea e ousada, proposta pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava, tem hoje propósitos similares.

A reunião dessas atrações, somando-se   arquitetura inovadora, ainda se mostra suficiente no caso de Valência, apesar de já apresentar os primeiros sinais de degradação. Suficiente também o foi durante muito tempo no caso de La Villette: atrair alguns, mas não todos os extratos da população regional.

Dizia-se que “este lugar pertence a Paris, à sua história, não a história do bairro” (LA RECONQUISTA, 1999, p.103). Com esta reflexão, resgatada dos jovens locais, a partir de entrevistas públicas realizadas acerca da proposta do parque, surgiram de imediato algumas propostas de mudanças de uso e de um eventual sentimento da perda de um lugar que possuía grande carga afetiva. Mesmo assim, a insegurança urbana, a distância e os altos preços de ingressos continuam impedindo o acesso de muitos extratos da população.

Figura 19 – Plano Parque de La Villette



Fonte: <tourisme93.com/Local/tourisme93/dir\_img/villette/1020\_Plan-complet-parc-Villette.pdf>

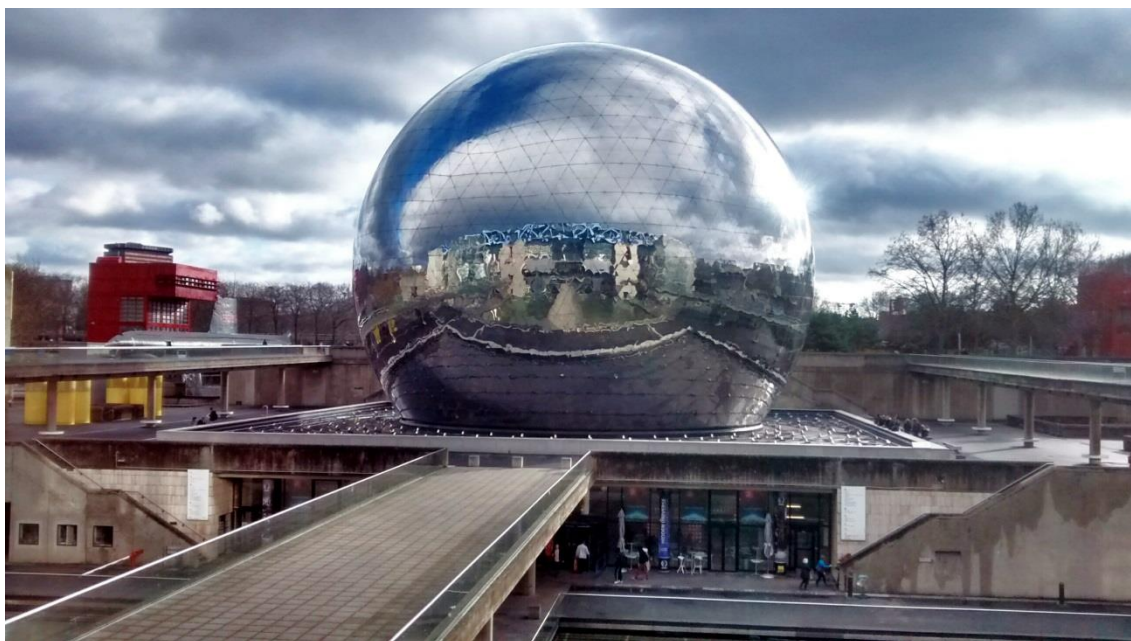
Duas décadas depois de sua implantação o empreendimento ainda seguia vivo. “Vivo” pode ser um qualificativo indispensável para determinar o êxito e apropriação de uma proposta urbano-arquitetônica de qualquer porte. Situado no distrito XIX de Paris – entre as Postas de Pantin e La Villette, o parque de 33 hectares, foi o último grande parque parisiense criado intramuros



e deveria servir para reanimar um bairro que havia sofrido sucessivas reordenações.

Até princípios dos anos 2000, o Parque de La Villette foi um lugar de múltiplos usos culturais, que acolhia Paris e toda a França. Sua fama e poder de atração extrapolavam fronteiras. A proposta abriga a Cidade da Música; laboratórios de pesquisa e casa de estudantes; a Grande Halle, vestígio do antigo matadouro (em 1974 foi abatido o último animal), transformado em sala de exposições; o Zênite, uma sala de concertos; a Casa de La Villette, outro edifício sobrevivente do passado; dez jardins temáticos; a esfera La Géode, sala de projeção considerada “do século XXI”, e finalmente, a Cidade da Ciência e da Indústria, ou seja, o museu nacional da ciência e da técnica (ver Figuras 20, 21, 22 e 23).

Figura 20 – La Géode



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Assim, esse parque urbano propunha uma superposição de pontos de referência e de sistemas, de movimentos e de passeios “cinemáticos”. Pelo menos assim os denominava Bernard Tschumi. Segundo François Barré, diretor de arquitetura e um dos grandes impulsionadores do projeto, se tratava de “converter o Parque de La Villette em um novo modelo cultural de parque urbano” (LA RECONQUISTA, 1999. p. 105).

Figura 21 – La Grande Halle



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 22 – Cité des Sciences et de L'Industrie, avec la Géode



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 23 – Cité des Sciences et de L'Industrie



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Defendia-se que essa intervenção urbano-arquitetônica era também um espaço com vocação econômica. E a cultura tinha um preço – muito caro para as famílias numerosas com poucos recursos - queixavam-se os vizinhos de bairro. E nesse caso tinham razão: parte da população parisiense não iria jamais a este parque, e por mais que o respeitassem, nem sempre o compreendiam. Sentiam-se desatualizados, superados. Defendia-se, porém, que essa deveria ser a vocação de um novo sistema de valores: surpreender e às vezes chocar para alcançar-se o “melhor”.

### 3.2.1 Discursos do enunciador – Parque de La Villette – avaliação de viajantes

Disponível em: < [http://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g187147-d189252-Reviews-Parc\\_de\\_la\\_Villette-Paris\\_Ile\\_de\\_France.html](http://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187147-d189252-Reviews-Parc_de_la_Villette-Paris_Ile_de_France.html)>, acessado em: abril de 2015.

#### **11 Interessante (28 fevereiro 2015)**

*O Parc de La Villette é grande e diversificado, com jardins, local para exposições e convenções, museu, teatro, cinema e inúmeros eventos durante todo o ano. Ótimo local também para passear com crianças.*

Este observador comenta suas impressões sobre o local em linguagem popular e aconselha ao leitor para qual público as atividades podem se dirigir.

Traz para o interior do texto a viabilidade de receptividade local – todo o ano – a descrição das atividades e por quem elas podem ser usufruídas. Indiretamente, o interlocutor fala de si mesmo enquanto adulto – ótimo local também para passear com crianças.

### **12 Com crianças vale a pena (fevereiro 2015)**

*Tem crianças (menores que 12 anos)? Tem mais de 7 dias em Paris? Então programe uma manhã ou tarde no La Villette. É um espaço para ciência e tecnologia que tem muita interatividade e com certeza os pirralhos (e nós adultos) irão gostar.*

Este observador, por meio de duas perguntas, restringe o público com o qual quer interagir e aconselha fazendo uso do tempo imperativo: “então programe”. Ele ratifica as ideias do observador 11, quanto ao tipo de público que pode frequentar o local – os pirralhos e nós adultos - e quanto às atividades descritas. Ele as resume com a expressão “espaço interativo de ciência e tecnologia”. Também anuncia para o leitor quanto tempo consumirá no local.

### **13 Detestei (Janeiro 2015)**

*Estive lá em família para visitar o decepcionante museu da ciência e tecnologia. Ao final do dia, havia casais horrendos fazendo sexo nos gramados. Parece que a prefeitura cansou de proibir. Não volto.*

As cenas representadas no espaço desagradaram inteiramente o observador, sobretudo aquelas que não esperava ver. A censura parecia não existir e os repressores para atos considerados íntimos e imorais (prefeitura) não atuavam com a suposta força que deveriam ter. Logo, “não volto” para este lugar para rever tais espetáculos.

### **14 Perda de tempo (abril 2014)**

*A Cité des Sciences La Villette é o que se convencionou chamar de uma "roubada". O espaço é majestoso, futurista, convida-nos por si só a conhecer o seu interior. Então, entramos, compramos o ingresso e... nada! Elegemos o combo da exposição de ciências e o planetário. O planetário tem confortáveis acomodações, mas a projeção não é nítida e o documentário...*



A magnificência e a imponência do parque não correspondem à qualidade das atividades que são ofertadas para os visitantes. O observador e seus acompanhantes (elegemos) ficaram desencantados com a escolha do que ver e fazer (combo) e com a qualidade das imagens e dos objetos expostos. Sentiu-se ludibriado (uma roubada).

### **15 In Need Of New Energy (9 outubro 2013)**

*I first visited this attraction 20 years ago and was bowled over by the open spaces and whimsical architecture. A return visit with my young son revealed closed structures, areas in major disrepair, and a general sense of disinterest. The science museum and the library may be the only institutions of any lasting merit. Elsewhere, I hope the wait for or a new vision ends soon.*

O observador começou sua fala com uma comparação entre duas visitas que ocorreram no intervalo de 20 anos. A decadência foi visível, pois o envelhecimento do espaço causou um desinteresse por tudo, menos pelo museu e biblioteca. No ponto de vista do observador o espaço necessitaria ser revitalizado e em breve uma nova interpretação de suas funções.

### **16 Very disappointing” (23 fevereiro 2014)**

*What a strange place! I can only assume that when we visited (Feb) it's out of season and everything was shut or being replaced. One carousel and a play area with some very odd characters in the public toilets! Not what the guide book had led us to believe. Left me with one very disappointed nine year old!*

A decepção se deu em nível de expectativas, do mesmo modo como outros observadores se manifestaram. Um grande interstício entre o guia para os turistas e a realidade encontrada trouxeram desapontamentos. Ele pensa, porém, que poderia estar relacionado com a estação do ano, a qual seria um dos motivos para justificar o fechamento de atividades. O observador não menciona esperanças quanto ao futuro do parque ou se ele retornará ao local.

### **17 Skip it (2 setembro 2013)**

*As my daughter said, this was a good idea gone horribly wrong. Too big, too empty. The trail from attraction to attraction is too long and all those attractions, like the Garden of Mirrors and Garden of Childhood Frights, are laughably lame. The science museum and submarine are pretty good but not worth the long trip to get there.*

As extensões entre as atividades do parque prejudicaram ainda mais a decepção. Muito grande, logo com longas distâncias entre as atividades mencionadas, marcou o observador. A comparação entre o que se viu no parque e o esforço feito pelo observador para chegar fisicamente às atividades apresentou um resultado desapontador, compartilhado também pela filha dele.

### **18 O melhor é o cinema (3 julho 2014)**

*A Cité des Sciences, com as informações acerca das profissões, é interessante, embora para os não francófonos seja algo complicado. A localização das atividades, também, é algo penoso, difícil, não há uma sinalização muito clara para quem visita pela primeira vez. Contudo, o cinema de 180°, onde se exibiu uma película sobre um dia na vida de uma família de ursos polares, foi bem interessante. Visitou em fevereiro de 2014.*

Como outros observadores, o deslocamento no espaço do parque é considerado desagradável pelas distâncias e falta de sinalização. Talvez, diz o observador, os nativos entendam melhor a lógica do parque e lhes pareça adequada para a finalidade a que se propõe. Menciona-se somente uma atividade prazerosa que foi o cinema, o que pode ser avaliado como pouco, dada à grandeza daquele ambiente e a diversidade de propostas.

### **19 Good museum, but not good park (18 maio 2014)**

*We visited in April 2014 with 8 and 11 year olds...the "park" is basically not there anymore. The dragon slide that is promoted in all the tour books is closed and does not look like it will reopen. The open space is largely just some walking paths from the main street to the science museum. The science museum is one of the best we have ever experienced....lots of stuff to do and most of the interactive stuff works fine. We did not see an imax movie, but it looked cool. The "park" area is full of adults who should not be there and not the*

*type of people I would let my children hang out with.....and they were sitting on all the swings. The cool "bike" structure says "do not climb" so no fun there either. I would go again for the science museum, but do not promise a park to your kids. Also, WORST food of my life in the museum restaurant.....don't eat there!*

A opinião do observador revela o isolamento de um espaço em relação ao todo do parque e a nostalgia do que foi vivido em outra visita há anos atrás. A situação passada contrasta-se com a de 2014, com diversões fechadas, pessoas com comportamentos “inadequados” para o ambiente que recebe um público infantil, e a impossibilidade de usufruir das “alegrias” proporcionadas pela ciência e tecnologia. Destacam-se as avaliações para a má qualidade da comida vendida no local e qual seria o público desejável naquele local. O visitante reforça, no título dado à sua manifestação verbal, a questão da conformação das atividades ofertadas para as crianças que implica em decepção para os adultos, consideradas suas expectativas.

## **20 A Ghost Town? (9 outubro 2012)**

*A very sterile area on the site of the old slaughterhouse. Nothing going on when we were there but the area seemed to be surrounded by public housing! Some high school kids probably just having fun but made us feel unsettled. A major plus for kids aged 2 to 8 though - an amazing free play area with really creative play things.*

Este visitante sentiu-se deslocado com o público presente e surpreendeu-se com o tamanho da área sem uso específico. Os arredores do parque são residências e provavelmente os moradores jovens frequentam o parque. Além disso, nada estava acontecendo no momento de sua visita. Os adjetivos mencionados para qualificar o parque remetem a um terreno inculto, desértico e estéril, que abrigou a morte de muitos animais e que somente a área de recreação poderia ser usada.

## **21 Don't waste your day (16 agosto 2012)**

*This park is not in a good neighborhood, in my opinion. I would never walk outside the park without my husband. The kids thought the park area was*

*"cool" but I didn't think the stress of the neighborhood or the long transportation was worth my time. Much of the park was closed, so we ended up just hanging out in the play area. Luxembourg Gardens was a much better location and had a fantastic play area for the kids. All four of my children rented sailboats and played happily in the fountain, as well as the well thought out and expansive playground.*

A visitante anuncia imperativamente que ir ao parque é uma perda de tempo. Não existem vizinhos amigáveis ao redor e ela sentiria medo de caminhar sozinha nesta área. A decepção para os adultos contrasta-se com os olhares das crianças. Muitas atividades fechadas obrigaram os pais a permanecerem na área de recreação. Ela cita que este tipo de atividade existe - melhor e mais perto - em outro local no centro da capital e não seria necessário deslocar-se para mais longe para agradar as crianças.

## **22 Non ci andate! (17 agosto 2012)**

*Attirati dalle buone recensioni (avaliações), con la mia famiglia di 4 persone, abbiamo deciso di passeggiare prima sulle sponde (bancos) del canale St. Martin, che nonostante il caldo asfissiante di oggi, ci e' sembrato carino, poi di arrivare al parco de la Villette... che desolazione!! Tutto chiuso, afoso (abafado) e desolato! Persone distese sui prati (esticado no gramado) e dentro le strutture il vuoto....solo nell'acquario c'era un po' di vita! Non vale la pena attraversare zone della città non proprio sicure per raggiungere questo posto! Sper di essere stata d'aiuto a qualcuno!*

A família foi ao parque depois de ter feito uma visita a um ponto turístico no centro da cidade. Apesar do calor, o visitante partiu para uma área mais distante onde se situa o parque. Ele ficou decepcionado com a falta de segurança, a pequena quantidade de pessoas nos ambientes fechados, o público estirado no gramado, distância, e atividades indisponíveis. Faz uma associação entre o grande número de pessoas que estavam no aquário e a “vida” que elas traziam para aquele ambiente e o vazio e “morte” nas demais estruturas vazias.



### **23 Parc à l'image de Paris : moche, sale et “has been” (9 abril 2012)**

*Un parc sans aucun intérêt activités en travaux deco année 80/90 complètement dépassé. Paris est une ville a fuir, pollution, capitale la plus moche d'Europe quelle décadence... Rares espaces verts ou jardins bobos service de sécurité ovni présent on se croit en Bosnie. La cité des sciences fermée un lundi de Pacquês ... La cité de la musique aucun intérêt autant aller au futuroscope.*

O parque não apresentou nenhum ponto positivo para o visitante. Ele vê um espaço ultrapassado no aspecto arquitetural e nas atividades ofertadas, e muitas delas fechadas em um dia de feriado. Menciona este aspecto também para a cidade de Paris, que também não é atraente para visitantes e explica a razão citando os problemas de segurança percebidos por ele. Poucos espaços verdes, insegurança, e reforça que estar ali seria como estar na Bósnia, um país sem expressão em termos de atrativos turísticos.

### **3.3 VENSKE – A FÁBRICA**

Foi em 1907 que Gustavo Venske fundou a fábrica de fitas Venske. Inicialmente, uma pequena manufatura de fundo de quintal, sediada em uma casa alugada na rua Assungui (atual Matheus Leme em Curitiba), onde foram instalados 3 antigos teares suíços usados, comprados por Gustavo com seu próprio capital. A pequena fábrica produzia fitas utilizando matéria prima importada, e revendia seu produto em uma loja de ferragens e armarinhos (Muller & Venske Cia) de propriedade de Oscar Charles Muller.

A empresa prosperou e em 1912 mudou-se para o largo da Ordem, passando a ocupar um barracão nos fundos da mesma loja. Nessa mesma época, o filho mais velho de Gustavo, Alfredo Venske, retornava da Europa, trazendo na bagagem um diploma de técnico tecelão obtido em cursos realizados na Suíça e na Alemanha. Com a mudança da fábrica para o novo endereço e a consequente ampliação do maquinário, a empresa particular passou a constituir-se numa sociedade com seu cunhado, Oscar Charles Muller, e com seu filho mais velho Alfredo Venske.

Durante todo o período de seu funcionamento - mais de 70 anos - a mão de obra empregada pela Venske seria feminina e de baixa faixa etária: operárias que ingressavam no trabalho fabril com 14/16 anos, permanecendo

em um período de aprendizagem de dois anos até atingir a maturidade profissional. Mão de obra, portanto, de alta rotatividade uma vez que muitas operárias neste meio tempo se casavam, abandonando logo em seguida seus empregos. Já a mão de obra masculina estaria mais na parte de oficina, marcenaria e mecânica.

Em 1917, a fábrica mudou-se para a sua primeira sede própria, situada na confluência das ruas Conselheiro Laurindo e Marechal Deodoro, construída com altura apropriada para abrigar seus teares, que então somavam 64, número que expressa a pujança dos negócios da empresa àquela altura. Mas nem todos os 64 teares couberam na nova sede o que levou a Venske a encontrar uma solução “sui-generis”, tanto para solucionar seu problema de espaço físico, quanto para o problema das tecelãs que abandonavam seus empregos: a instalação de teares nas próprias residências das tecelãs, em barracões construídos pela empresa. Desta forma a fábrica utilizava a mão de obra da família inteira, que recebia por tarefa, obtendo um substancial rendimento extra ao fim de cada mês.

Sítios industriais têxteis eram lugares que foram indelevelmente associados à fabricação e também ao comércio de produtos têxteis e nos quais a marca cultural dessas atividades é fisicamente evidente. Agregam um valor universal excepcional do ponto de vista da história ou da tecnologia, intrinsecamente ou como um exemplo representativo, excepcional desta categoria de bens culturais. Pode tratar-se de um único elemento arquitetônico ou um componente integrante de uma paisagem cultural complexa. Podem demonstrar conexões com zonas semelhantes em outros países através da transferência de tecnologia, de mercadorias e de migrantes (TICCIH, 2006).

A Indústria têxtil representou uma liderança setorial em muitos países que passaram pela experiência da Revolução Industrial. Novas formas de tecnologia, de geração de energia, de intercâmbios financeiros, de força de trabalho e de organização industrial foram combinadas dentro desses galpões, prenunciando a sociedade industrializada e urbanizada de hoje. Uma alta proporção da força de trabalho era do sexo feminino, como no exemplo da Venske, ou ainda poderia ser utilizada mão de obra infantil. Essa distinta força de trabalho exigiu a necessidade de legislação especial para o trabalho

industrial, e surgiu nesses espaços têxteis, em um momento no qual, tal consideração não existia para adultos do sexo masculino (LOWELL, 2015).

A Venske chegou a ter 23 teares instalados em casas de tecelãs por volta de 1937, quando progressivamente, teve de abandonar esta forma de operação, em função das novas leis trabalhistas implantadas durante o governo Vargas. Com a conjuntura anti-germânica resultante da eclosão da Segunda Guerra Mundial, para não sofrer abalos no seu prestígio crescente, a empresa usou de uma estratégia temporária: mudou de nome. Chamando para o sócio Eduardo Moraes Sherrer, casado com Helena Venske, filha de Gustavo, a empresa passou a denominar-se Moraes & Cia.

Posteriormente, na década de 1920, Eduardo revendeu suas ações de volta à família, desligando-se definitivamente da empresa. Nesta mesma época, o filho mais novo de Gustavo, Rodolfo Venske, ingressava na sociedade. E no início da década de 30, finalmente a família Venske adquiriu as ações de Oscar Charles Muller, passando a deter completamente o controle acionário da empresa daí por diante.

Desde a sua fundação, a Venske notabilizou-se por fabricar produtos de boa aceitação no mercado nacional, como resultado de sua alta qualidade. Principalmente no eixo Rio/São Paulo, onde a empresa vendia 80% de sua produção para indústrias que utilizavam suas fitas como adornos em chapéus, roupas, etc. Entretanto, a Venske nunca conseguiu produzir tanto quanto o volume de pedidos que recebia, mesmo não havendo registro de parada de produção durante toda a sua história.

Entre seus principais concorrentes, a destacar, havia a fábrica ítalo-brasileira da família Matarazzo, em São Paulo, e a fábrica suíço-brasileira, em Piraí do Sul, no Rio de Janeiro, muito embora não se possa falar numa concorrência direta, uma vez que nenhuma das duas produzia pelo mesmo sistema Venske, fazendo apenas fitas unicolores e de qualidade inferior ao produto paranaense.

Em 1938, a Venske trocou novamente de endereço (ver Figura 24). Desta vez por definitivo. Da esquina da Rua Conselheiro Laurindo com Marechal Deodoro, a empresa passou a ocupar uma nova sede, com 10.000 m<sup>2</sup>, construída especialmente para abrigar suas instalações, na Rua Ubaldino

do Amaral, alto da XV de novembro. Ali, depois de várias ampliações, que alcançaram 16.000m<sup>2</sup>, a empresa funcionaria até 1980.

Na década de 40, a estrutura de funcionamento da Venske sofreria inúmeras transformações. Não apenas pelo clima de grande austeridade internacional em função das hostilidades da Segunda Grande Guerra, mas principalmente em virtude do falecimento de seu fundador, Gustavo Venske, de sua esposa Helena e de seu filho Alfredo: o que faria com que a terceira geração Venske fosse, progressivamente, tomando a frente dos negócios da família, incluindo Olavo Sherrer, químico industrial, convidado para participar da empresa como sócio. Neto de Gustavo e Helena, Olavo teria importante papel na implantação da estamperia da fábrica.

Nessa mesma época, o filho de Rodolfo, Guido Venske, embarcou para a Europa a fim de estudar e avaliar as possibilidades de modernização da fábrica. Guido retornou no final da década de 40, trazendo importantes subsídios para a instalação de novas máquinas e também para a construção de outras máquinas nas oficinas da própria empresa - prática que a Venske adotaria daí por diante, em função das dificuldades de importação. E foi pelas mãos desta geração, tendo à frente o jovem Guido Venske, que a velha empresa conheceu seus dias de maior glória.

Figura 24 – Fábrica Venske, em 1938



Fonte: Arquivo particular de Margot Venske

Venske chegou a atingir o recorde de produção da ordem de 800.000 metros de fita/mês e a somar 130 empregados em sua folha de pagamento. A partir de 1952, como resultado do desenvolvimento e aprimoramento de sua estamperia, a fábrica passou a produzir bandeiras, tendo atingido um alto padrão de qualidade em seda acetado, e um volume de produção bastante expressivo.

Durante esse período, a sociedade sofreu uma grande fragmentação chegando a ter perto de 10 sócios por volta de 1957, e após várias abdições Guido Venske assume o controle acionário. Com o início da década de 60, mesmo tendo experimentado um período de grande prosperidade, a velha fábrica passou a sentir com mais intensidade o peso dos anos. Principalmente em função da crescente dificuldade de recrutamento de mão da obra artesanal que sempre utilizara, e pela deserção maciça de seu quadro de funcionários, seduzida pelas novas perspectivas profissionais que surgiam. A empresa, paulatinamente, foi levada a um verdadeiro beco sem saída, uma vez que seus principais tecelões, tecelãs e mestres já se encontravam em idade de aposentadoria.

Em 1964, desapareceu o último elo, com a primeira geração Venske - Rodolfo pai de Guido. Em 1970, Guido viajou mais uma vez á Europa, a fim de reavaliar a possibilidade de modernização da empresa e de abrir o mercado europeu para os produtos Venske, principalmente bandeiras. Mas tendo encontrado sérios entraves para a comercialização seus produtos e tendo esbarrado nos altos custos dos equipamentos modernos, retornou ao Brasil imediatamente, passando a dedicar-se completamente à liquidação dos negócios da empresa. Durante seus mais de 70 anos de funcionamento, a Venske experimentara avanços tecnológicos, mas ainda produzia em plena década de 70, nos mesmos moldes de quando começou suas atividades em 1907.

Diante da impossibilidade de modernizar seus quadros, até mesmo porque suas instalações já se encontravam em zona residencial no centro de Curitiba, a empresa viria a cessar de uma vez por todas suas atividades em 1980. Uma era chegava ao fim.

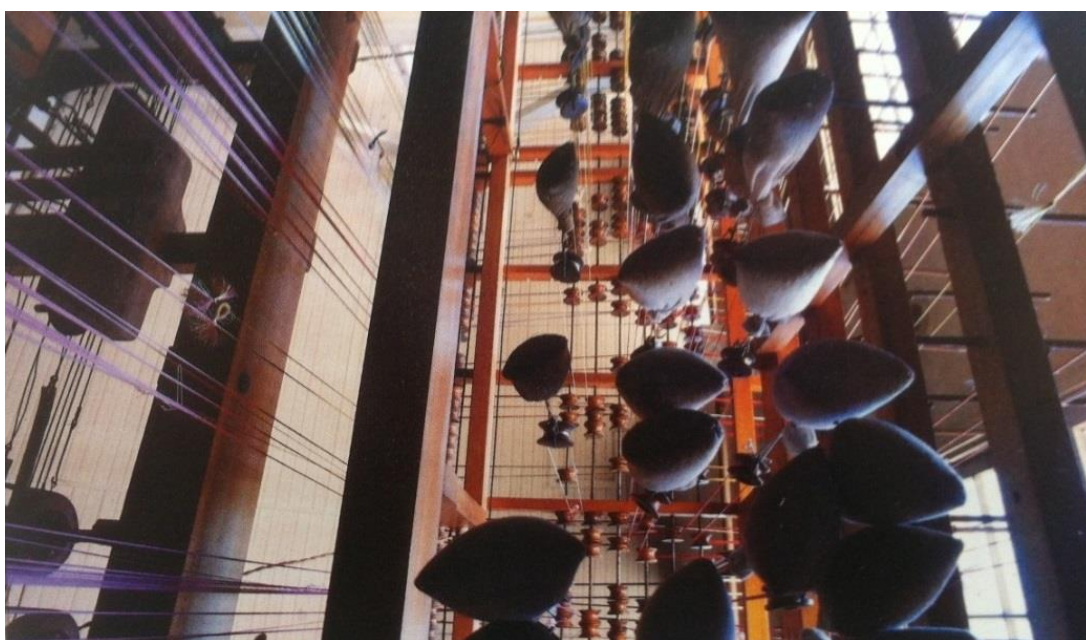
## HISTÓRIA QUE SE RENOVA

Os arquitetos Maria Helena Paranhos e Paulo Pacheco encabeçaram os desafios de transformar uma antiga fábrica em um centro cultural. Maria Helena conheceu a fábrica Venske há mais de 50 anos, quando veio do Rio de Janeiro para Curitiba, em 1957. O engenheiro químico da fábrica era amigo de seu pai. Ela era pequena, mas lembra de ter a visitado algumas vezes. Anos depois, em 1984, quando voltou de uma pós-graduação na Alemanha, foi procurada por uma amiga, com a ideia de abrir uma academia de ginástica na antiga fábrica.

Elas visitaram o prédio, que estava abandonado e a partir do projeto das academias, começaram a pensar no conjunto da fábrica. Um dos pavilhões (onde hoje funcionam os Juizados Especiais) ainda estava repleto de máquinas ainda intactas, com a fiação pronta para funcionar. Ficou bem impressionada e imaginou que era preciso fazer um registro disso. Procurou então o fotógrafo Orlando Azevedo e pediu que ele fizesse as fotos.

A sensação foi de magia. Nos imensos galpões, nos quais desde 1937 funcionava a fábrica de fitas e bandeiras Venske, na Rua Ubaldino do Amaral, o tempo parecia ter parado. Fechada há quase três anos, ali ainda se encontravam intactos os antigos teares, e especialmente centenas de milhares de faixas e fitas coloridas, como um arco-íris que, segundo Azevedo, entre poeiras e teias de aranha provocava uma sensação mágica e fantástica.

Figura 25 – tear da fábrica Venske nas lentes criativas



Fonte: arquivo particular de Margot Venske

Olhos acostumados a redescobrir o cotidiano, a valorizar os detalhes, o fotógrafo não conseguia acreditar no que via. Se havia chegado àquele local preocupado em encontrar uma sede para seu estúdio de fotografia, o deslumbramento de tão inesperado cenário o fez esquecer qualquer tentativa de discutir a locação do imóvel - aliás, imenso para as suas necessidades. Em compensação, imediatamente fez das lentes de suas câmaras a extensão de seu olhar e começou a fotografar de todos os ângulos o cenário da fábrica abandonada, do maquinário e, especialmente, do material colorido que ali restou - a suavidade de misturar fitas, bandeiras, botões em tecidos de uma época diferente (ver Figura 25).

Foram mais de duas mil fotos feitas ao longo de várias semanas. Um material imenso que não poderia ficar restrito a uma exposição ou a publicação imediata. Nascia então a ideia de um livro que por dois anos foi um desafio e um sonho.

Abriu-se a perspectiva do projeto se concretizar: o secretário René Dotti, examinou as fotos, viu o boneco do livro e imediatamente deu sinal verde: a Secretaria da Cultura possibilitou a sua edição - uma vez que uma grande parte do custo - a confecção dos fotolitos já estava pronta há tempos. Foram muitas horas de trocas de ideias e discussões, e feita a seleção, a produção do livro foi iniciada.

O volume ganhou forma - mas ficou faltando o patrocinador para uma edição naturalmente de alto custo, já que se tratava de um legítimo livro de arte. Contatos foram feitos. Muitos possíveis patrocinadores sondados. Finalmente, o secretário René Dotti decidiu que o volume "Fitas e Bandeiras Venske" sairiam. Uma edição de no mínimo dois mil exemplares, com uma parte destinada a ser distribuída pelo próprio Cerimonial do Palácio Iguazu, para autoridades estrangeiras que visitavam o então governador Álvaro Dias. Um livro para exportações.

## O PROJETO

Houve a ideia de transformar o imóvel em um empreendimento, pois não se tratava de um edifício legalmente tombado, mas mesmo assim prevaleceu a vontade de preservar a fábrica. Nesse processo ainda em 1984/85, iniciou-se

uma conversa com o instituto Goethe, que na época estava instalado no Solar do Rosário e tinha pretensão de sair do recinto. Uma comitiva da Alemanha veio para averiguar a sede e foi aprovada a instalação no prédio que tem entrada pela Rua Reinaldo S. de Quadros.

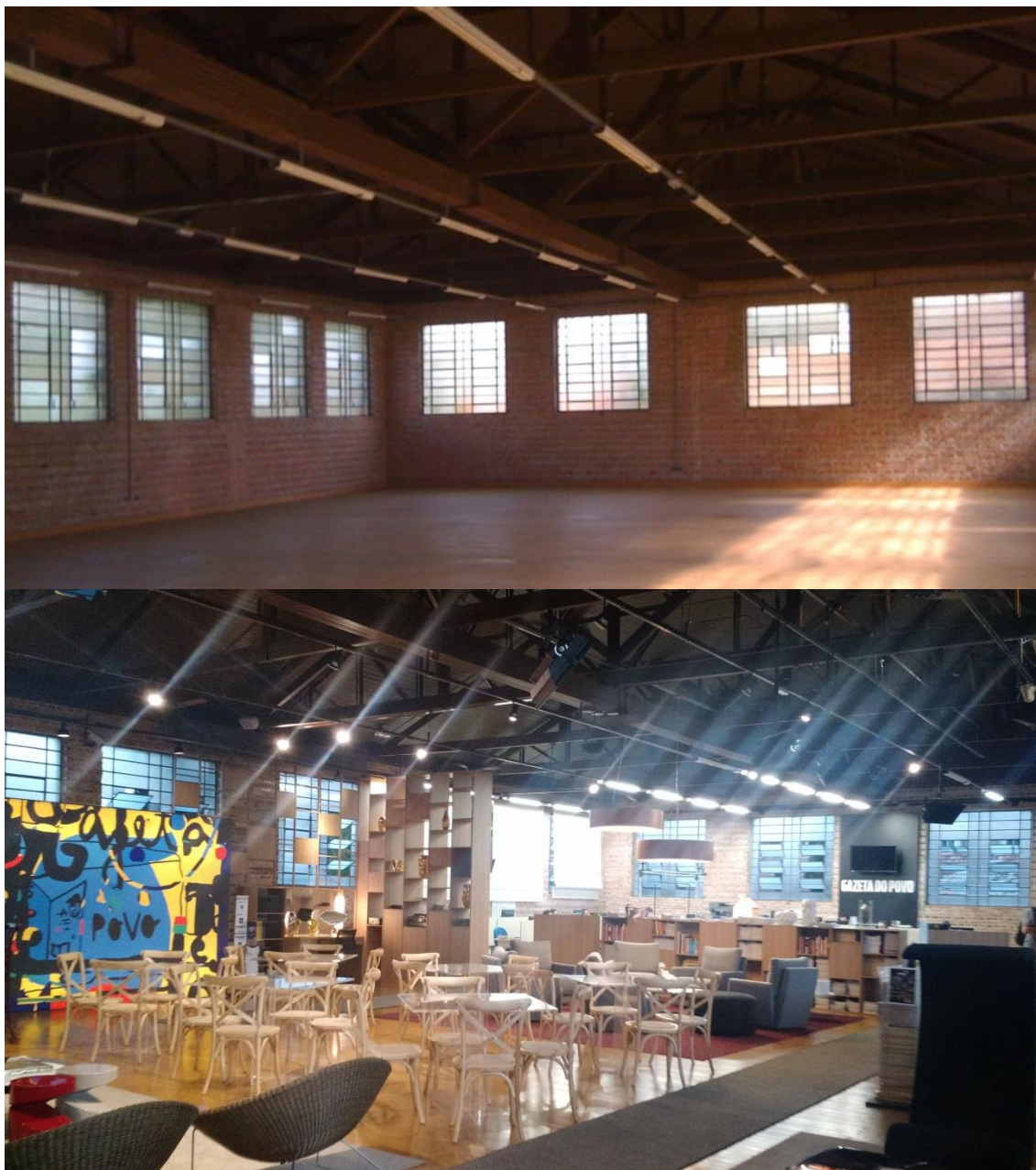
Com a vinda do Goethe, a Aliança Francesa se mostrou interessada e também se instalou na agora batizada Fábrika. A escola de inglês Cebel manteve-se ali por um período. Dentro da Fábrika havia um anfiteatro onde aconteciam concertos importantes para Curitiba. Além disso, o prédio dos fundos transformou-se em laboratório de teatro. Depois, no fim de 1990, incorporaram-se os Juizados especiais, que ocupam mais de 1000 m<sup>2</sup>. Porém a parte cultural não parou por aí, atualmente há a escola de Espanhol Cervantes e uma escola de dança.

Para a arquiteta Maria Helena, o principal desafio foi o proprietário ser conquistado pela ideia. Outro ponto é a presença de bons inquilinos que ajudam a viabilizar a Fábrika, como foi o caso do Instituto Goethe que acabou trazendo as outras escolas de idiomas. Na parte física, foi necessário identificar o valor dessa arquitetura, e ter o cuidado de restaurar, percebendo que é possível um novo uso com a estrutura original. Foi necessária bastante paciência e trabalho para concretizar esse projeto. A preservação é exatamente isso: não descaracterizar a arquitetura, mas atualizar o uso. Para ela foi um projeto gratificante, uma ótima escola e um projeto vivo.

Com relação a esse projeto o Arquiteto Paulo Pacheco, conta que os pavilhões foram todos recuperados e o madeiramento, que tinha diversos pontos de apodrecimento, foi restaurado (ver Figura 26). As telhas foram lavadas uma a uma com escovas de aço. Quase tudo é original, pois houve uma grande preocupação com a preservação e manutenção do local. Para ele, essa arquitetura fabril era de um requinte e qualidade impressionantes. Há uma trama de pilares e vigas de concreto e uma série de treliças de Peroba. Segundo ele, trata-se de um projeto de arquitetura e engenharia muito bem realizado, especialmente levando em consideração a época em que foi concebido, até mesmo no plano de ocupação do terreno.



Figura 26 – Detalhes construtivos mantidos no *Retrofit* e ocupado pela Casa Cor 2015



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Quando os arquitetos iniciaram o projeto da Fábrika, ela não tinha a propriedade de um dos terrenos (o que dá acesso pela Rua Fernando Amaro). Quando esse espaço foi adquirido, vislumbrava-se fazer um estacionamento subterrâneo para obter outra grande área com o objetivo de investir em diversos atrativos culturais, como um teatro, por exemplo - projetos que ainda dependem de amadurecimento e conversa.

Figura 27 – Fábrika – Interior Casa Cor e estacionamento em 2015



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Quando o edifício começou a ser restaurado, toda a cidade estava se desenvolvendo em direção ao bairro do Batel, e com esse novo espaço a zona adquire um olhar mais comercial, para um lado da cidade desprovido de opções semelhantes. Essa era uma região essencialmente habitacional. As escolas e a academia funcionando nesse local funcionaram como um indutor de desenvolvimento para a região. Um dos grandes ganhos do projeto foi o fato de o local permanecer público, com livre acesso e circulação, para que as pessoas possam descobri-lo e conhece-lo (ver Figura 27).

Na opinião dos arquitetos Maria Helena e Paulo Pacheco, a cidade de Curitiba ainda não fornece um suporte eficaz e incentivo na preservação de imóveis históricos. Têm surgido novos mecanismos para quem possui áreas verdes e edifícios históricos, mas consideram ainda insuficientes.

Na região encontram-se diversos casarios antigos e abandonados, pois, para alguns proprietários não é vantajoso preservar. No âmbito comercial esse tipo de preservação é mais fácil, pois seus proprietários, do modo como ocorreu na Fábrika, podem continuar com o patrimônio, valorizá-lo e promover outros usos. Além disso, há formas de negociar com a municipalidade. Para o imóvel da Fábrika, por exemplo, foi possível obter a isenção de IPTU para os pavilhões da frente que têm valor histórico, cultural e arquitetônico.



Figura 28 – Fábrika - 2013



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

### 3.3.1 Discursos do enunciador (Fábrica Venske – avaliação de observadores)

**24 Uma das principais referências culturais em Curitiba: espaço "A Fábrika"...** (Disponível em: <http://alcnolet.blogspot.com.br/2013/07/uma-das-principais-referencias.html>. Acesso em: junho 2015).

*(2013) Difícil vai ser convencer vocês que eu descobri este belíssimo espaço por "acaso", mais foi isto mesmo o que aconteceu... Eu decidi rever a Rua Fernando Amaro, em um belíssimo trecho arborizado não muito distante do Estádio Couto Pereira. Foto vai, foto vem - a rua sempre em primeiro lugar, claro - e eu vi a placa do espaço. Por que ele é tão importante para a cidade? Primeiro, por seu aspecto histórico. Como o próprio nome diz, o lugar já abrigou uma fábrica... Depois, pela junção de cursos de línguas - Cervantes, Goethe e Aliança Francesa - escola de dança, etc. Por último, a área abriga nos arredores até algumas Varas oficiais - Falência, Fazenda Pública - do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná. Sem contar que até mesmo a redação do suplemento "Viver Bem" do jornal "Gazeta do Povo" passou a ter sede ali... Como vocês verão a seguir, a própria Rua Fernando Amaro também possui outras imagens bem "vintage"- a exemplo deste espaço "A Fábrika"...*

O observador surpreendeu-se com o imóvel histórico, sua importância e utilidade para a cidade. Um edifício que abrigou uma fábrica e hoje hospeda muitas atividades culturais e órgãos jurídicos importantes. O entorno também é valioso para a cidade, e a rua é “um belíssimo espaço” para posicionar a Fábrika.

**25 Casa Aberta** (Disponível em: [revistacwb.com.br/?p=26878](http://revistacwb.com.br/?p=26878). Acesso em: março 2015).

*(2015) Arquitetos, designers, empresários e formadores de opinião estiveram reunidos ontem (04 mar) no Espaço A Fábrika, em Curitiba, para o “Open House” da Casa Cor Paraná 2015. Na ocasião, além de conhecer o inusitado espaço da antiga Fábrica de Fitas Venske, que vai abrigar a edição paranaense da mais importante mostra de arquitetura e construção do Brasil, o público pode conhecer o tema da mostra para esta edição: “Consumo*

*Consciente” e acompanhar a palestra sobre as tendências do morar em 2015, do diretor de Conteúdo da Abril, Pedro Ariel Santana. Foto: Valterci Santos*

É um espaço excêntrico porque já foi uma fábrica de fitas e ali se fundem um evento de arquitetura com a arquitetura do imóvel.

**26 A Fábrika** (Disponível em: <http://joanisval.com/2012/01/13/a-fabrika-curitiba/>. Acesso em: junho 2015).

*(2012) Estive em outro local interessante e inusitado de Curitiba, fora do circuito turístico: a Fábrika, um complexo de instalações para o desenvolvimento intelectual e físico no Alto da XV e que seria o sonho de consumo de muita gente em Brasília (e de leitores deste site). Explico: nas antigas instalações de uma fábrica de fitas e bandeiras desativada em 1980, foi estruturado um complexo cultural que reúne o Instituto Goethe, a Aliança Francesa e o Instituto Cervantes! Além disso, há o consulado da França, os Juizados Especiais de Pequenas Causas e uma academia de ginástica! Ou seja, a pessoa pode ir tratar do corpo, da mente e, de quebra, ainda resolve questões jurídicas, eheheh! Gostei mesmo foi dos três centros de idiomas e da academia em um mesmo lugar! Fantástico! Daí dizer que é um sonho de consumo! Se tivéssemos isso em Brasília seria muito bom! O local é muito bonito e vale a pena um passeio até lá – mesmo porque fica ao lado do Museu do Expedicionário. Então, quando for ao Museu, dê uma passadinha para conhecer a Fábrika!*

O complexo de instalações culturais da Fábrika atende ao público que deseja tratar tanto do corpo quanto do espírito. O observador apreciou a arquitetura do imóvel e a variedade de atividades, inclusive as de natureza jurídica. Ele reporta-se ao que existe no entorno, que complementa o valor do complexo, principalmente o Museu do Expedicionário. Recomenda a visita aos dois lugares e diz que é um sonho de consumo este espaço e que poderia existir igual na capital do país.

**27 Casa Cor Paraná 2015 será no espaço A Fábrika** (Disponível em: <http://www.jornaldelondrina.com.br/viverbem/casacor/conteudo.phtml?tl=1&id=1>

501543&tit=Casa-Cor-Parana-2015-sera-no-espaco-A-Fabrika. Acesso em: junho 2015).

*(2015) Mostra de arquitetura e interiores vai ocupar o prédio histórico com espaço de quase três mil metros quadrados. Para a diretora do evento, uso do local será um novo desafio. A 22ª edição da Casa Cor Paraná será realizada em um dos edifícios da antiga Fábrica de Fitas Venske, inaugurada em 1907. O imóvel, que tem aproximadamente 3 mil metros quadrados, será dividido em 48 ambientes residenciais, comerciais, corporativos e também de gastronomia e eventos. Para a diretora da Casa Cor, Marina Nessi, instalar o evento no local será um novo desafio. “Nós vamos ocupar um espaço que já foi recuperado, um imóvel que é muito bem preservado pelos proprietários e vamos manter suas características originais”, salienta.*

O depoimento da diretora do evento de arquitetura de interiores que acontece no espaço industrial, hoje cultural, será uma provocação tanto pela área que vai ocupar - três mil metros quadrados – quanto pelas características - um imóvel preservado no tempo e na história (1907). Ela está divulgando o acontecimento (2015) e ao mesmo tempo atribuindo um valor particular para o local onde este ocorrerá.

## **28 Casa Cor Paraná apresenta o tema consumo consciente durante o “Open House” da 22ª edição**

(Disponível em: <http://www.blogizazilli.com/casa-cor-parana-apresenta-o-tema/>. Acesso em: junho 2015).

*(2015) A exposição, que vai acontecer entre 23 de junho a 09 de agosto, vai ocupar os três mil metros quadrados do imóvel, apresentando inovações em relação à automação residencial, além da última palavra em tendências e materiais, isso tudo sem descaracterizar a estrutura original do imóvel. A novidade desta edição ficará por conta da utilização de novas fontes de energia, como a iluminação por Leds, e incentivo ao uso do gás natural. Quatro são os movimentos que movem a decoração e a arquitetura neste ano segundo Ariel: A Era das Cidades, Menos e Melhor, Brasilidade e Compartilhar.*

*O primeiro tema, que fala sobre a utilização de marcas do passado, vai de encontro, inclusive, com o próprio imóvel da Casa Cor Paraná 2015. Para*

*Ariel, o edifício escolhido e sua localização demonstram a tendência do uso de peças e materiais decorativos que resgatam a natureza, o romantismo, o refúgio e as lembranças. A Casa Cor paranaense vai, mais uma vez, criar uma experiência que inspira e emociona, preservando as características originais do prédio que a abriga.*

*A edição deste ano da Casa Cor vai levar o público a um imóvel do início do século passado, com uma proposta de valorização da antiga Fábrica de Fitas Venske, que é um patrimônio arquitetônico de Curitiba construído em 1907. Localizado na Rua Fernando Amaro, 60, Alto da XV, o edifício faz parte de uma região sofisticada da capital, o cenário ideal para receber as criações de profissionais renomados da arquitetura, design e decoração. O complexo A Fábrica abriga hoje vários negócios e espaços culturais, um dos locais com o espírito mais cool de Curitiba.*

Manter as características estruturais do imóvel foi um dos princípios da exposição sobre materiais para decoração de residências. Segundo o depoimento do observador, os movimentos da mostra retomam a historicidade do imóvel, as lembranças, o sonho e a natureza. Ele atribui ao imóvel o legado de patrimônio arquitetônico e lhe confere valor com o uso dos adjetivos: sofisticado; cool, e ideal.

### 3.4 PUERTO MADERO

A capital argentina, Buenos Aires, desenvolveu-se em íntima relação com as funções portuárias, que viriam ao longo de sua história, se convertendo em ponto de concentração comercial e de vias de comunicação. Em 1536, Pedro de Mendoza realiza a primeira fundação do Puerto Nuestra Señora Del Buen Aire. Em 1580, Juan de Garay realizou uma segunda fundação, sob o nome de Ciudad de la Santísima Trinidad y Puerto de Santa Maria de Buenos Aires. Até 1770, foram propostos mais de 60 projetos de portos fora da zona do Rio Riachuelo. Nenhum deles teve a capacidade de prover a Buenos Aires uma infraestrutura portuária de acordo com suas necessidades, ficando assim, a cidade portuária sem seu porto.

Em 1855, em frente ao centro histórico da cidade foi iniciada a construção da chamada Aduana Nueva, desenhada pelo engenheiro inglês Edward Taylor. Constrói-se o mole e os depósitos Las Catalinas somente em

1872, e para sua finalização, o governo propõe a criação de um porto completo. Entre os projetos estariam os de Eduardo Madero e de Luis Huergo, tendo vencido o de Madero. As obras iniciaram no ano de 1887, culminando na finalização em 1898, tendo Madero falecido cinco anos antes. Assim nasceu o Puerto Madero. À medida que o comércio ultramar ia se desenvolvendo, fazia-se cada vez mais necessária uma solução mais definitiva ao tema portuário.

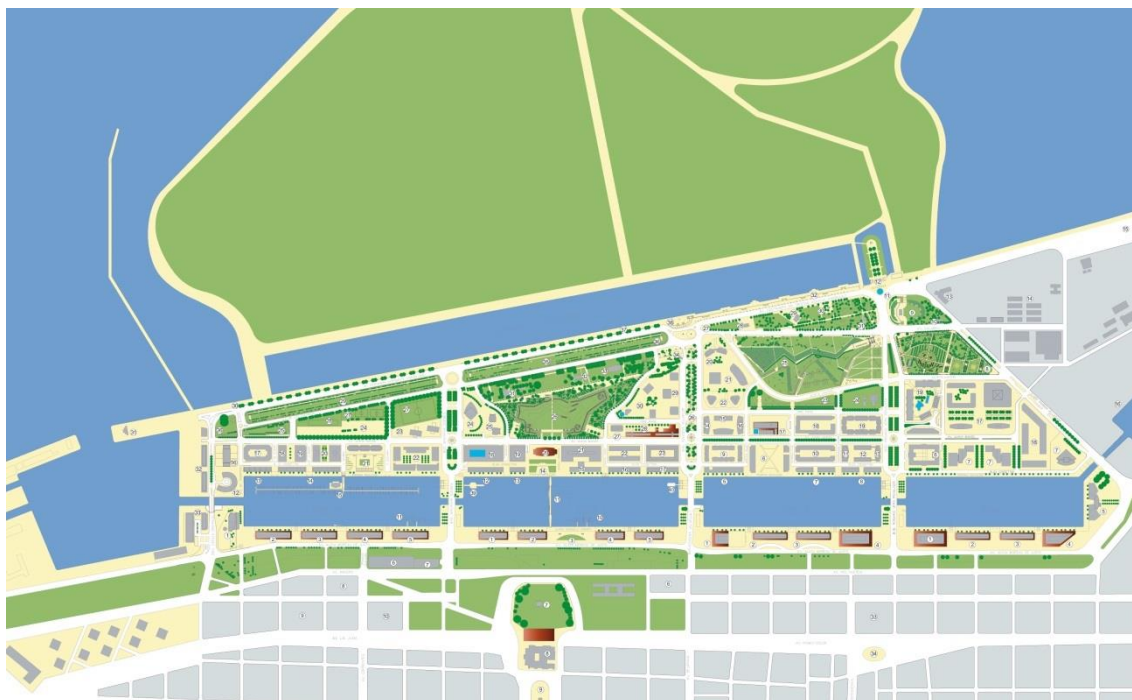
O notável aumento do comércio internacional, que se deu até fins do século XIX e princípios do XX, acarretou no aumento do tamanho dos navios. Essa circunstância provocou a prematura insuficiência do porto de diques, obrigando o Congresso Nacional a aprovar a lei datada de 1908, convidando interessados ao concurso para a ampliação do porto. Entre 1911 e 1925 se construiu o Porto Novo, com um desenho de diques abertos, protegidos por um desembarcadouro, que continuava até o norte do Puerto Madero, que atuava num papel subsidiário, entrando prontamente em um processo de obsolescência.

De 1925 a 1996, quando Puerto Madero ganha a estatura de novo bairro de Buenos Aires, a área do porto ficou desativada. Abandonados à ação do tempo, aqueles maravilhosos edifícios de madeira e tijolos ingleses, deterioravam tristemente (ver Figura 28). A zona do Puerto Madero, com sua localização privilegiadíssima, se transformou, ao longo daqueles 70 anos, em uma área literalmente doente, espaço de moradia permanente de ratos, baratas, bandidos e vagabundos (ver Figura 29). A razão principal para tanta demora, foi sem dúvida a dificuldade legal. A zona do porto estava sujeita à jurisdição de inúmeros órgãos administrativos, entre eles, a alçada federal, por ser Buenos Aires a capital do país, a municipalidade, a companhia marítima e a companhia das estradas de ferro.

Finalmente, em 15 de novembro de 1989, o Ministério de Obras e Serviços Públicos, o Ministério do Interior – ambos em representação do Poder Executivo Nacional – e a Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires, subscreveram um convênio. Concordou-se em constituir, com o fim de impulsionar a urbanização da área do Puerto Madero, uma sociedade anônima denominada “Corporación Antiquo Puerto Madero S.A.”, na qual ambas as partes – o Governo Nacional e o da Ciudad de Buenos Aires - participaram como sócios igualitários.



Figura 29 – Plano Puerto Madero



Fonte: <puertomadero .com>

O Governo Nacional transferiu em propriedade, os 170 hectares dos territórios do Puerto Madero – que tinha jurisdições superpostas entre a Administração General de Puertos, a empresa Ferrocarriles Argentinos e a Junta Nacional de Granos, entre outras – à nova Corporação Antigo Puerto Madero S.A. Nesse meio tempo, o Governo da Cidade de Buenos Aires estabeleceu as normas correspondentes que iriam reger aquele desenvolvimento urbano. Sua gestão fez possível a recuperação dessa zona estratégica, representando por sua envergadura e repercussão, o desenvolvimento urbano de maior importância empreendido em Buenos Aires, com repercussão internacional. Um projeto dessa envergadura não seria possível sem conflitos:

A única crítica à intervenção que seus artífices recordavam, foi a realizada pelas associações profissionais, questionando a ausência de concurso público, ao tempo que o projeto estava sendo negociado com o assessor espanhol de "planeamiento estratégico urbano", Jordi Borja. No entanto, a análise de outros grupos vai muito mais além, como casualmente tiveram ocasião de comprovar, dias antes da chegada da comissão do BID [...] (CORREIA, 2012, apud Instituto Juan de Herrera, p.142)

Figura 30 – Puerto Madero deteriorado e rehabilitado



Fonte: <puertomadero .com>

Os ânimos se acalmam a partir do momento em que esta área é declarada zona de valor histórico e patrimonial, mediante concurso nacional. O objetivo foi receber ideias múltiplas de reciclagem e reabilitação, abrigando funções como hotéis, restaurantes, bares, área residencial, escritórios, institutos universitários, cinemas, entre outros (ver Figura 30).

Para Buenos Aires, não foram chamadas estrelas internacionais, já que houve concurso público e o trabalho correspondia mais à reabilitação dos antigos edifícios existentes do que à concepção de novos. Hoje, na ampliação do projeto inicial, permitem-se as novidades arquitetônicas.

O plano diretor serviu para proporcionar as pautas gerais e uma estrutura básica, a qual viria direcionar os diversos aspectos a desenvolver dentro da área. A estrutura do plano apresentava uma linha estreita de edificações sobre os bordos dos diques, contemplando e preservando as docas de tijolos, que corriam sobre o setor oeste.

O setor leste, a franja limítrofe com a borda dos diques, apresentava uma edificação de pouca altura, com uma mistura de usos, para dotar suas calçadas com boa visibilidade e a variação possibilitar uma maior atratividade a visitantes e usuários. Uma segunda linha, detrás desta, se projetavam edifícios de maior altura. Dois conjuntos de torres arrematavam centrais transversais, sobre os boulevares, em sua projeção até a Avenida Costanera, rememorando a “*Cité de Negócios*” projetada por Le Corbusier em 1938<sup>11</sup>. Houve mais críticas, sobre as soluções e o desenho encontrado como ideal.

Ainda quando muitos urbanistas argentinos reconheciam a importância de abrir a cidade ao Rio da Prata, o projeto foi valorizado como o traçado de uma ‘nova barreira’. Seu objetivo primordial não foi democratizar o espaço, senão materializar uma grande operação urbanística, ou melhor, uma operação imobiliária que incluía a aquisição de terrenos públicos para a construção de lofts, edifícios residenciais com vistas únicas, restaurantes caros, torres de escritórios, hotéis de grandes cadeias, etc. Na atualidade, alguns movimentos de oposição seguem lutando contra a ampliação do processo de desenvolvimento urbano iniciado no velho porto, dirigida por uma por uma parte em direção aos bairros antigos, como La Boca e, por outra, à Villa 31 - que, curiosamente, passou a ser o único assentamento marginal de Buenos Aires, cujos habitantes vivem sob ameaça de desalojamento (FIX, 2015).

---

<sup>11</sup> Ver: puertomadero.com.



Figura 31 – Puerto Madero



Fonte: < [matraqueando.com.br/buenos-aires-bairro-a-bairro-puerto-madero](http://matraqueando.com.br/buenos-aires-bairro-a-bairro-puerto-madero) >

A tecnologia empregada na reabilitação dos antigos galpões ingleses não apresenta aspectos tão inovadores, como por exemplo, as tecnologias inseridas no projeto do Museu Guggenheim, em Bilbao, na Espanha. Tratam-se mais de procedimentos de restauração que de inovações. Mesmo assim, é possível encontrar ali o uso de materiais e soluções de *retrofit* em detalhes tais como esquadrias, iluminação, revestimentos, entre outros.

A função portuária foi abandonada, e o equipamento do antigo Porto recebeu novos usos: os diques são hoje espelhos de água de valor paisagístico e recreativo, ocupados apenas por algumas marinas de iates (Yacht Club Puerto Madero) e uma embarcação histórica (fragata Sarmiento). As praias de manobras são passeios de pedestres, e as antigas guias são elementos decorativos que contribuem para a definição da “paisagem portuária” que se pretende criar.

Os depósitos foram reciclados mantendo seu aspecto exterior e destinados a outros usos: sedes empresariais e institucionais (como

universidades) e vivendas de luxo nas plantas superiores, locais comerciais na planta baixa. Estes últimos destinados fundamentalmente ao ramo da gastronomia e serviços de recreação e turismo. Sobre o dique Norte localizou-se o terminal fluvial do serviço que conecta com o Uruguai. Também se renovou o antigo terminal marítimo de passageiros e um novo terminal de cruzeiros. Junto ao terminal de passageiros se encontra o antigo Hotel de Imigrantes, hoje recuperado e transformado em museu (BERTONCELLO, 2006).

A zona argentina constitui um atrativo turístico de primeira ordem na cidade. Contribui a isto, por uma parte, sua localização adjacente ao centro histórico, que tem sido tradicionalmente a área de atração, circulação e permanência de turistas. Por outra parte, a ampla oferta de serviços gastronômicos, de alojamento e recreativos em geral, dão sustento às atividades turísticas.

A paisagem característica (paisagem portuária), a história vinculada à moderna cidade agroexportadora, ou a condição de sucesso no resultado de um processo de recuperação patrimonial, representam grandes atrativos que justificam visita e reconhecimento. Puerto Madero se coloca entre os principais atrativos turísticos, promovido pelo setor público e pela iniciativa privada envolvidas em atividades turísticas (BERTONCELLO, 2006).

É conhecido o fato de que esses processos ocorreram em diversos lugares, não sendo prerrogativa de Buenos Aires a primeira ideia. Boston, Baltimore ou a renovação das Docklands em Londres já experimentaram intervenções semelhantes. Londres foi pioneira no sucesso, e nas críticas de semelhante intervenção. Tratava-se, primeiramente no início dos anos 1970 da *City New Town*, que previa um grande complexo multiuso, com hotéis, escritórios e *Shopping Centers*. O governo trabalhista em 1976 apresenta o *London Docklands Strategic Plan*, oferecendo incentivo fiscal às indústrias locais e para a construção de moradias sociais. Com Margareth Thatcher no poder, em 1979, o perfil do projeto se altera. Mais tarde Richard Rogers propõe para o lado oeste, um grande complexo multiuso, *high-tech*, com centro empresarial, conjuntos residenciais, galerias de arte, marinas, entre outros.

A partir dos anos 1980 existe uma nova orientação urbanística em direção às áreas centricas abandonadas e imóveis desabitados (...). Os projetos de reabilitação urbana preveem uma gama de usos diversos, quer dizer, escritórios, serviços, vivenda, atividades culturais e turísticas, etc., atraindo um estrato de população de classe média ou alta e contribuindo deste modo, ao processo de gentrificação, e em médio ou longo prazo, à expulsão dos 'velhos' habitantes do bairro (TRIER, 2004, p. 184, citado por BERTONCELLO, 2006).

Estas técnicas de *retrofit* caracterizaram-se como uma estratégia de retomada da história da área, de redistribuição de renda dos trabalhadores, das formas de ocupação dos moradores e a redução de indústrias. No caso de Puerto Madero o processo de expulsão de velhos moradores, que menciona Bertoncello (2006) não ocorreu, já que há 70 anos ali não existiam moradores, nem velhos, tampouco novos. Tratava-se de uma zona fantasma, ocupando espaços valorizados da cidade, agora recuperada.

As antigas cidades europeias, como Londres, não têm muita área de expansão disponível, e perder um espaço tão próximo dos grandes centros, como era o caso de Docklands, seria um tremendo desperdício de área. E para uma cidade com fama mundial de úmida e cinzenta, revitalizar as bordas do Rio Tamisa, mais que uma necessidade, parecia uma excelente estratégia de marketing.

Tanto nas Docklands de Londres (ver Figura 31) como no Puerto Madero de Buenos Aires foram necessárias muitas negociações, discussões entre ideias e críticas. Vários interesses foram postos em jogo e o projeto de Londres tampouco esteve isento de comentários ácidos:

Aqueles terrenos bloqueavam a interação entre a cidade e o rio, então era uma operação inevitável. O que se pode talvez lamentar, é a arquitetura, que hesita um pouco entre um estilo contemporâneo e a evocação de formas antigas. Isto resulta em uma arquitetura medíocre, que em minha opinião não consegue criar algo novo, tampouco restituir a atmosfera do passado.<sup>12</sup>

Buenos Aires aplica uma receita conhecida e tem bastante êxito mensuráveis pelas duas primeiras décadas do empreendimento. A zona do Puerto Madero transformou-se: dos setenta anos como residência de

---

<sup>12</sup> Arquiteto Jacques Ferrier, que trabalhou em Londres com Norman Foster. Em: *Arquiteturas do Mundo*, Londres. Publicado no Brasil pela Editora Abril, através dos DVDs: *Arquitetura & Construção*.

desocupados e animais pestilentos, tornou-se naqueles primeiros anos, no metro quadrado mais caro da capital Argentina. Democrático? No sentido de receber todas as classes de usuários talvez nem tanto, mas sem dúvida um empreendimento ousado, resultado de muita vontade e compromisso políticos e interesse absoluto da iniciativa privada:

O exemplo, sob muitos aspectos vitoriosos, de cidades como Baltimore e, mais recentemente, Barcelona, aparecem então como modelos a serem copiados, principalmente em reconversões de cidades portuárias, que avançam esperançosas para o terciário, como para uma tábua de salvação ao *Titanic* do moderno (RODRIGUES, 2003).

O novo Puerto Madero representa uma receita imitada de aplicações anteriores que obtiveram êxito, e a união das forças políticas com as forças privadas. Diferentemente do projeto do Museu Guggenheim para Bilbao, por exemplo, que revolucionou o turismo basco (CORREIA, 20120), mas foi iniciativa principalmente da vontade pública. Buenos Aires, democrática ou não, ao eleger uma reocupação com acesso de poucas camadas - ao invés de uma maior abrangência social - obteve nesta intervenção, um resultado admirável. O fato de um espaço, público ou não, estar dirigido somente a uma ou outra “casta social”, não implicaria na sua invalidação.

Figura 32 – Docklands, Museum of London, Londres



Fonte: <[londontown.com/LondonInformation/Sights\\_and\\_Attractions/Museum\\_in\\_Docklands](http://londontown.com/LondonInformation/Sights_and_Attractions/Museum_in_Docklands)>

O projeto do novo Puerto Madero não representou expulsão de populações à periferia, como acaba ocorrendo em muitas interferências. A cidade ganha com isso, obtendo incrementos de divisas e principalmente, empregos. E aparentemente, todos ganham: os garçons e entregadores não habitam nem frequentam o novo Puerto Madero, mas têm seus empregos ali garantidos mesmo durante a montanha-russa argentina entre crises político-econômicas.

### 3.4.2 Discursos do enunciador (Puerto Madero – avaliação de viajantes)

Disponível em: <[http://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g312741-d311777-Reviews-Puerto\\_Madero-Buenos\\_Aires\\_Capital\\_Federal\\_District.html](http://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g312741-d311777-Reviews-Puerto_Madero-Buenos_Aires_Capital_Federal_District.html)>, acessado em maio de 2015.

#### **29 Dubai em Argentina (março 2015)**

*Já fui a Dubai e a região nova e moderna do Puerto Madero, lembra de looooooonge um pedacinho de Dubai. São vários prédios novos, altos e extremamente modernos e bonitos, com pessoas de altíssimo poder de consumo circulando a pé, de bicicleta, patins, skate, carrões, barcos etc. Minha dica é ir no pôr do sol, fazer um esquentão no Johnny B Good, jantar em uma das várias opções e terminar a noite no Ásia, balada. Local refinado.*

O visitante se expressa sobre o imóvel por meio da comparação entre dois lugares diversos, os quais na lembrança poderiam se aproximar rapidamente. O número de vezes que a letra “o” está repetida passa para o leitor esta noção de desproporção: oito vezes. O conselho para aqueles que ainda não visitaram o lugar é ir à determinada hora, usufruir das atividades culturais e da gastronomia.

#### **30 Gastronomia (março 2015)**

*Um dos bairros mais modernos de Buenos Aires é um antigo porto e que hoje abriga os melhores, e mais populares, restaurantes da cidade.*



O título da avaliação do viajante restringe-se à qualidade dos restaurantes e à antiga função do imóvel. Ele o classifica como moderno, apesar da idade histórica do prédio.

### **31 Maravilhoso (março 2015)**

*Seja de dia ou de noite, Puerto Madero é simplesmente fantástico. No final da tarde o pôr do sol é maravilhoso. Na ponte das mulheres, onde o rio é cercado por cabos de aço, você pode prender um cadeado fazendo pedidos e jogar a chave fora. Repleto de bares incluindo a boate Ásia de Cuba, Puerto Madero é um lugar pra visitar muito mais que apenas um dia. O Bar kraken, em forma de navio é formidável e com ótimas promoções.*

Tanto durante o dia quanto à noite, com ênfase para o momento de o sol se pôr, o visitante recomenda conhecer o local e ir ali mais vezes. Menciona o depósito de confiança dado aos pedidos feitos junto à ponte e os símbolos desta tradição. Elogia os espaços gourmet e as promoções.

### **32 Exemplo de Revitalização (março de 2015)**

*Todos os prédios foram restaurados, o lugar ficou belíssimo. Centro de gastronomia, shopping, excelente para chegar no fim da tarde e ficar para jantar.*

Para este visitante, o projeto de *retrofit* é exemplar e embelezou o espaço. A melhor hora para se chegar ali é o final de tarde tanto para comer em bons locais quanto para fazer compras.

### **33 Exemplo de recuperação urbana (junho 2014)**

*Visitar o Puerto Madero é aproveitar muito do que a cidade de Buenos Aires pode oferecer. Variedade de restaurantes, uma bela vista de prédios históricos no contraste com o lado oposto da beira, onde os prédios são extremamente modernos. Pontes e passarelas com bela arquitetura.*

A ideia de revitalizar o local e oferecer aos visitantes mais uma opção turística são exemplares. O visitante indica apreciar a arquitetura histórica e moderna, e a gastronomia variada.

### **34 Normal! (abril 2015)**

*O foco ali são os restaurantes, que na nossa opinião são caros e não tão bons... Têm mais nome que qualidade. A região tem muitas grandes empresas e é bonita. Vale visitar quem não conhece. Mas não sei se vale retorno para os que já foram.*

Estes visitantes têm dúvidas quanto a visitar mais vezes o local (nossa opinião). Eles se mostram satisfeitos com o que viram no local e no entorno, e enaltecem a beleza da região. Mencionam que as principais atividades concentradas nos imóveis estão relacionadas à culinária. Criticam os preços e acreditam que os restaurantes tem mais reputação do que “virtudes”.

### **35 Restaurant row; no shops (fevereiro 2015)**

*We expected a mix of shopping & restaurants based on statement made by tour guide, but it was all restaurants. Not really within walking distance of city Center.*

As expectativas dos visitantes foram frustradas. Eles confirmaram que os usos mais comuns concedidos aos prédios são para alimentação. Não é um local próximo ao centro, o que talvez pudesse ampliar as opções de compras, estar adjacente aos pontos turísticos e de encontrar guias especializados.

### **36 It's shallow, bereft of people, oozing in LA design (novembro 2012)**

*Coming from NY I am well versed in old warehouses turned into chic modern (just think of the Meat market district), and having written plenty of resto reviews for magazines I'm also perfectly well accustomed to "LA Cool" design of glass and glare, but Puerto Madero does not pull it off. And that's all it aims to do, is merge its name with S'pore, LA or Miami. Walk a bit more to Montserrat or San Telmo or better yet, jump on the metro for the leafy hood of Palermo where you get a bit of cafe history!*

O visitante se coloca como conhecedor de *retrofits* em edifícios antigos e como escritor de textos avaliativos para revistas sobre restaurantes, com design contemporâneo, para justificar seu ponto de vista sobre Puerto Madero. Para ele o projeto do imóvel e suas atividades não podem ser enquadrados, como as demais pessoas o fazem, nos estilos encontrados nas cidades de Singapura, Los Angeles ou Miami. Ainda, outros lugares de Buenos Aires

têm cafés históricos localizados na proximidade que são mais representativos do que o visitante viu no Madero.

### **37 Lo peor de Buenos Aires (dezembro 2014)**

*No entiendo como pueda tener tantos votos. No nos gustó para nada, muy moderno e impersonal donde todo costa el triple. Buenos Aires es magnífica, Puerto Madero no.*

Este visitante diz ser o pior local da cidade por ser muito moderno, caro e impessoal. Ele isola mentalmente o local das demais partes da cidade e lhes atribui qualidades de magnificência para outros pontos visitados.

### **38 Urbano 100x100 (agosto 2012)**

*Demasiado urbano, le falta calidez y tradición, no es muy distinto de un gran conglomerado de edificios de cualquier parte del mundo...*

O conglomerado de imóveis pode ser encontrado em qualquer parte do mundo e não se destaca como edifícios diferenciados dos demais que o visitante conhece. Destaca a questão da centralidade do imóvel no espaço urbano e a ausência da memória histórica e da sensação de bem estar que o conglomerado poderia ofertar.

## **3.5 PROJETO VERDIR® LIÈGE**

A Bélgica é formada por três regiões: a Flamande (as regiões em rosa no mapa), Wallonne (as regiões em verde) e a região de Brucelles-Capitale, marcada na cor laranja no mapa a seguir (ver Figura 32). A história da siderurgia *wallone* é pontuada de bons momentos, mas também de períodos de crise, de mutações e de dúvidas. Na siderurgia nada é definitivo, exceto a necessidade de mudanças.

As usinas siderúrgicas da área de Liège, pertencentes à ArcelorMittal, produzem o aço-carbono plano. Oferecem uma ampla gama de produtos destinados a vários setores de atividades: grandes montadoras de automóveis, equipamentos domésticos e industriais, embalagens e construção civil.

ArcelorMittal emprega cerca de 2800 pessoas na região de Liège, nas áreas de produção e prestação de serviços ligados a siderurgia. Trata-se de uma

região tradicionalmente envolvida com os processos do aço já há alguns séculos. Porém, apesar de estar entre as mais inovadoras em tecnologia, possui algumas indústrias que não puderam adaptar-se aos novos desafios impostos pela mundialização. Por essa razão, a região é caracterizada por múltiplos baldios industriais de origem siderúrgica, com uma atividade econômica progressivamente em baixa nesse segmento. Adaptar-se às mudanças vem a ser prioridade para a bacia *liégeois*.

Outras regiões ou cidades da Europa conhecem um destino semelhante, como por exemplo, Sheffield, no Reino Unido. Cidade chamada de “steel city” (cidade do aço), Sheffield estabeleceu uma estratégia de firmar-se como a “cidade mais verde do Reino Unido”. Entre 1988 e 1977, colocou em marcha um programa de regeneração do centro da cidade e de reabilitação de mais de 300 ha de baldios industriais, conectando-os com novas vias de comunicação e acesso (BOOTH, 2004; BEER, 2005).

Os inventários da região de *wallon* (SPW-DG04, 2014) avaliam que existem em torno de 5000 baldios industriais, representando uma superfície total ao redor de 10.000 hectares. A Região Wallonne deu suporte à reabilitação de 72 hectares entre 1995 e 2008. A partir de uma estimativa realizada em 2008, o custo de reabilitação dessas áreas mais poluídas se elevaria de 2,5 a 5 bilhões de Euros.

As possibilidades de reabilitar esses espaços abandonados ou subutilizados são numerosas: espaços habitacionais, comerciais, culturais, entre outros. O *business modèle* desenvolvido pela Universidade de Liège fez uma escolha: agricultura urbana e periurbana.

Figura 33 – Carta de regiões da Bélgica



Fonte: <users.telenet.be/sf16491>

Em 1990, a agricultura urbana representava, no mundo, entre 1/7 e 1/5 dos produtos agrícolas consumidos globalmente. Em 2005, essa proporção saltou de 1/4 a 1/3 desses produtos (PNUD<sup>13</sup>). Nos últimos anos a agricultura vem tomando forma como um importante modelo de renovação para espaços industriais abandonados, criando novos empregos e novas atividades econômicas.

#### ALIMENTAR A CIDADE

As agriculturas urbanas e periurbanas abrangem atividades agrícolas (cultura, transformação e distribuição) dentro da zona urbana e em sua periferia. No entanto, com forte capacidade de inovação social (incluindo circuitos curtos), os dois tipos de agricultura mencionados são caracterizados por predominância de jardinagem e métodos de produção alternativos.

<sup>13</sup> PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Sistemas de produção apropriados para esse tipo de agricultura são aqueles que tiram proveito da proximidade dos recursos e consumidores (ver Figura 33), tais como os que oferecem produtos frescos, de valor agregado (frutas e vegetais, especiarias e hortas em pequenas propriedades) e aquelas que produzem produtos não alimentícios com valor agregado maior ainda (exemplo: extração de moléculas para o setor médico ou paramédico).

Na história das regiões do norte da Europa, o desenvolvimento das terras urbanas para a agricultura surgiu a partir do século XI. Mas as cidades cresceram gradualmente e o solo urbano no decorrer dos séculos se transformou numa mercadoria rara e cara, com marcante redução de terras urbanas destinadas à agricultura.

No decorrer do século XX a agricultura local acabou perdendo grande parte de seu papel nutridor, com a chegada dos transportes ferroviários, seguidos dos caminhões refrigerados, das instalações de estruturas industriais de comercialização e da crescente importância dos grandes distribuidores.

Mesmo que os dados estatísticos apresentem uma agricultura urbana ainda rara, constata-se sua contribuição cada vez mais forte para a provisão alimentar das cidades, principalmente no que se refere aos produtos frescos. Nos Estados Unidos a participação desse segmento tem sido mais representativa, sendo este um país de ponta em matéria de agricultura urbana. Em 1980 30% da produção agrícola, em valores monetários, eram ocupados pela agricultura urbana. Vinte anos mais tarde essa cifra suplantou os 40% (PNUD).

Em certas cidades norte-americanas, o desenvolvimento de formas de agricultura alimentar sobre baldios industriais faz parte de programas municipais como nas cidades de Pittsburg ou Detroit. A fazenda Sweet Water Organics (ver Figura 34) em Milwaukee ocupa uma superfície de 0,75 hectares. Esse empreendimento surgiu através da transformação de uma antiga fábrica de construção de guas. Sweet Water estima ser capaz de gerar, em termos monetários brutos, U\$200 mil por ano, graças a um sistema intensivo de aquaponia (hidroponia de legumes e cultura de peixes).

Figura 34 - Green Market – Union Square, New York



Fonte: <[theninewaysofknowing.com/2013](http://theninewaysofknowing.com/2013)>

Em Berlim, o número de jardineiros em hortas comunitárias explodiu e agora chega a 80.000. A lista de espera é de 16.000 pedidos, uma verdadeira “mania” ou moda em Berlim. A cidade de Singapura é 100% autossuficiente em produção e sustento de carnes e produz 25% de suas necessidades em legumes, a partir de uma agricultura empreendedora ou caseira.

Em 2012 Liège contava com 197.000 habitantes. Somando-se à região metropolitana ou aglomerações vizinhas, essa população passa a ser algo em torno de 600.000 habitantes. É a primeira aglomeração *wallonne* e a terceira da Bélgica, depois de Bruxelas e Anvers. Essa escala é suficiente para justificar o desenvolvimento de uma agricultura urbana e periurbana.

De forma geral, esse segmento poderia gerar numerosos serviços que desfrutariam da bacia *liégeois*. Primeiramente a agricultura urbana permite o incremento de uma nova economia. É fornecedora de empregos (e compreende-se aqui, mão-de-obra pouco qualificada) e oferece boa lucratividade, se for gerenciada adequadamente. Ainda pode ser a base para o desenvolvimento de novos cursos de formação e proporcionar novos



comércios. O microclima da cidade pode ser influenciado positivamente pela vegetação, que ajuda a aumentar a umidade, frescor no clima quente e introduzir odores agradáveis na cidade. Permite enfim, conservar a biodiversidade.

Figura 35 – Sweet Water Organic, Milwaukee, USA



Fonte: <maxthomsenphotography.blogspot.com>

### O PROJETO VERDIR®

O objetivo geral do projeto institucional VERDIR® da Universidade de Liège é a reconversão da Bacia *liégeois* pela reapropriação e o “verdeamento” de *baldios industriais*. Reconstitui-se uma atividade econômica menos dependente da mundialização e voltada, de um lado, para a produção de biomassa e serviços ecossistêmicos, e de outro, para a valorização de produtos de alto valor agregado.

O projeto VERDIR® enfoca, em um primeiro momento, o desenvolvimento sustentável de uma agricultura urbana de qualidade via um salto tecnológico importante. Com efeito, é um projeto que tira proveito dos baldios industriais, mas também da interação das técnicas (o saber-fazer) e competências tecnológicas - engenharia mecânica, biotecnologia, inteligência artificial – no seio da Bacia *liégeois*.



VERDIR® oferece igualmente uma utilização durável de antigos edifícios através do *retofit*. As vias navegáveis participam desse desenvolvimento, permitindo transporte suave e proximidade dos produtos frescos. A Bacia *liégeois* pode rapidamente tirar proveito deste contexto para reconverter alguns desses baldios industriais em lugares de produção urbana e periurbana, destinadas à população local, ou empresas agroalimentares e/ou farmacêuticas.

Esta conversão permitirá a criação de postos de trabalho qualificados, mas também a contratação de trabalhadores pouco qualificados, em áreas urbanas, onde as taxas de desemprego frequentemente são acima da média. Finalmente, a qualidade de vida dos moradores urbanos será significativamente melhorada pelo acesso a produtos frescos e pela transformação dos baldios em uma paisagem mais agradável.

O projeto VERDIR® recebeu inicialmente apoio financeiro para os estudos de viabilidade por polo de competitividade Mecatech (59 mil Euros); subsídios da Região *wallonne* (250 mil Euros) para o lançamento das primeiras unidades piloto de produção em aquaponia e hidroponia; e ainda, ter à disposição, pela Accenture, um técnico especialista por seis meses.

Os edifícios-espacos-industriais (os baldios industriais) e os rios constituem as ferramentas de base indispensáveis à realização do projeto. As primeiras visitas identificaram pelo menos dois espacos adequados ao desenvolvimento de unidades de produção de agricultura urbana.

A área, recentemente reabilitada chamada Magnetta, e a de Chertal, estão localizadas às margens do Rio Meuse. Os produtos frescos poderão assim, ser facilmente transportados através dos centros urbanos da Bacia *liégeois*, com um custo ecológico bastante reduzido (ver Figuras 35, 36, 37 e 38).

Figura 36 – Magnetto – vista externa - comunidade de Fémale, Bélgica



Fonte: <Verdir-brochure\_2103-01-25\_15-01-35\_540.pdf>

Figura 37 – Magnetto – interno - comunidade de Fémale, Bélgica



Fonte: <Verdir-brochure\_2103-01-25\_15-01-35\_540.pdf>

Figura 38 – Chertal – comunidade de Oupeye, Bélgica



Fonte: <Verdir-brochure\_2103-01-25\_15-01-35\_540.pdf>

Figura 39 – Chertal – 3D - comunidade de Oupeye, Bélgica



Fonte: <Verdir-brochure\_2103-01-25\_15-01-35\_540.pdf>

VERDIR® é um projeto federativo que contribuirá para a reconversão econômica da Bacia *Liégeois*, permitindo o desenvolvimento de uma agricultura em zonas urbanas de qualidade, através de um salto tecnológico importante.

Trata-se de um projeto que desfrutará desses antigos edifícios abandonados, sob as óticas econômica, social e ambiental. Oferecerá uma reutilização arquitetônica e socioeconômica durável, com suas vias navegáveis participando desse desenvolvimento, permitindo um transporte fácil e ecologicamente adequado, e finalmente, a adjacência de produtos frescos.

Este capítulo não oferece a oportunidade de verificar discursos de atores ou agentes, pois se encontra em estado de implantação. Das ideias empregadas pela Universidade de Liège seria possível extrair modelos e encontrar caminhos de como fazer. Como juntar poderes públicos e privados no interesse comum do desenvolvimento de uma comunidade ou mesmo de um país.

### 3.6 COMPLEXO MATARAZZO

O complexo Matarazzo contém hoje poucas interferências e se encontra em estado de subutilização e degradação. Este capítulo se diferencia das referências trazidas nos capítulos anteriores porque não analisa e tampouco avalia o estado atual do edifício. É fruto da apreciação do conteúdo coletado por meio de entrevistas feitas pela pesquisadora na cidade de Jaguariaíva - PR, em 2013. Foram organizadas perguntas fechadas e abertas com identificação pessoal e interpretadas seguindo os pressupostos da teoria do discurso. No domínio dos recortes da fala, os participantes tiveram a liberdade de expressar suas aspirações individuais e o procedimento analítico buscou o sentido dos textos presentes nas reflexões e considerações históricas e sociais sobre o Complexo. Procurou-se sistematizar as tendências convergentes e colocar em evidência aquelas que se alinham com as propostas desta pesquisa.

#### **Fala 1**

O Diretor de Infraestrutura e Obras da prefeitura tem 60 anos, natural de Santa Catarina. Com pai advogado e mãe do lar, possui curso superior, reside na cidade há mais de 20 anos, é membro da maçonaria local. Quando perguntado sobre sua escolha de viver em Jaguariaíva, explica que os fatores

mais relevantes foram qualidade de vida, a presença de um povo amistoso, segurança e bons relacionamentos.

Sobre quais alterações indicaria para o lugar sugeriu introduzir atividades culturais que motivassem novos talentos e promovessem o interesse dos jovens para afasta-los do uso de drogas como crack e marijuana, problemas apontados por ele, presentes na classe media.

Com relação à paisagem, o diretor acostumou-se a ela, mas gostaria de melhora-la urbanisticamente. Conhece os pontos turísticos naturais e já praticou *rafting* algumas vezes. Sempre convida parentes de fora para visita-lo e os leva em passeios de Jeep pela região.

O entrevistado gostaria que houvesse hotéis e serviços de ecoturismo, mais escolas de inglês e espanhol para os jovens, mais postos de saúde, mercados com produtos da região, cursos de capacitação técnica, programações artísticas e culturais, cafés, bibliotecas, livrarias, espaços de artesanato e artes, bem como um *Shopping Center*.

É favorável a recuperar e fazer reviver a escola de dança (acrescentar *pilates*) e teatro que um dia existiram. Comenta que a cidade já possui um ginásio de esportes coberto e dois campos de futebol e não acredita que seja necessário mais que isso. Gostaria que este baldio subutilizado fosse transformado num espaço multidisciplinar e multicultural, com restaurantes, algumas franquias na área de alimentação, entre outras atividades de pequeno porte.

Para ele o Complexo Matarazzo significa a grandeza do passado, presente na memória que não deve ser apagada. O patrimônio para ele serve de base para espelhar, perpetuar e projetar o futuro. Não tem dúvidas sobre a necessidade de preservação do edifício que representa um magnífico exemplo da arquitetura e engenharia industriais, parte da memória da nação.

## **Fala 2**

O educador social de 31 anos é natural da zona rural de Jaguariaíva e possui curso superior em pedagogia. Pai comerciante autônomo e mãe do lar. Quatro de seus sete tios e tias trabalharam no Frigorífico Matarazzo. Atua

como assessor de um dos vereadores da cidade e já trabalhou na APAE – rede nacional de atenção à pessoa com deficiência.

Sente orgulho de sua cidade, mas quando perguntado sobre como é viver nela, reclama da falta de acesso à cultura, do transporte público precário, da falta de políticas de fomento cultural com aproximações pedagógicas e na área das artes. Preferiria viver em Curitiba ou em Londrina que considera melhor que a primeira no universo cultural. Se pudesse, promoveria em Jaguariaíva uma abertura para grupos culturais privados – o cinema e o teatro existentes são governamentais – e mais áreas de lazer como praças e parques. Não gosta da ideia de uma cidade verticalizada.

O entrevistado reconhece o grande potencial de ecoturismo e desejava que houvesse investimentos nessa área, com a implantação de albergues, pousadas e hotéis. Considerou a quantidade de cinema (um) e postos de saúde suficientes. Gostaria de ter um mercado permanente de produtos da região, mais cursos de capacitação técnica, mais programações culturais, galeria de arte para exposições interativas e um *Shopping Center*. Vê como necessária a motivação para atrair novos empreendedores e novas indústrias, entre outros investidores.

Para o pedagogo, patrimônio significa um “bem comum” e o Complexo Matarazzo tem valor histórico, simbólico e sociocultural. Comentou que deveria haver mais esclarecimento sobre a história do edifício e da fábrica, e que na escola nunca se falou a respeito. Poderia ser o cartão-postal da cidade. Recordou que costumava frequentar o lugar com sua avó para comprar tecidos, nos tempos da Cianê (de 1964 a 1999). Dois de seus tios trabalharam nela nesse período.

Quanto aos usos atuais do edifício considerou que são bons, porém, poderiam melhorar muito mais, como por exemplo, abrigar em um dos galpões um espaço para escola de circo e teatro, o qual ele próprio gostaria de conduzir. Em sua opinião deveria haver mais iniciativas da comunidade nesse sentido, apesar de não terem feito caso em sua primeira proposta. Tentaria novamente e nunca havia pensado em buscar a iniciativa privada.

### Fala 3

A artista plástica de 57 anos é neta de João Pessa, o construtor italiano que participou do projeto e gerenciamento das obras do Frigorífico Matarazzo em 1918. É irmã do presidente da câmara de vereadores (em 2013). Seus tios maternos, já falecidos, trabalharam na fábrica, especificamente na área de frios (embutidos). Seu marido é membro da maçonaria local.

Jaguariaíva para a artista, significa sua casa, seu lar, seu ponto de referência. Apesar de haver exposto sua arte no exterior, deseja sempre retornar. Sentia-se “um peixe fora d’água” sempre que se encontrava em outro lugar. Tem orgulho da cidade por sua família, principalmente por seu avô que teria sido quem construiu os edifícios mais importantes da cidade baixa. Ela conta que foi ele mesmo quem escolheu o local para a construção do frigorífico e não Francesco Matarazzo, como contam alguns historiadores.

A respeito da paisagem urbana, a artista a qualifica como “feia” e sente nostalgia de como as coisas pareciam em sua juventude. Visitou e pintou os cenários naturais de sua cidade, mas não os frequenta. Montou grupos de pintura com alunos de fora e os manteve hospedados nos poucos hotéis existentes. Para a cidade, gostaria que se desenvolvesse o ecoturismo com todas as suas derivações satisfeitas. Pensava em novas indústrias e um supermercado orgânico, mais cursos de capacitação, cafés, restaurantes, um campus universitário, um campus multicultural, bibliotecas, serviços gerais, coisas do esporte, bem como espaços de arte e programações culturais. Não vê necessário que haja mais escolas de idiomas, postos de saúde, tampouco cinemas além do existente, ou mesmo um *Shopping Center*.

O patrimônio industrial tem para a entrevistada forte valor emocional, faz parte da memória da comunidade e é motivo de orgulho. Seu estado anterior de deterioração a deixava profundamente triste, pois considera este patrimônio como seu, pois o “sangue e suor” de sua família ali foram deixados.

### Fala 4

A proprietária de uma importante loja de artigos de vestuário tem 71 anos, nascida em Piraí do Sul, é filha de pai imigrante italiano, lavrador e comerciante e mãe do lar. Tem curso primário e foi funcionária do Frigorífico Matarazzo, trabalhando na portaria, fazendo a revista das operárias. Para ela a



fábrica Matarazzo era o centro econômico e social de sua vida. Casou-se tarde e quando de seu casamento as pessoas diziam “para que casar-se se você já é casada com a Matarazzo”, conta ela em lágrimas. Organizava os encontros e os bailes na sede social da fábrica, mantendo uma vida bastante movimentada.

Seu marido, como a maioria dos homens maduros e estabelecidos de Jaguariaíva (segundo ela), faz parte da maçonaria local. “Ama” viver nessa cidade por seus laços, amizades e relacionamentos. O orgulho vem por intermédio do Matarazzo: “quando saí de lá para casar não podia passar em frente à fábrica que eu chorava. Meu chefe era como um pai!”.

Para melhorar as condições atuais da comunidade propõe asfalto da Avenida do Comércio, mais segurança com mais policiais, mais indústrias e mais ofertas de emprego. Recomenda, como todos os entrevistados, que se desenvolva o ecoturismo, escolas de capacitação, supermercado orgânico, programações culturais, novos empreendimentos, cafés, restaurantes, bibliotecas e espaços multidisciplinares. Gostaria de ver uma cidade mais verticalizada, mais médicos (não há necessidade de mais postos de saúde). Não vê imprescindível nenhum *Shopping Center*.

Para a comerciante, o Matarazzo não é somente a memória, mais que isso, é sua casa. É a lembrança dos “tempos felizes”. Visitou várias vezes o Museu do Palacete Matarazzo e gostou do que viu. Não conhece ninguém que tenha proposto algum plano da iniciativa privada ou independente para reuso do Complexo, mas ficaria feliz em participar de um projeto.

## **Fala 5**

Proveniente da cidade de Castro, com 22 anos, o agente administrativo concursado do departamento de cultura de Jaguariaíva tem curso superior em Letras e seus pais são professores locais. Gostaria de mudar-se para cidades que cumpram o papel de centros culturais e alcançar melhores oportunidades de formação nessa área.

Este jovem sugeriu que se promovessem programas de inclusão social, cursos de formação profissional superior, além de serviços de ecoturismo, escolas de idiomas, mercados de produtos locais, cursos de capacitação técnica, programações culturais, espaços de arte e artesanato, restaurantes, cafés, bibliotecas, livrarias e *Shopping Center*. Gostaria que se



desenvolvessem atividades na área de esportes náuticos como *rapel* e *rafting*. Para ele a cidade poderia ser também mais verticalizada (edifícios altos).

Gosta de viver em Jaguariaíva e sente orgulho da cidade por suas belezas naturais e a qualidade de seus serviços básicos, mas a única razão pela qual se mantém vivendo nela é pela segurança de seu emprego. Percebe descaso e desvalorização por parte da população em relação a tudo que lhes é oferecido: “reclamam de barriga cheia”. Considera ótimas as ofertas de educação existentes.

O entrevistado conhece muito bem a narrativa do antigo Frigorífico. Para ele “patrimônio” é riqueza histórica e conhecimento acerca da memória e identidades locais, e o Complexo Matarazzo representa o marco de uma das etapas do desenvolvimento de Jaguariaíva que deve ser preservado. Pensaria em explorar melhor a parte cultural e retiraria de lá as repartições públicas que funcionam no imóvel (2013).

## **Fala 6**

O pai desta empresária do ramo de alimentação intermediava porcos para o Frigorífico Matarazzo e encerrou estas atividades pouco antes da finalização da fábrica. Trabalhou no comércio e foi prefeito em gestões anteriores. Ela tem 68 anos, estudou até o final do primeiro grau, e é nascida no Rio Grande do Sul. Vive há 45 anos em Jaguariaíva.

A entrevistada foi atuante do Lyons e Rotary Club da cidade. Quando perguntada se gosta de viver ali disse que “é muito difícil, muito cara e não morro de amores por ela, já vivi fora, mas já estou muito velha para sair. Sinto-me em um buraco”. Para ela a política é péssima e não permite liberdade de ação. As indústrias existentes se limitam a enviar dinheiro para fora e nada fica na região. Têm a “cabeça pequena” e nada investem localmente. Se pudesse se mudaria para a cidade de Toledo onde há progresso, quatro universidades, e é planejada. Em sua opinião Jaguariaíva é “feia” e sem planejamento. A municipalidade deveria investir mais nas riquezas naturais e na qualidade de vida do idoso.

Esta senhora sugeriu que se investisse em ecoturismo para jovens, tivesse mercados com melhores preços, pois tudo vem de fora e é muito caro. Propõe que se fomentem novas e pequenas indústrias que gerem empregos,

que haja mais cursos técnicos, mais programações culturais e espaços educativos para jovens e crianças com música e dança. Vê esses incrementos importantes para melhorar a qualidade de vida local. Gostaria que houvesse mais empreendimentos da iniciativa privada

Perguntada sobre o Complexo Matarazzo e suas ideias sobre patrimônio, responde que o imóvel pertence à cidade e deve ser de todos, mas precisa ser útil. Lembra-se com nostalgia do clube Matarazzo, seus bailes, carnavais, dos encontros com amigas, filhas de funcionários. O nome Matarazzo tinha muita força e estava relacionado à qualidade: na escola só aceitava sanduíches com “mortadela Matarazzo”.

Acredita que não tem mais idade para participar de projetos para o Complexo e que as iniciativas deveriam partir do Município, pois seriam mais confiáveis. O povo, segundo ela, é duvidoso.

### **Fala 7**

O ferroviário aposentado de 57 anos tem segundo grau completo, é nascido em Jaguariaíva, filho de um delegado de polícia e mãe dona de casa. Atuava como assessor voluntário do prefeito (morto em 2014), mas não partilhava das mesmas inclinações partidárias. Pertence à maçonaria local e quando perguntado sobre a possibilidade da criação de espaços religiosos ecumênicos no Complexo Matarazzo, foi contrário à ideia.

Gosta de viver ali devido a seus relacionamentos e faz questão de frisar que “ama sua terra”. Exalta Moyses Lupion, originário de Jaguariaíva, como um homem relevante para o Estado do Paraná. Explicou que Jaguariaíva inclui tudo o que uma cidade grande tem, com a vantagem da mobilidade. Corrige: “tudo para alguém da minha idade, já para meus filhos... estão todos os três fora da cidade”. Não aprecia a classe política local, conta que há muita corrupção, tem um judiciário lento e moribundo e que há desqualificação na educação do segundo grau.

O participante não gostaria de viver em outro lugar, pois considera fortes suas raízes, mas apreciaria se sua cidade fosse mais conhecida, melhor divulgada. Preferiria interromper a proliferação de igrejas evangélicas. É contrário à cultura exclusiva de pinus e eucaliptos, que deixam a paisagem pobre e tediosa. Propõe para o Complexo Matarazzo serviços de ecoturismo,

mercados de produtos locais, novas pequenas indústrias, cursos de capacitação técnica, cafés, restaurantes, livrarias e espaços culturais. Como valorização do patrimônio industrial, sugere que se invista em diversidade, abarcando comércio e entretenimento. Para ele essas atividades preencheriam a lacuna e vácuo do dia a dia.

Quando perguntado sobre sua ideia a respeito da palavra “patrimônio”, o ferroviário fala do espaço construído, reverenciado e mantido. Seria o lado cultural e emocional da comunidade. Para ele o Complexo Matarazzo não deveria ser tombado, pois isso engessaria possíveis intervenções úteis. Prefere focalizar o valor e as possibilidades econômicas do edifício que caracteriza a “marca registrada” de um período áureo da cidade, ícone simbólico do período pós-guerra. Suas memórias desse período são nostálgicas: “eu não podia entrar, não trabalhava lá, só olhava de longe”.

### **Fala 8**

Com 25 anos de idade, o *barman* do maior hotel de negócios da cidade possui segundo grau completo, é nascido em Jaguariaíva, seu pai é professor e sua mãe dona de casa. Considera a cidade um bom lugar e tem bons relacionamentos. Sua namorada é de Jacarezinho, mora com ele, mas detesta o lugar. Ele sente orgulho de sua terra natal, diz que tem muita história e se ressentido do fato dela não ser divulgada. Avalia como uma cidade muito cara, com excelente potencial turístico não desfrutado. Explica que os antigos políticos destruíram o local.

O jovem entrevistado gostaria de viver em outro lugar. Já havia planejado mudar-se para Curitiba em 2014, em Florianópolis em 2015, para adquirir experiência profissional e mudar-se para o Rio em 2016 durante os Jogos Olímpicos. Voltaria à Jaguariaíva somente em sua velhice, pois não se identifica com uma paisagem já morta há 20 anos.

Sugere como melhorias, que se investisse em acessos a áreas turísticas naturais, apropriados para divulgação e desenvolvimento. Propõe todas as mesmas inserções educacionais, culturais e comerciais dos outros entrevistados. Como todos os demais, este último também não vê necessidade de mais um cinema além do existente.

É interessante observar que nenhum dos entrevistados sabia do fato de existir uma romaria de vans, vindas das cidades vizinhas, transportando visitantes para o único cinema da região, que só funciona nos fins de semana. Dos oito entrevistados todos defendem o desenvolvimento do ecoturismo; somente dois deles gostariam de uma cidade mais verticalizada; quatro deles desejariam um *Shopping Center*; todos consideram suficientes os postos de saúde; todos avaliam insuficientes as ofertas educacionais, culturais, comerciais, de emprego e de entretenimento.

Através desta pequena amostra, propositalmente diversa, se faz possível extrair algumas ideias plausíveis, porém adaptadas aos anseios e vocações da cidade e que possam direcionar proposições factíveis para o reuso do Complexo Matarazzo.

### 3.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Cada um dos modelos avaliados entre os capítulos 3.1 e 3.5 concentra distintas potencialidades, as quais podem servir de base técnica e criativa na elaboração de uma proposta socioeconômica durável e constante, aplicável ao Complexo Matarazzo. O exame destas ações de *retrofit* em edifícios simbólicos de grande porte - todos originalmente ligados aos interesses da indústria - como os casos do Puerto Madero, Verdir®, La Villette, Venske e Matadero Madrid possibilitaram uma melhor e mais acurada reflexão sobre quais caminhos seguir, dando origem à visão demonstrada mais explicitamente no capítulo 4.2.4.

Há que observarem-se elementos-chave em dois deles – La Villette e Matadero Madrid – pela apresentação de fortes indícios de declínio, desuso e esquecimento. Apesar da excelência e aceitação das propostas no momento de suas implantações, a decadência indica ser inevitável. O La Villette de ontem viria a ser o Matadero Madrid de amanhã. Essa constatação se fez possível através das visitas realizadas pela autora em 2015 e da pesquisa das opiniões dos visitantes, com perfis diversos, que visitaram os empreendimentos em distintas épocas do ano.

Os dois antigos matadouros – Matadero Madrid e La Villette - têm forte valor simbólico para sua vizinhança, definido pela herança histórica e

arquitetônica. As grandes dimensões físicas e as condições espaciais desses exemplos partem de premissas que permitem dar lugar a diversos projetos, explorações artísticas e experiências socioculturais, como também uma grande capacidade para receber usuários e visitantes.

Os dois casos oferecem diversidade cultural, amplo espaço disponível para estimular a criatividade e a inovação, suporte financeiro proveniente de diferentes fontes públicas. Estão presentes em ambos os projetos, o reconhecimento da capacidade dos arquitetos envolvidos no *retrofit* e nos novos edifícios, excelentes princípios de renovação e reutilização, potencialidades pedagógicas e fácil transporte público desde o centro da cidade (apesar da falta de estacionamento em Madrid).

No caso de Madrid, não há, porém, uma relação com os antigos trabalhadores. A grande escala das premissas dificulta o gerenciamento e aumenta os custos de manutenção e segurança. A predominância de estratégias de gestão destinadas às artes contemporâneas relega os valores patrimoniais do local a um menor nível de importância. Altos valores orçamentais são requeridos para as necessidades de infraestrutura e tecnologia. Há um pequeno índice de flexibilidade e conhecimentos em adaptação do atual contexto econômico e político (redução financeira pública que afeta de forma crucial o setor cultural). Também se percebe notável redução de rentabilidade efetiva em termos estatísticos pela quantidade e consumo de visitantes, e uma baixa flexibilidade e proximidade das iniciativas culturais que serão implantadas no local, bem como pouca integração no contexto social da vizinhança. De alguma forma funciona como se fosse uma ilha (CABRAL, 2013).

Nos dois exemplares, Madrid e Paris, nota-se diminuição do potencial de público devido particularmente ao fato de áreas tão grandes estarem destinadas unicamente a atividades culturais. Verifica-se pouco aproveitamento desses vastos espaços como local de uso social e cultural, exclusivo e permanente.

O empreendimento de Madrid é ainda jovem – 3 anos (até 2015) desde a finalização da maior parte das intervenções – e se encontra distante de apresentar aspecto de obsolescência. Porém, este não é o caso de La Villette, que além da sensação de se estar em uma “cidade fantasma”, apresenta claros

indícios de degradação. A arquitetura dos anos 1980 não é mais uma novidade para, por si mesma atrair turistas e curiosos, e a oferta cultural aparenta não ser atrativa o suficiente para públicos diversos.

O Parque de La Villette inaugurou em janeiro de 2015 a Philharmonie de Paris, que surge disposta a ser um novo centro de peregrinação, tanto dos amantes da música, dos moradores da cidade e até mesmo de turistas. O arquiteto Jean Nouvel criou um edifício audacioso em seu exterior e interior. Recoberto por 340.000 placas de alumínio em forma de pássaros de diferentes tons, o edifício é uma espécie de colina prateada, que reflete o verde do parque, confundindo-se com ele e convidando os transeuntes a circular por esse cenário. O projeto da Grande Salle inaugura, na opinião do próprio arquiteto, um novo modelo, envolvente e modulável, simulando as cores quentes e as formas orgânicas de um bosque.

É provável que a municipalidade esteja investindo em um processo de reabilitação da vida local, no qual a arquitetura do lugar seria novamente a grande protagonista, como o foi nos anos 1980. No entanto essa estratégia pode resultar positiva apenas em médio prazo, enquanto a novidade arquitetônica se apresenta ainda impressionante. Trata-se de um alto investimento versus um baixo impacto. A falta de continuidade de outros projetos menos megalômanos e mais abrangentes poderá degenerar na perda de interesse, como já vem ocorrendo com as outras instalações.

Essa sobrevalorização da arquitetura do espetáculo, depreciando outros aspectos do projeto cultural demonstra a debilidade de um plano permanente de manutenção, preservação do patrimônio e retroalimentação dos fatores socioeconômicos do empreendimento. Verifica-se uma consideração elitista do conceito (a elite criativa, por exemplo). A polarização de projetos para certas metas poderão levar à exclusão social nos dois casos tão-somente culturais – o Matadero Madrid e o Parque de La Villette.

A localização estratégica do Puerto Madero proporcionou crescimento econômico para Buenos Aires, permitindo a construção de novos prédios para comércio e moradia. Conexões e vínculos culturais com outras regiões se dão pelo turismo regional e internacional, pois com a revitalização urbana e da área portuária, Madero se transformou durante um período de quase 20 anos, em um dos mais concorridos pontos turísticos da cidade.

A grande crítica do público local é quanto à inclusão – um espaço que parece não se destinar a todas as classes de usuários, mesmo sem barreiras reais e com grandes áreas públicas. Porém, é inegável que a intervenção contribuiu para a retomada da cidade tradicional, da costa de Buenos Aires e a união de bairros da zona sul e norte, além de trazer muitos empregos e possibilitar geração de renda.

Seguiu uma tendência global de reinventar o espaço urbano preservando edifícios históricos e usos tradicionais, com êxito em outros lugares como as Docklands em Londres. Adaptado para a cultura argentina virou um forte símbolo, inclusive mundial.

O projeto de revitalização do Madero promoveu o desenvolvimento de um dos bairros mais nobres da cidade. Envolvendo um projeto de 170 hectares, o porto manteve algo de sua função e trouxe novos aspectos para a área, com hotéis, centro gastronômico, corporativo e residencial. Pelo sucesso da mudança, e a importância da cidade, atualmente o local recebe um grande número de turistas, motivado não só pela sua funcionalidade, mas também pela sua estética. Por muito tempo o Puerto Madero foi o único lugar da América Latina a receber um projeto do Designer Philippe Stark, responsável pelo projeto do Faena Hotel Buenos Aires.

Puerto Madero se relaciona com o restante da cidade por meio de sua malha regular, proveniente do centro urbano de Buenos Aires, que se transforma em uma malha orgânica à medida que se aproxima da área de reserva natural. As principais obras estruturais de interconexão são as pontes que ligam os diques à cidade, e seus equipamentos urbanos que mantêm a mesma identidade, mesmo em um “território” destacado.

O principal papel do Puerto Madero é a resolução da tensão entre os propósitos da Reserva Natural e do projeto de reurbanização do próprio porto. O projeto foi concebido como integrador de áreas e pressupostos totalmente distintos. Os aspectos ambientais se destacam pelos méritos obtidos ao restaurar uma área degradada da cidade. Funcionando como uma barreira entre a cidade e a reserva natural, mantém distante a ação direta de grandes emissores de poluentes e materiais agressores ao meio ambiente.

A gestão do Puerto Madero é uma cúpula público-privada composta pelo Poder Legislativo de Buenos Aires e por representantes das empresas que

venceram licitações por imóveis e espaços ao longo dos diques. Infelizmente, a participação pública por parte dos cidadãos não é representada por nenhum membro.

Dentre os cinco modelos estudados identificaram-se – em partes específicas – amostras de aplicação de um *retrofit* com maior potencial durável do ponto de vista socioeconômico. São estes os modelos da Fábrika (Venske), em Curitiba, quando se trata da iniciativa exclusivamente privada, focando na diversidade de serviços com veia comercial, cultural e esportiva; o modelo de Liège, não no sentido de multiplicidade de atividades implantadas, ou seja, “o quê fazer”, mas sim no sentido de “como fazer”; e finalmente, o modelo do Puerto Madero, que apesar da escala maior, comporta uma grande diversidade de atividades, permitindo alguma forma de retroalimentação da vida sociocultural e da economia do empreendimento, mesmo em tempos de crise.

Aspectos ambientais e de sustentabilidade podem ser observados no *retrofit* da Fábrika (Venske), pois quase tudo foi reaproveitado e reutilizado da melhor forma possível, mantendo cuidados de preservação e manutenção. Os pavilhões da antiga fábrica foram recuperados e o madeiramento, que tinha vários pontos de apodrecimento, foi restaurado.

Com algum tipo de gestão e participação cidadã, atualmente a Fábrika abriga um centro de serviços e cultural da cidade, com jornal, teatro, escolas de idiomas, de dança e academia de ginástica. Entre os empreendimentos, está um braço do Jornal Gazeta do Povo, também o Instituto Goethe, que oferece atividades culturais voltadas à cultura alemã, a Aliança Francesa, o consulado francês e o Instituto Cervantes, reconhecido na difusão do espanhol e da cultura hispânica. O local abriga também o Teatro “A Fábrika”, um espaço cultural central, com capacidade para atender 150 pessoas. A construção de cidadania pode ser entendida com a instalação do Tribunal de Pequenas Causas, que conta com o Juizado Especial Cível (JECIV), e do Juizado Especial Criminal (JECRIM), que representou algum avanço nos processos penais, reduzindo a sensação de impunidade difundida na sociedade local.

Antigamente, a região da Venske era essencialmente habitacional. As escolas e academia foram de alguma forma, indutores de desenvolvimento para a região, promovendo-se novos usos e incentivando outras instituições a se instalarem por ali. O lugar permanece público (com algumas restrições),



onde as pessoas podem circular e conhecer o espaço, reconhecendo seu valor histórico, cultural e arquitetônico. Com o advento de sediar a Casa Cor 2015, a Fábrica reafirma sua capacidade de retroalimentar-se, justificando os investimentos nela aplicados.

Verdir® - do francês, "esverdear, ficar verde". Com um nome autoexplicativo, o projeto busca reabilitar áreas industriais. Para isso, atividades de agricultura urbana estão sendo implementadas, criando produções rentáveis de frutas, legumes e peixes, reocupando edifícios industriais abandonados, numa área inicial de 3600m<sup>2</sup>.

A Universidade de Liège trouxe uma proposta para aqueles edifícios que se congelaram na era industrial, oferecendo-lhes uma nova função regional: trazer o "verde" para uma zona historicamente conhecida pelo industrial. Além de produzir alimento para a cidade, ajudará na oferta de novos empregos, trazidos para um espaço que se encontrava abandonado e inutilizado. Mesmo com terras inapropriadas para a agricultura no entorno dos edifícios (consequência da atividade siderúrgica poluente do passado), os espaços internos dos edifícios são perfeitamente adequados aos novos usos.

Puerto Madero representa um *retrofit* bem concretizado, de larga escala, que envolveu sete décadas para se consolidar. Não é perfeito no sentido do alcance das várias camadas sociais e tampouco consegue manter-se com a mesma vida dos bons tempos políticos e econômicos da Argentina.

Fábrica e Verdir® são exemplos de menor escala e muito bem focados em resultados socioeconômicos, que resultam em empregos gerados e visitantes ou usuários compatíveis com suas propostas. Já, casos como La Villete e Matadero Madrid são exemplos que comportam aquilo que escolhemos chamar de "monoatividade", ambos unicamente culturais. São comparáveis ao Complexo Matarazzo em termos de área física, de uso original – matadouros – e qualidade dos edifícios pré-existentes. Porém, nunca poderiam comparar-se em termos de população abrangente – a escala de cidades como Paris e Madrid e a escala de Jaguariaíva. Estão ambos situados em metrópoles de fama mundial, enquanto que Jaguariaíva, com seus 33 mil habitantes e economia pouco desenvolvida, pode ser considerada, relativamente, como "vilarejo".

Verifica-se aqui uma fronteira de estudo que é a de procurar adaptar diversidade e desenvolvimento contínuo a este modelo, buscando garantir a sobrevivência dessas intervenções, tanto no aspecto físico como também, e principalmente, no aspecto socioeconômico, tema a ser tratado no capítulo 4.1.

## 4 COMPLEXO MATARAZZO

A necessidade de apoiar uma forma urbana mais sustentável - de uso misto, compacto, caminhável - encontra-se agora concentrada em agendas de planejamento da atualidade. Três forças convergentes e inter-relacionadas têm elevado esse interesse: a necessidade de reduzir o consumo de energia e o impacto de mudanças climáticas locais; a necessidade de seguir construindo em larga e pequena escala (enfrentando a recessão global); e a necessidade de fornecer tipos de habitação menores e localizadas mais centralmente (mudanças demográficas).

Grande parte desse interesse é voltada para arquitetos e desenvolvedores, trabalhando em bases do tipo “local-a-local” e “projeto-a-projeto”. Assim grandes empreendimentos comerciais fracassados são convertidos em ruas principais, gigantescas mansões de novos ricos (*mcmansions*) tornam-se prédios de miniapartamentos, e grandes lojas de varejo são resignificadas como áreas agrícolas urbanas ou periurbanas.

### 4.1 MODELO DE *RETROFIT* INCLUINDO DIVERSIDADE

A definição e mensuramento de formas urbanas “sustentáveis” – por vezes denominadas “vizinhanças urbanas sustentáveis” ou “urbanismo sustentável” – tem avançado significativamente nas duas décadas passadas. Formas urbanas sustentáveis possuem vias caminháveis e conectadas, contornos construtivos compactos, espaços públicos bem desenhados, usos diversificados, tipologias habitacionais mistas - qualidades frequentemente contrárias às ideias das gerações precedentes, com edifícios urbanos promovendo uso segregado de terrenos, projetos de superblocos, zonas habitacionais limitadas e desconectadas, e entre outros, gigantescos *shopping malls* (TALEN, 2011).

O conceito de “cidade sustentável”<sup>14</sup> é amplo e inclui mais do que qualidades físicas de formas construtivas. Estratégias institucionais como

---

<sup>14</sup> O conceito adotado aqui considera a sustentabilidade como foi definida pelo Relatório Brundtland em 1987, no qual o desenvolvimento satisfaria às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades. Para muitos autores o conceito de cidade sustentável encerra uma contradição insolúvel. As cidades são, por definição, sistemas complexos que dependem de fatores

governança local, participação cívica e programas de reciclagem são alguns dos fatores considerados importantes para promover cidades “sustentáveis”.

Mas quais seriam as dimensões a serem trabalhadas em busca de uma forma urbana sustentável e que possa ser medida e avaliada? Quase que diariamente alteram-se os edifícios ao redor das pessoas. Faz-se possível pensá-los como entidades vivas e dinâmicas, considerando apenas a experiência sensorial de estar dentro deles. Não se tem necessariamente a consciência de seus sistemas estruturais: são fatores atemporais. Pode-se, no máximo, estar consciente dos serviços utilitários disponíveis: do controle da temperatura às regulagens de luz e sombra. Destaca-se, porém, o cenário: as cores, o desenho dos interiores, o mobiliário. Coisas que são imediatas às pessoas e que são substituídas o tempo todo.

*Retrofit* não é somente cortar carbono e economizar energia. *Retrofit* está diretamente relacionado com o bem-estar das pessoas que usam aquele edifício e, preferencialmente, deve buscar proporcionar maior consciência dos espaços em que essas pessoas vivem e trabalham, fazendo com que percebam o impacto desse ambiente em suas vidas. Fala-se de muita coisa – música, gastronomia, viagens - mas fala-se pouco das paredes ao redor.

Onde há investimentos, novos edifícios tendem a dominar, instigando o sentimento de que, trabalhar em *retrofit* deve ficar em segundo plano e que essa tarefa não requer tanto intelecto, paixão ou criatividade. A realidade, porém, é outra: o *retrofit* por vezes exige mais capacidade criativa e pode transformar-se numa referência arquitetônica ou mesmo urbana.

A arquitetura deve ser pensada com amplitude. Não se trata somente de espaço e imagem, mas também de recursos, entorno e o que mais se possa produzir para o bem-estar de usuários. Não se trata apenas de sobrevivência, mas também das necessidades da alma humana, que vão muito além dos

---

externos. O princípio da sustentabilidade, por sua vez, está associado à autossuficiência, implicando o consumo e a eliminação de resíduos no mesmo espaço.

Alguns especialistas entendem que as cidades nunca foram nem serão sustentáveis. É nas cidades que as dimensões social, econômica e ambiental do desenvolvimento sustentável convergem mais intensamente. Cidades sustentáveis seriam locais que possuíssem uma política de desenvolvimento para promover o meio ambiente natural. Teriam como diretriz a ordenação e controle do uso do solo, de forma a evitar degradação dos recursos naturais. Haveria um conjunto mínimo de critérios e elementos comuns esas propostas presentes em praticamente todos os modelos de planejamento urbano, expressos em planos diretores (VECHIA, 2011).

imperativos fisiológicos. Assim, não deveria haver negociação entre arte e arquitetura. A genialidade está em combiná-los para a sustentação e apropriação da interferência.

## 4.2 *RETROFIT* COM DIVERSIDADE PARA O COMPLEXO MATARAZZO

Trata-se de um complexo arquitetônico importante, sua inserção urbana, que abriga um conjunto de edificações históricas define traçados urbanísticos e abriga bens materiais e imateriais, partes de um contexto hoje pouco valorizado dentro das potencialidades aqui pensadas.

### 4.2.1 Complexo Matarazzo

O Frigorífico das Indústrias Reunidas Matarazzo, da cidade de Jaguariaíva, Paraná, Brasil é o protagonista deste estudo. Como mencionado no Capítulo 2, contribuições passadas, presentes e futuras para o desenvolvimento da região e do estado do Paraná, a partir da década de 1920 estão sendo pensadas e discutidas sob a luz da teoria de “Desenvolvimento como Liberdade” de Amartya Sen e dos conceitos de “Diversidade” em intervenções urbano-arquitetônicas de Eduardo Lozano.

Interessa o testemunho das atividades que influenciaram e ainda influenciam a vida cotidiana da cidade, suas consequências históricas mais profundas e que justificariam a preservação e conservação dessa estrutura, visando sua sustentabilidade física, econômica, cultural e social. Propondo novos meios de usos, consumo e apropriação do imóvel outrora industrial, se estaria tratando de encontrar caminhos para sua reinserção na história paranaense. Meios que surgem inicialmente da incubação de ideias, propostas e projetos, podem vir a chamar a atenção de círculos políticos e legais, com poder de atrair investimentos de interesse público e privado, como já acontecem em diversos lugares do Brasil e do mundo, promovidos em espaços patrimoniais similares.

A requalificação deste espaço viria a resgatar os pontos fortes da região e materializa-los em forma de diretrizes projetuais, com o intuito de resultar em propostas socioeconômicas, arquitetônicas e urbanísticas condizentes com a realidade da cidade.

A teoria de “Desenvolvimento como Liberdade” de Amartya Sen, serve como orientadora na visão dos dados, dos processos e das ideias, considerando o desenvolvimento como expansão das liberdades substantivas, orientando as ações para o desenvolvimento com uma perspectiva diferente das tônicas tradicionais.

A maioria das perspectivas tradicionais de desenvolvimento está baseada no crescimento do Produto Nacional Bruto - Municipal (IDH-M), com aumento das receitas pessoais, a industrialização, o progresso tecnológico, ou com a modernização social.

Para Amartya Sen, o processo de desenvolvimento está diretamente interligado ao que as pessoas podem efetivamente realizar, influenciadas pelas oportunidades econômicas, liberdades políticas, pelos poderes sociais e por boas condições de saúde e educação básica, com incentivo e estímulo às iniciativas individuais. Concentra-se particularmente:

Nos papéis e inter-relações entre certas liberdades instrumentais cruciais, incluindo *oportunidades econômicas, liberdades políticas, facilidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora*. (SEN, 2012, p.11).

Para avaliar as possibilidades de propostas com maiores chances de êxito para o reuso e reestruturação do objeto arquitetônico e urbanístico em questão, no que diz respeito a desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida, serão fornecidos mais à frente, alguns dados sobre a região tal qual se encontra nos dias atuais, bem como uma síntese histórica do Frigorífico Matarazzo, dos anos 1920 até o encerramento de suas atividades, em 1964.

## O COMPLEXO MATARAZZO

Em 1918, conta-se que o então maior industrial do Brasil, Conde Francisco Matarazzo, percorria de trem o trajeto São Paulo – Antonina, e ao passar por Jaguariaíva, avistou o Cachoeirão e criações de suínos, associando-os a produção de energia e matéria prima, juntamente a uma localização privilegiada. Decidiu então construir ali o hoje chamado Complexo Matarazzo, uma obra de 25 mil m<sup>2</sup>, que inclui frigorífico, usina, casas dos funcionários e o palacete onde se hospedava esporadicamente. Este episódio, porém, é passível de reinterpretações, já que há documentos que demonstram

a presença de Francisco na Itália, colaborando com seu país nativo, durante esse período da Primeira Guerra Mundial.

Independente de quem tenha feito essa escolha, outros fatores foram relevantes. A proximidade com São Paulo, centro industrial e sede das Indústrias Reunidas Matarazzo, foi mais um dos critérios que influenciaram na seleção da região para sua instalação. As empresas agroindustriais que se instalavam no Paraná mantinham uma relação de complementaridade dependente de investimentos e consumo providos de São Paulo.

No limite do entroncamento do ramal viário de Tomasina, e numa região de produção de suínos, no ano de 1918 – final da Primeira Grande Guerra - iniciaram-se as obras de construção do Complexo Matarazzo de Jaguariaíva. A fabricação industrial de vários tipos de presunto, salsicha, defumados e outros derivados do porco tiveram início no ano de 1920. Essa produção era enviada via ferroviária a São Paulo e parte dela exportada à Europa.

As obras de barragem do Rio Jaguariaíva e seu canal foram concluídos no ano de 1943, com a finalidade de ampliar a força da usina hidrelétrica, parte do complexo industrial, em períodos de seca.

Francisco Matarazzo (o pai) tinha um perfil assistencialista, criando vilas operárias, cooperativas para gêneros de primeira necessidade, concedendo abonos e prêmios. A partir de 1947, Matarazzo Junior (o filho), após as medidas trabalhistas implantadas por Getúlio Vargas, adotou uma política de serviços sociais em suas empresas, presentes também no Frigorífico de Jaguariaíva: vestiários, refeitórios, berçários, ambulatórios médicos e dentários, postos de abastecimento com produtos mais baratos, cursos de orientação profissional e aperfeiçoamento de mão-de-obra dentro da fábrica. Em Jaguariaíva, como em outras cidades, foi implantada uma escola para filhos de operários junto à já existente vila operária, bem como uma sede social, onde se realizavam eventos, bailes, encontros (BRANDÃO, 2000).

Segundo Brandão (2000), a historiografia não apresenta necessariamente uma visão positiva de pai e filho Matarazzo. Recebiam muitas críticas apesar da importância de suas realizações no cenário industrial brasileiro. Mas em Jaguariaíva até hoje se conserva uma imagem quase mítica e positiva do personagem “o Conde”. Essa constatação se origina de várias entrevistas realizadas por Brandão, com operários do antigo Frigorífico:

A figura do Conde era considerada como a de um rei, toda vez que ele vinha a Jaguariaíva. Ele vinha apenas esporadicamente, uma ou duas vezes por ano, no máximo (...). Ele construiu aqui na cidade uma mansão que as pessoas chamavam “o palacete do Conde”. Então, toda vez que o Conde e sua família vinham a Jaguariaíva era motivo de muita curiosidade. A condessa, as filhas e os filhos do Conde saíam pela cidade para conhecer as pessoas, para conversar com as pessoas. (...) despertava a curiosidade porque era a família de uma estirpe nobre (...) as pessoas não sabiam o que era. Mas sabiam que era uma pessoa de estirpe nobre, apesar de não saber onde se conseguia esse título. Mas isso não importava, eram consideradas pessoas de grande realce na cidade (...). Quando o Conde chegava era uma festa. Eles soltavam foguetes anunciando. Era uma festa (BRANDÃO, 2000, p, 74).

Entrevistas realizadas pela autora em 2013 puderam confirmar que essa imagem lendária ainda permanece. Esses encontros, num total de dez, foram realizados com pessoas de diferentes características, entre jovens e adultos, estudantes, funcionários públicos, comerciantes, comerciários, aposentados e políticos. Como visto no Capítulo 3.6, somente um desses entrevistados trabalhou no Frigorífico, e em seus tempos finais. Essas entrevistas demonstraram que as ideias de grandeza e das glórias do passado são parte de juízos herdados, e que se mantêm na memória coletiva da cidade. O Complexo Matarazzo está diretamente ligado à identidade do lugar e ao orgulho urbano da população de Jaguariaíva.

Identidade do lugar e qualidade de vida são aspectos fundamentais no pensamento de Amartya Sen e aparecem diretamente em seu texto:

Venho procurando demonstrar já há algum tempo que, para muitas finalidades avaliatórias, o “espaço” apropriado não é o das utilidades (como querem os ‘welfaristas’) nem o dos bens primários (como exigido por Rawls), mas o das liberdades substantivas – as capacidades – de escolher uma vida que se tem razão para valorizar (SEN, 2012, p. 104).

Quando se pensa em identidade, memória, orgulho, surge o conceito de que a implantação do Frigorífico e dos métodos de gestão de Francisco Matarazzo marcaram somente pontos positivos, que resistem à passagem do tempo. Porém, com um olhar mais acurado através das lentes de ‘desenvolvimento como liberdade’ de Sen, talvez os resultados não sejam tão positivos quanto relatam os registros da memória urbana.

Jaguariaíva orbitava ao redor do Frigorífico. A estratégia de Matarazzo era fabricar tudo o que era preciso para chegar aos produtos finais do



frigorífico, desde sacas de estopa, caixas de madeira para embalagens, até os próprios trens para transporte. As vidas econômicas, educacionais, culturais, da maioria das famílias urbanas e algumas rurais, dependiam da fábrica, e das benesses do Conde. As compras eram feitas no único empório Matarazzo (entre os anos 1920/1940), os empregos, os fornecedores, enfim as relações gerais de troca estavam atreladas aos negócios das IRFM (Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo).

Quando do encerramento de suas atividades em 1964, se rompe uma dinâmica construída ao longo de 44 anos. A liberdade no uso da criatividade, de crescer através de iniciativas próprias talvez existisse, mas o paternalismo e o assistencialismo podem ser sufocantes e de alguma forma paralisantes. Um tipo de “adormecimento” tende a decorrer e reprimir possibilidades de iniciativas individuais e criativas. É como um filho que vive das concessões protecionistas do pai e evita caminhar com as próprias pernas – porque não precisa! Jaguariaíva hoje parece ainda viver da memória de glórias passadas.

O cluster da madeira, forte presença na região, tem ares de não fazer parte do lugar. Trata-se de uma atividade e de uma economia que não se vê dentro – tudo acontece em função do ‘fora’. Os grandes executivos ou seus visitantes estrangeiros não se relacionam com a cidade, não promovem reuniões ou eventos de grande impacto público e os patrocínios são incipientes. Mesmo funções de maior relevância como universidades, hospitais, e até mesmo atividades do cotidiano, como ir ao supermercado, comumente são feitas ou provêm de Ponta Grossa.

Como em outros exemplos de cidades que vivem ou viveram em função de uma fábrica, ou uma única atividade industrial, quando de sua morte, morre a cidade. Com Jaguariaíva tem o agravante de que essa indústria fez parte de um dos maiores e mais respeitáveis grupos industriais de uma era. O frigorífico se tornou um espaço simbólico para os trabalhadores e moradores e está ainda presente a constante afirmação de beleza, solidez e de suas luzes. O apito chamando seus operários ao trabalho, toca até hoje (2015). O edifício se tornou emblemático e o espaço da fábrica segue presente na memória de seus trabalhadores:

(...) era sempre ajardinado, bem arejado. Esta fábrica é uma das mais privilegiadas porque ela tem muitos acessos, ela tem

muito espaço. (...) quando cheguei fiquei muito surpreso porque o prédio aqui tinha muito mais condições do que os que a gente via em São Paulo (BRANDÃO 2000, p. 91).

Eu tinha uma vontade de entrar, de conhecer lá dentro, mas não deixavam, não tinha segurança, por causa da lida (...). Eu acho que na fábrica não era tão perigoso. É que eles não deixavam mesmo. Via a fábrica de longe. Era a coisa mais linda! (BRANDÃO, 2000, p. 91).

Seria possível argumentar que lugar é o recipiente que contém o ser humano, diferente dele, mas em ressonância com ele. Essa cidade, que expressa a forma com a qual agrupa o homem, permite ao indivíduo a possibilidade de fazer um recorrido sobre sua história e a história do sujeito, ou seja, o material expresso pelo indivíduo. Ele se reconhece íntimo com o lugar através de sua história e quando essa relação se parte, a desorientação invade sua mente (ver Figuras 39, 40 e 41) (CORREIA, 2012).

Figura 40 – anos 1920



Fonte: Museu Palacete Matarazzo

O Complexo Matarazzo, em 2015, abriga um pequeno cinema, resultado de investimentos federais, e que funciona nos fins de semana atraindo visitantes da região, que chegam através de vans comunitárias; uma escola

municipal de música; um setor da UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa; o Projeto Casulo, com quatro empresas, que não pagam o aluguel, parte de um acordo eleitoreiro anterior; e dois setores administrativos da Prefeitura Municipal. Apesar dos inúmeros ocupantes, ainda resta mais da metade das instalações sem uso, e a maior parte da área utilizada é inadequada à importância histórica do edifício e de seus agregados – o edifício da antiga Estação Ferroviária e o Palacete Matarazzo, hoje Museu Matarazzo (ver Figura 4).

Figura 41 - 2012



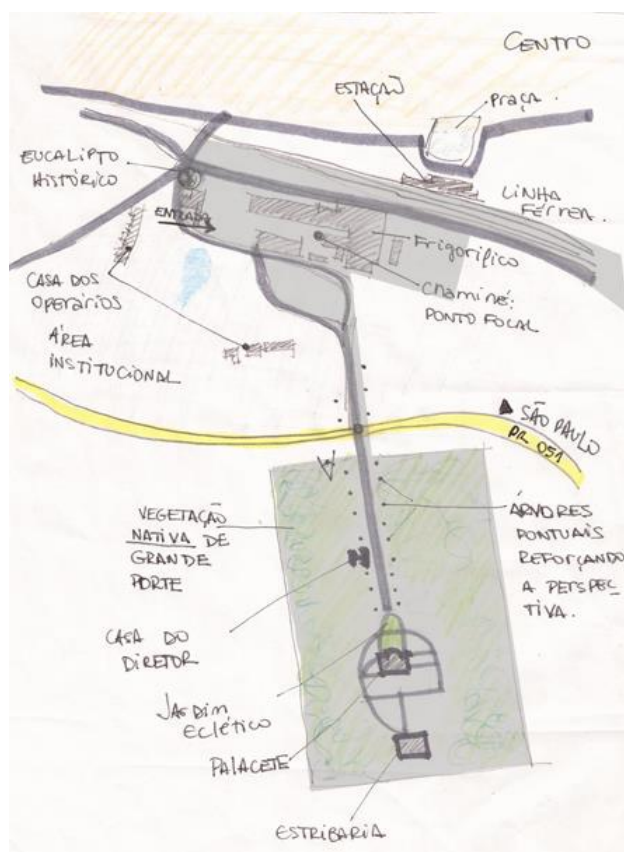
Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

#### 4.2.2 Relações de poder e o nome de família “Matarazzo”

O material recolhido em dois volumes por Ronaldo Costa Couto (2004) autoriza a conclusão seguinte: O conde Francesco Matarazzo, foi o maior empresário dos anos 1920 no Brasil. Deste modo, percorreu a história industrial nacional durante sua expansão como um dos grandes nomes do capitalismo mundial.

Matarazzo não edificou dez, vinte ou cinquenta usinas. Ele conseguiu construir duzentas. Ao lado delas, igualmente multiplicou as hidroelétricas e as ferrovias - ditas no plural. Ele era também proprietário de companhias marítimas, bancos, fazendas, milhares de terrenos e inúmeros edifícios, que se estendiam até a Argentina, Estados Unidos e na Europa. No seu apogeu empregou 30.000 pessoas. A título de comparação, o Banco do Brasil tinha no início do mesmo século, 133 empregados, atualmente a empresa brasileira Gerdau, considerada o gigante do aço, tem a 14.000 empregados. Para obter um panorama do patrimônio acumulado por Matarazzo, o valor corrigido para os dias de hoje atingiria 20 bilhões de dólares (COUTO, 2004).

Figura 42 – plano esquemático



Fonte: Arquivo da pesquisadora Tamiris Cunha Vaz

Este capítulo trata das relações de poder que favoreceram a manutenção do “Império” Matarazzo. Apropriou-se de ideias dos historiadores Castro (2000), Zanker (1992) e de Foucault (1994, 2001, 2012), para selecionar aspectos das relações de poder a serem discutidos no texto, ou seja, a

hierarquia, a divinização e a omissão de formas de resistência.

O termo “Império” nesta argumentação tem a força de mostrar as relações de poder que se estabeleceram entre o Complexo Industrial Matarazzo e os investimentos de infraestrutura, que resultaram em obras que ainda permanecem na memória coletiva. As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM) representaram durante mais de quatro décadas o mais poderoso grupo industrial da América Latina. Enquanto estrangeiro, fora da terra natal, num país ainda não explorado economicamente no setor industrial, Francesco Matarazzo mantinha relações políticas nacionais e internacionais que favoreceram a instalação do que viria a ser esse império industrial no Brasil.

As políticas de imigração do Império Brasileiro (1822-1889) e a crise econômica na Itália nos anos 1880 são duas das razões que favoreceram a vinda das famílias imigrantes italianas. Nesse movimento, chegou em 1881, esse rapaz de 27 anos chamado Francesco Matarazzo. Veio da região de Nápoles (Castellabate), onde justamente se casou o Imperador brasileiro Pedro II com a princesa napolitana Tereza Cristina Maria de Bourbon, em 1843 (COUTO, 2004). O fato de a Imperatriz italiana ser esposa do dirigente imperial brasileiro pode ter sido um dos facilitadores da identificação de imigrantes italianos no Brasil.

Autores como Couto (2004) e Dean (1971) reforçam a ideia presente na época do Império, quando a miscigenação das raças poderia ser motivo de vergonha, e daí a necessidade do “branqueamento” da população por meio das políticas de imigração. O poder estava centralizado nas mãos de pessoas não nativas (populações nativas seriam as ribeirinhas, indígenas, escravas, mestiças) com uma cultura acadêmica móvel, capaz de mudar as posições sociais.

## RELAÇÕES DE PODER DAS IRFM

Para Michel Foucault, um poder seria uma força que não possui um lugar fixo e nem propriedade de ninguém. Não faz referência ao espaço, pois é somente um elemento dentro das relações entre os indivíduos: “o poder é em realidade de relações, um feixe mais ou menos organizado, mais ou menos piramidado, mais ou menos coordenado de relações” (FOUCAULT, 2001, p.

302).

Seria possível estabelecer em termos de estratégias, os mecanismos colocados em prática dentro das relações de poder. O mais importante a ser dito aqui é que na análise do caso Matarazzo a literatura faz pouca menção da ligação entre as relações de poder e as estratégias de oposição. É verdade que, no cerne das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma insubmissão e liberdades essencialmente relativas.

É possível corroborar com Foucault (1994) quando ele afirma não haver relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem retorno eventual. Toda estratégia de poder implica, ao menos virtualmente, uma estratégia de luta, sem que para isso elas venham a se sobrepor, a perder sua especificidade e finalmente, a se confundir. Elas constituem uma para a outra, um tipo de limite permanente, de ponto de reversão possível.

A dominação de uma estrutura de poder mantida pelo Conde Matarazzo, encontrava significados e consequências, mesmo na trama mais tênue de situações estratégicas adquiridas, solidificadas e apropriadas historicamente pelos sujeitos. O que realmente possibilitava a dominação de um grupo empresarial e o controle das resistências ou revoltas (fenômeno central na história das sociedades), era o contexto político e econômico de compromisso das relações de poder que se mantinham pela hierarquia, divinização e omissão de oposição (FOUCAULT, 2001).

Concorda-se com a afirmação de Foucault (1994), de que o poder pode ser analisado por um viés distinto daquele que evidencia as ações estatais. Todo o trabalho do poder para disciplinar os sujeitos requer técnicas refinadas dos corpos políticos: trata-se de 'docilizar', disciplinar os indivíduos sem que estes últimos, naturalmente percebam. No caso do Conde Matarazzo, a estrutura arquetônica de seus imóveis, seus títulos, suas relações políticas ofuscavam as articulações ideológicas do regime ditatorial.

Eram os poderes periféricos e moleculares exercidos por e sobre indivíduos, grupos, empresas, cientistas e comunicadores. Eles eram praticados em níveis variados e em pontos diferentes da rede social – Itália e Brasil - e neste complexo, esses micropoderes existiram integrados ou não ao Estado (FOUCAULT, 2012).

Segundo o autor, se o poder político for considerado como repressivo, por

outro lado, os micropoderes podem ser produtivos. Enquanto o poder político busca “fazer calar”, reservando-se o direito à palavra, mantendo os governados na ignorância, reprimindo prazeres e desejos, exercendo ameaça de morte, os micropoderes ao contrário, produzem discursos, incitam confissões, o que permitia controlar aqueles que funcionam ou não dentro das normas.

Os micropoderes individualizam (dentro de um sistema de disciplina), e desejam gerar a vida buscando fazer-se desejar, amar - o patrão é etimologicamente o ‘pai’, tal qual Francesco Matarazzo. Se você não me obedece, não te amo mais - esta é a fórmula mais ou menos implícita do micropoder que utiliza o jogo da sedução, escravizando. Enquanto o poder político impõe leis, os micropoderes impõem normas e regularizam situações e ações (FOUCAULT, 2012).

Sem muita imaginação, seria possível encontrar nas atuações e tomada de decisões de Francesco Matarazzo a presença do uso destas estratégias. O patrão era paternal, provia simbolicamente tudo o que considerava essencial para a sobrevivência de seus empregados. Sua intenção era proporcionar o que poderia ser considerado “o melhor”. Não se pode deixar de mencionar que no Brasil ainda não havia a organização do trabalho. Ela foi oficialmente estabelecida com as leis trabalhistas da década de 1940. Logo, os empresários poderiam fazer exigências de longas jornadas de trabalho, e oferecer baixos salários. Não existiam indenizações por acidente de trabalho nem outros benefícios que foram sendo criados com o aperfeiçoamento das normas.

Ao observar a Figura 43, que mostra um ambiente interno de uma das fábricas do complexo industrial, as expressões faciais não revelam necessariamente satisfação. Pode-se inferir que essa postura seja de respeito e orgulho de fazer parte de uma indústria que revolucionou a vida de gerações em algumas regiões sem grandes perspectivas. Todos estão olhando para a câmera fotográfica, em uma cena montada. A hierarquia se percebe nas figuras dos “graduados” ou técnicos encarregados, que estão identificadas na imagem: uma postura orgulhosa, com seus jalecos impecavelmente brancos. Esse orgulho era real e pôde ser comprovado nos muitos depoimentos de antigos funcionários do Frigorífico Matarazzo de Jaguariaíva, no Paraná (BRANDÃO, 2000):

O Conde Francisco Matarazzo era importante e muito bom. O



filho, o Conde Chiquinho não era igual ao pai [...] Quando ele vinha, poucas pessoas tinham acesso. Somente algumas autoridades da cidade iam conversar com ele ou às vezes, ele mandava chamar [...] A questão da higiene era exemplar. Tinha inspeção Federal. [...] Todos os produtos eram de primeira qualidade. [...] Matarazzo fazia de tudo. Não tinha nada que não fizesse. E as coisas da Matarazzo eram muito boas. [...] Se o Matarazzo precisasse de um botão, construía uma fábrica para não ter que comprar de outro. [...] O Matarazzo fazia coisas tão boas que eu nunca vi. Nuca mais se fabricou tais coisas como naquela época. [...] eram os melhores produtos fabricados no país porque os técnicos eram europeus. E a indústria era italiana, como você sabe [...] qualquer pessoa, de qualquer lugar, não só daqui de Jaguariáiva podia fazer compras aqui no armazém do Matarazzo (BRANDÃO, 2000, p. 74-104).

Figura 43 – Linha de produção do Frigorífico Matarazzo de Jaguariáiva, anos 1930



Fonte: Secretaria de Cultura de Jaguariáiva – doação da família Matarazzo

## HIERARQUIA

Castro (2000), ao estudar a proclamação da República nacional, explica que os estudantes militares sediados na cidade do Rio de Janeiro, provindos das regiões menos desenvolvidas do país adquiriam um novo status social: “para a maioria dos estudantes militares [...] chegar à Corte pela primeira vez



implicava não apenas um deslocamento espacial, mas principalmente cultural” (CASTRO, 2000, p.12). O Rio de Janeiro tinha bondes, teatros, “invenções maravilhosas” e cativava os visitantes. “Era como estar mais próximo da Europa que dos sertões” (idem).

A supervalorização da ciência, iniciada no Império, atravessa o regime republicano formando a elite intelectual da sociedade brasileira. Os títulos de engenheiro, advogado e médico facilitavam o acesso a cargos e funções públicas e eram vistos como caminho para atingir os estágios mais adiantados de desenvolvimento humano e econômico. O padrão científico-intelectual “imperou na segunda metade do século XIX, encarnado em diversas tendências intelectuais: materialismo, positivismo, darwinismo, evolucionismo, monismo. Todos procuravam descobrir a lei que rege o progresso, que determina a evolução” (CASTRO, 2000, p.16,17). O sentimento nacional do progresso do país era pertencer à História universal das nações que se encontravam em estágios diferentes, quanto aos valores morais, políticos e filosóficos.

O desenvolvimento de valores meritocráticos era um fenômeno universal e concorria com o poder baseado no parentesco ou na riqueza. Na hierarquia das elites os títulos poderiam ser atribuídos por privilégio de nascimento ou por capacidade individual. “É claro que há uma enorme distância entre a afirmação ideológica do princípio do mérito e seu funcionamento efetivo” (CASTRO, 2000, p.18).

O título nobiliárquico de Conde Matarazzo<sup>15</sup> revela uma hierarquia de poder, a qual ainda durante a República Velha (1889-1930) permaneceu viva, enquanto herança dos 60 anos de Império (1822-1889). Essa posição social era valorada pela sociedade e garantia privilégios, prestígio e direitos. Matarazzo por si mesmo, acreditava na superioridade do princípio do mérito, que não se atinha somente à sua existência ideal e simbólica, mas também estava atrelada aos títulos e prêmios (postos de trabalho) que construíam as diferentes identidades. O Conde respeitava e valorizava a hierarquia de seus empregados por meio de cargos, salários, bonificações, promoções, ascensão

---

<sup>15</sup> Na Idade Média, o título de conde cabia ao cargo de comandante militar de território. Os títulos eram parte da história, sinalizam quem era quem, uma referência da importância da pessoa (COUTO, 2004).

social e privilégios, tais como residência distinta da vila operária, viagens técnicas, férias, capacitação.

No caso do clã Matarazzo paulista, o sucesso econômico-financeiro e indicações de “bons antecedentes” de nobreza certamente facilitaram a inserção social. Atenuaram a resistência da velha e fechada aristocracia paulistana, preconceituosa contra emergentes nacionais e estrangeiros. Talvez por isso o inteligente, irônico, bem humorado e pragmático Francesco Matarazzo tenha valorizado e propagado tanto o título de Conde do Reino que lhe foi concedido em 1917(COUTO, 2004, p.50).

Em 1914, ao tentar dar uma pausa no trabalho, Francesco vai à Itália para cuidar da saúde, deixando o filho Ermelino à frente do conglomerado. Mas é surpreendido pela entrada de seu país na Primeira Guerra Mundial, em maio de 1915. Matarazzo então se oferece para coordenar o serviço de abastecimento das tropas. Articula a importação de alimentos, fornece farinha brasileira à Itália e à França. Também importam do Brasil 10 mil burros das montanhas de Minas para carregarem no lombo canhões da artilharia italiana de montanha, durante a guerra contra a Áustria. Em reconhecimento aos serviços prestados, receberá do rei da Itália, Vittorio Emanuele III (1900-1946), em 1917, o título hereditário de conde. Volta ao Brasil no final de 1919. Vale destacar que o evento da primeira Guerra Mundial pode ter impedido ou dificultado seu retorno ao Brasil.

## POLÍTICAS PÚBLICAS

Mais tarde, Francesco irá entusiasmar-se com a Nova Roma do ditador Benito Mussolini, que chega a conhecer pessoalmente. Fará duas significativas doações para o fascismo italiano – em 1926, um milhão de liras para a organização da juventude Opera Nazionale Balilla, e em 1935, dois milhões de liras para o governo italiano, a essa altura boicotado pela Liga das Nações por seu ataque à Etiópia. Mas Matarazzo não é favorável à implantação do modelo fascista no Brasil nem em suas fábricas. Teme o radicalismo político, a agitação, a violência. Tem muito a perder, inclusive seu ótimo relacionamento com os operários, grande parte vindos da Itália. Paternalista, compreensivo, exemplo de sucesso, é respeitado por todos e ídolo da maioria.

Para o historiador Warren Dean (1971), ele se tornou o industrial mais

conceituado do país pela maneira como dirigia os negócios e por ser, em todos os sentidos, um homem extremamente encantador. Seu prestígio era tal que no dia de seu funeral, em 10 de fevereiro de 1937, a multidão parou a Av. Paulista para assistir a seu cortejo (ver Figura 44).

Seu pragmatismo político se manifesta de novo durante a Guerra Paulista de 1932, que queria depor Getúlio Vargas (1882-1954). Matarazzo mantém relação apenas formal com o presidente, mas resolve não se envolver diretamente na revolução que mobiliza toda São Paulo. Realista, não vê qualquer chance de vitória. Já seu sobrinho Ciccillo Matarazzo, da gigantesca Metalúrgica Matarazzo, fabrica artefatos militares para os revoltosos (COUTO, 2004).

Figura 44 – Cortejo fúnebre de Francesco Matarazzo, Av. Paulista-SP



Fonte: <[saopauloantigo.blogspot.com.br/2007/11/villa-matarazzol](http://saopauloantigo.blogspot.com.br/2007/11/villa-matarazzol)>

A figura do conde Francesco Matarazzo incita pesquisadores a conhecer tal pessoa enquanto empresário de sucesso. Relevante é o tamanho de seu império e as estratégias de poder utilizadas para mantê-lo coeso, funcionando, e em ascensão.

## A DIVINIZAÇÃO E POLITIZAÇÃO COMO VEÍCULOS DE PROPAGANDA

Essa história não foi construída somente a partir de fatos, mas também de discursos emergentes de contextos diversos. A crença na força pessoal de Francesco Matarazzo se constituiu objeto de poder real para ele. Considerava-se um imperador, e desse modo, era visto no conjunto das relações sociais como tal. Uma massa de manobras estava posta em jogo para manter a continuidade dessa crença do poder de um indivíduo sobre outros (FOUCAULT, 1994).

Outros impérios trazem a tona relações de poder políticas, geográficas ou econômicas. As antigas Grécia e Roma oferecem bons exemplos da utilização da propaganda como promoção pessoal. A divinização do governante pode ser muito eficaz, principalmente nas sociedades piramidais. Poder pessoal e poder religioso fazem parte das manobras técnicas para aglutinar populações numerosas e díspares, em um conjunto de normas, num espaço disciplinar.

As conquistas imperiais de Alexandre o Grande, por exemplo, não se puderam concretizar da forma como previa, no que se refere as suas ideias de expansão. Desejava-se uma população majoritariamente grega, que pudesse anular ou fazer assimilar as formas culturais aspiradas pelos dominadores. A enormidade do império asiático que Alexandre foi conquistando em tão pouco tempo, o levaram a formatar modos de governo. Nesse estilo piramidal de exercício do poder, aquele que está na base controla, enquanto que os demais - uma massa anônima - estão obrigados a trabalhar (FOUCAULT, 2012).

A divinização da imagem de Alexandre preludiu a de outros soberanos helenísticos e tinha precedentes anteriores: era um meio muito eficaz de anular os tediosos e trabalhosos sistemas de tomada de decisões consensuais, que caracterizavam tanto o modelo político macedônico, como o da maioria das cidades gregas. No tecido social da antiguidade egípcia, por exemplo, o poder como modo de ação de alguns, ou de um sobre outros, estava difuso nos procedimentos e táticas de sujeição, que envolvia força, resistência e conflitos. Mas, afóra os egípcios, não era necessário que o soberano acreditasse ser ele realmente divino. Aceitava a potencialidade dessa crença, a qual servia como mais um instrumento de propaganda política (ZANKER, 1992).

Eruditos confucianos tentaram mitigar a arbitrariedade do imperador, bem como alguns pensadores helenísticos, como, por exemplo, Evêmero de Mesene, que manipula a divindade dos deuses do passado, estimulando essa crença, ao supor-lhes uma humanidade anterior. Uma estratégia que permitia uma transposição desta ideia para a realidade hierárquica de sua época.

Em uma linguagem de narração mítica, dizia haver visto na Ilha Panquea algumas inscrições sagradas, nas quais o monarca humano chamado Zeus narra as façanhas que haveriam levado a seus contemporâneos a divinizá-lo. Assim, pois, os grandes deuses do panteão teriam sido antigos grandes reis. Resultaria lógico daí, que se divinizasse os reis do presente. Mas por trás da lógica de Evêmero se escondem níveis múltiplos de leitura, e seus escritos podem ser analisados também como uma crítica impiedosa do mecanismo da divinização (GARCIA, 1994).

Na Roma Imperial, desde Augusto, mestre da propaganda e dos recursos que oferecia a religião a seu favor, construiu-se um modelo de divinização progressiva do soberano e seus antepassados, que se institucionalizou no culto imperial. Tratava-se de uma ideologia unificadora que constituiu uma 'religião política' na qual o ritual imperial atuava como um meio de propaganda de grande eficácia (ZANKER, 1992).

Trata-se de uma matriz binária entre dominadores e dominados, em que as relações de poder são intencionais e não subjetivas, e que pode ser transposta para compreender o imperialismo de Francesco Matarazzo. Durante as visitas a suas fábricas mais distantes da sede paulistana, era recebido com pompa e circunstância. Poderes periféricos – grupos, empresas, técnicos, comunicadores, políticos - circulavam por trás do cenário preparando a dramatização, como mencionado através das entrevistas de Brandão (2000).

As estratégias de Matarazzo para criar a aura e deslumbramento como 'rei da indústria', tinham por fundamento o uso de seu título nobiliárquico, exposições e aparições esporádicas previamente anunciadas, a divulgação massiva em periódicos sobre seu império industrial e a qualidade de seus produtos. Nessas manobras as representações de poder das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo e do Conde Matarazzo se confundiam. A essa assertiva se junta o impacto de sua morte, quando a importância e a centralidade do poder se rompem. É necessário, com efeito, compreender que

a noção do título nobiliárquico não morreu, mas a essência fundadora e transhistórica que encarna o sujeito Francesco Matarazzo morreram (FOUCAULT, 2001).

A árdua tarefa de manter a imagem de “império” sem a presença existencial heroica de seu fundador fica legada a seus herdeiros. A descontinuidade de uma história impensável se constituiu em uma operação não mais legítima e uniforme, que era extremamente positiva em função da unificação dos discursos.

Os desafios se centravam em criar novos sistemas de relações e enunciados discursivos. “Chiquinho é mantido no comando, agora com o respaldo formal da maioria dos herdeiros [...] Juntos, [...] eram donos de mais de 20% das ações. Deixam o grupo, vão cuidar de outros negócios, em outras áreas e endereços” (COUTO, 2004, p. 213). As novas relações de poder caracterizam um empreendimento de cuidado, de arte e de reflexão. A forma de controle assumida pelo Matarazzo original, não foi por manifestação de sua potencialidade e superioridade, mas pelo zelo, dedicação e aplicação de técnicas.

Para manter um dispositivo de poder seria necessário um modo de ação que não trata diretamente e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. O filho teria que criar suas próprias estratégias, a partir de um conjunto de ações possíveis, em um campo de possibilidades que permitisse instaurar comportamentos delineados pelo pai. Sua maneira de agir sobre um ou mais sujeitos atuantes seria composta de ações sobre ações (FOUCAULT, 1982).

A estrutura das relações de poder que se estabeleceu na instalação do conjunto de edifícios que hoje é chamado “Complexo Matarazzo” se fundamentava nas questões hierárquicas, políticas e na omissão das oposições. Em seu itinerário histórico observa-se que a liberdade de ação de Francesco Matarazzo refletia-se em suas estratégias e táticas para articular as relações de poder que Foucault codifica como “conduta das condutas”.

As relações estabelecidas entre o divino, o soberano e o pai de família no seio das representações do poder político foram sendo reavaliadas no quadro das situações geopolíticas que se travavam no período de ascensão do Conde. No plano político, o espaço entre o dirigente das fábricas e as diferentes

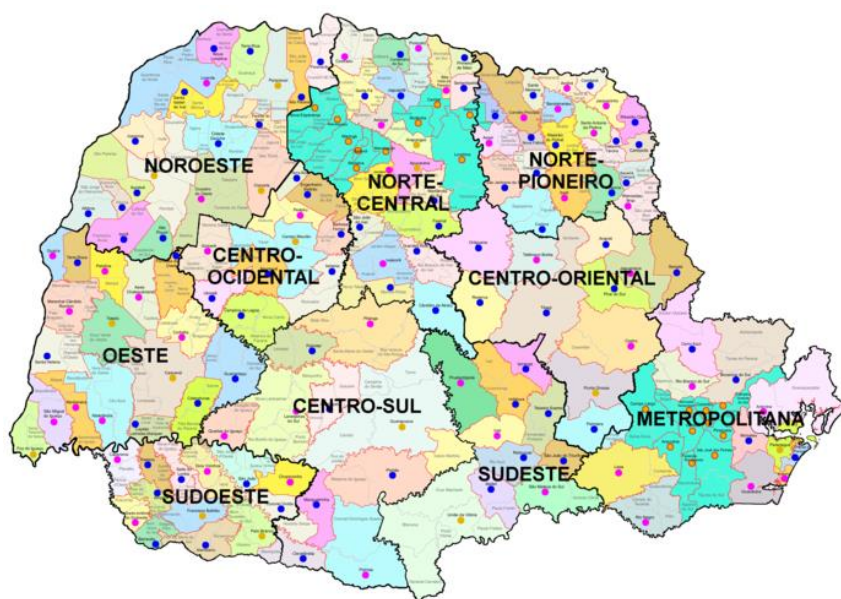
situações históricas vivenciadas por ele, desenham o ambiente do exercício, ligado à operacionalidade dos próprios princípios de soberania. Ele desenvolve um “saber fazer” para exercitar as regras próprias da arte de governar segundo as necessidades do momento.

A legitimidade de suas práticas se fundamentou nas técnicas de individualização e na governança de um único império – Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo – a fim de assegurar a produtividade, a prosperidade e a felicidade de todos. O lema: Fides, Honor, Labor (Fé, Honra, Trabalho) estava presente na fachada de todos os edifícios industriais. Seus procedimentos, práticas, condutas, motivações e atitudes, asseguravam os mecanismos de ordem e manutenção das estruturas hierárquicas da sociedade. Ele conhecia as forças sobre as quais repousava o dinamismo do Estado, aplicando artifícios sobre a consciência das pessoas, não através da imposição, mas através das crenças, verdadeiras ou falsas.

#### 4.2.3 Jaguariaíva no contexto paranaense

Das 200 fábricas pertencentes ao grupo Matarazzo no Brasil, uma delas encontrava-se encravada nessa pequena cidade chamada Jaguariaíva, no Estado do Paraná, Brasil. Este Estado pode ser dividido administrativamente em regiões, e normalmente se encontram subdividas em 10 agrupamentos de municípios (ver Figura 45). A cidade de Jaguariaíva aparece como microrregião, compondo a mesorregião Centro Oriental, juntamente com Ponta Grossa e Telêmaco Borba.

Figura 45 – Paraná - mesorregiões



Fonte: <ceaf.mppr.mp.br>

Com população de 699.879 habitantes (IBGE, 2015), a Mesorregião Centro-Oriental situa-se no Segundo Planalto Paranaense, abrange uma área de 21.812 Km<sup>2</sup> que corresponde a cerca de 10% do território estadual. É constituída por 14 municípios: Arapoti, Carambeí, Castro, Imbaú, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Reserva, Sengés, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania.

Esta região é também chamada de “Paraná Tradicional”, onde a economia e a sociedade são de origem camponesa. Deste modo os ciclos econômicos bovino, de erva mate e madeira, sustentados por grandes proprietários são complementados por uma agricultura de subsistência. Para os municípios, o índice de desenvolvimento humano (HDI-M) mostra que a região não realiza um desempenho similar contra o restante do Estado. A cidade de Ponta Grossa desponta como microrregião com alto desenvolvimento que fornece outros serviços às cidades ao redor como saúde, ensino profissional e superior, segurança pública, etc.

Entre as cidades da mesorregião dos Campos Gerais, Jaguariaíva possui fraco índice de população ativa. Com relação aos seus 33.000 habitantes (2010), a cidade apresenta altas taxas de desemprego. É cortada por um grande entroncamento rodoviário que faz a ligação entre os estados do sul do Brasil e as outras regiões do País e suas fronteiras.



A distância da Capital Curitiba é de 222 km, pelas rodovias PR151 e BR 376. O aeroporto mais próximo está a 22 km, em Arapoti, pela PR 092, todavia linhas comerciais são oferecidas somente pelo aeroporto de Curitiba. O porto de Paranaguá está a 306 km passando pelas rodovias PR-151 e BR-376 (VAZ, 2012).

A partir desses e de outros dados complementares sobre a região, obtidos sob as formas tradicionais de análise, é possível incluir distintos olhares e maneiras de aferir ‘desenvolvimento’. A liberdade de participar das trocas econômicas tem um papel básico na vida social. A abordagem “desenvolvimento como liberdade” pode direcionar a uma perspectiva mais inclusiva dos mercados do que a que é frequentemente invocada quando se defendem, ou quando se censuram os mecanismos de mercado. Amartya Sen propõe outros métodos de avaliação, que falam da apreciação do progresso sendo feita em termos do alargamento das liberdades pessoais.

Jaguariaíva possui uma característica geográfica que possibilita facilidade logística para entrada e saída de mercadorias das empresas instaladas. Além disso, é portadora de grande oferta de água, energia elétrica e combustível vegetal para funcionamento e operação de equipamentos e máquinas das empresas.

Esses fatores tornaram a região atrativa para investimentos de algumas empresas de grande porte, nacionais ou internacionais, que se instalaram em vários municípios da região, com prevalência das áreas da agroindústria, principalmente na industrialização de alimentos e no beneficiamento de madeira. É importante citar a maior bacia leiteira do Paraná, com produção cerca de oito vezes maior que a média nacional, em função da concentração industrial alimentícia de derivados de leite na Região, empresas que investiram em desenvolvimento e aprimoramento de raça e manejo de gado leiteiro.

Ao lado do importante patrimônio histórico-cultural, a região conta com atrativos naturais peculiares em função da diversidade ambiental, acidentes geográficos e campos de florestas de pequeno porte. O Cânion de Jaguariaíva é o oitavo maior do mundo em extensão, com paredões de até 80 m de altura (ver Figura 46). Ainda conta com atrativos naturais tais como: Serra Velha do Paredão, Parque Estadual do Cerrado, Parque linear Rio Capivari, Vale do Codó, Parque Municipal Lago Azul, com várias cascatas e corredeiras.

Trata-se de uma região propícia a atrair todo tipo de turismo ecológico, e além do tropeirismo moderno, já implantado em outras regiões próximas, poderia explorar atrações tais como trekking, rapel, canoagem, entre outros.

O fator complicador é que a cidade não oferece acessos, transporte, guias, hotelaria especializada, enfim, nenhuma estrutura direcionada a essas categorias e perde uma excelente oportunidade de explorar a indústria do turismo, que traria muitos empregos diretos e indiretos, com o aumento do consumo interno.

Outros aspectos negativos da região são evidenciados pela exploração descontrolada dos bancos de areias e mata ciliar que provocam o assoreamento dos rios, as fazendas produtoras altamente mecanizadas que não absorvem a demanda de emprego rural, resultando em altos índices de desemprego, bem como a liberação não controlada de agrotóxicos no meio ambiente. As áreas de reflorestamento indicam problemas sazonais nos ecossistemas associados, e apenas 28% do esgoto da Região é tratado e o IDH indica baixa qualidade de vida da população, tendo somente a cidade polo (Ponta Grossa) acima da média do estado (IDH-M 2010).

Figura 46 – Canion de Jaguariaíva



Fonte: Secretaria da Cultura de Jaguariaíva

Segundo dados históricos do município, as origens de ocupação datam do século XIX, através dos tropeiros. Depois o crescimento populacional foi fomentado através da construção da Ferrovia, em 1910 e da implantação do Frigorífico das Indústrias Matarazzo, em 1920 (VAZ, 2012).

O movimento do tropeirismo iniciou-se no séc XVIII e perdurou até 1930. Tratava-se de tropas oriundas do Rio Grande do Sul, que levavam o gado até Sorocaba (SP), abrindo novos caminhos e povoando os locais de parada do histórico “Caminho de Viamão”. O grande legado da cultura tropeira é uma língua de entendimento própria, diferentes hábitos de alimentação, de vestir, de musicalidade, de religiosidade, folclore, práticas de medicina e a organização social.

A ferrovia “Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande” chegou a Jaguariaíva em 1902. Em 1910 iniciou-se a construção do “Ramal Paranapanema” e foi inaugurada a “Estação Cachoeirinha”, pertencente à “Rede Viação Paraná – Santa Catarina”, que fazia junção, em Jaguariaíva, com a “Estrada de ferro São Paulo – Rio Grande”. A condição de entroncamento ferroviário foi muito importante para o desenvolvimento econômico e social da cidade.

Em fevereiro de 1997 a Linha férrea foi passada à concessionária ALL - América Latina Logística, pelo período de 20 anos, cujo objetivo é realizar somente o transporte de cargas. Existe um estudo para reativação da linha. Há 01 ramal industrial que até o ano de 2005 atendia a ARAUCO DO BRASIL e está em estudo outro ramal de ligação à indústria Norske Skog PISA, há 15 km do centro de Jaguariaíva. Caso haja investimento, possibilitaria uma infraestrutura de alto potencial. O ramal que passava em frente à Estação Ferroviária de Jaguariaíva e do Complexo Matarazzo se encontra hoje desativado.

#### 4.2.4 Aplicação do modelo adaptado para o Complexo Matarazzo que se apropria do *retrofit* com diversidade socioeconômica

O orgulho urbano é feito do entrelaçamento entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder, celebridades e artistas (LE GOFF, 1998). Poderíamos dizer que o orgulho urbano está diretamente relacionado com o conceito de identidade urbana, ou identidade social. Muitas vezes, se as pessoas procedem de um lugar do qual não se orgulham, elas não se interessam em revelar suas origens.

Na base desta estrutura se encontra o “passado ambiental” do indivíduo, assim como os significados socialmente elaborados destes espaços, que o sujeito foi integrando em suas relações espaciais. Este depósito de percepções configura a identidade do lugar e do qual ele não é consciente até que veja sua identidade ameaçada. Nesse momento poderá distinguir a propriedade dos novos entornos que se relacionam com seu “passado ambiental”, um reconhecimento que virá favorecer o sentido de familiaridade e percepção de estabilidade no ambiente. Determinar graus de apropriação para atuar e modificar o entorno será então possível (PROCHANSKY, 1983 em CORREIA, 2012).

As pesquisas teóricas em conjunto com os estudos de caso que compõem a presente tese permitem pensar em algumas propostas para o Complexo Matarazzo. Algumas destas reflexões consideraram, por exemplo, a instalação de atividades com caráter público, dirigidas às iniciativas individuais, culturais, turísticas regionais, comerciais, e ainda outras, de cunho público ou privado. Áreas educacionais, de saúde, de serviços públicos, todas focadas na melhora da qualidade de vida e do orgulho urbano, poderiam vir a revitalizar Jaguariaíva, resgatando de um modo diferente, aquele passado glorioso proporcionado pela fábrica.

O espaço de acesso público nunca foi considerado o “lado negativo” da identidade urbana, e sim o “lado positivo” das cidades. Uma nova indústria ocupando aquele espaço traria com certeza a oportunidade de empregos e seria presumível o surgimento de outras dinâmicas de mercado. Mas, de certa forma, estaria somente postergando o tipo de dinâmica que já existe hoje e que

pouco acrescenta na liberdade como qualidade de vida e na ampliação das possibilidades criativas e iniciativas individuais.

Adam Smith falava que seria um erro considerar os seres humanos apenas relativos a seu uso produtivo, a suas funções operárias, esquecendo aspectos da natureza humana:

(...) parece impossível que a aprovação da virtude deva ser do mesmo tipo daquela com que aprovamos uma edificação conveniente ou bem planejada, ou que não deveríamos ter outra razão para louvar um homem além daquela pela qual elogiamos uma cômoda (em SEN, 2012, p. 376).

Amartya Sen alerta sobre a importância da expansão das capacidades na geração da mudança social (indo muito além da econômica). Fala de desenvolvimento visto como processo de expansão das liberdades substantivas das pessoas. Uma variedade de instituições sociais – ligadas às operações de mercados, a administrações, legislaturas, partidos políticos, organizações não governamentais, poder judiciário, mídia e comunidade em geral, contribuem para o processo de desenvolvimento, precisamente por meio de seus efeitos sobre o aumento e manutenção das liberdades individuais.

Para o autor, o aumento das rendas não traz necessariamente mais felicidade ou mais qualidade de vida. Portanto, atrair para as instalações do Complexo Matarazzo uma nova grande indústria, que proverá obviamente novos empregos, mais renda, mais consumo, não é garantia de mais liberdade e melhor qualidade de vida. A mesorregião é bem abastecida de indústrias e pouco abastecida de formação profissional técnica, de lugares de encontros e de trocas, de pequenos negócios, de espaços culturais e iniciativas individuais.

Assim, talvez ao antigo frigorífico, lhe caia melhor uma variedade de pequenos e diversificados usos, de acesso público tanto para os que tomam, quanto para os que oferecem serviços. Ao buscar-se uma compreensão mais integral do papel das capacidades humanas, é preciso levar em consideração sua relevância *direta* para o bem-estar e a liberdade das pessoas; seu papel *indireto*, influenciando a mudança social e promovendo a produção econômica (DAMBRON, 2004).

O Complexo Matarazzo dos dias atuais parece ser o espaço apropriado para abrigar tanto as iniciativas criativas individuais - pequenas cooperativas e mercados de produção regional, mercadinhos orgânicos (ver Figuras 47 e 48),

serviços de hotelaria e ecoturismo regional; como iniciativas culturais – espaços de shows (ver Figuras 49,50, e 51), teatro (como o cinema existente na Figura 52); também iniciativas esportivas, escolas de arte e danças (ver Figuras 53 e 54), ações educacionais – como escolas técnico-profissionalizantes (ver Figuras 55 e 56), indo além das incipientes salas de aula da UEPG, já presentes.

Caberiam ainda iniciativas públicas – pequenos postos de serviços municipais, estaduais e federais, como a obtenção de documentos ou pedidos de serviços de energia ou água; iniciativas sociais – lojinhas, bares, restaurantes, pracinhas e pontos de encontro (ver figuras 57 e 58). Os 25.000 m<sup>2</sup> das instalações criadas para matar e processar porcos podem hoje abrigar todas essas novas funções e talvez outras mais (ver Figuras 59 e 60).

A antiga fábrica, na qual só entravam seus empregados e fornecedores, se transformaria no espaço público, com efeitos multiplicadores através do contágio, como já acontece em diversas intervenções semelhantes (CORREIA, 2012). O antigo ramal férreo abandonado, comprimido entre a antiga Estação e o Matarazzo, poderia ser reativado. Estaria fazendo conexões turísticas incluindo as de transporte público urbano, sem retomar as antigas funções de veículo de porcos e seus derivados. Velhos vagões de trem estariam, romanticamente, conduzindo turistas e moradores.

Recintos de encontros informais e descanso fariam parte dos boulevares entremeados pelos ambientes contedores das múltiplas atividades. Bibliotecas temáticas funcionariam como centros de referência espelhando conceitos multidisciplinares para formação e capacitação de jovens e adultos. Áreas enclausuradas como as que hoje são usadas para garagem de ônibus e vans escolares viriam a abrigar, por exemplo, centros de exposições (ver Figuras 61 e 62). As grandes naves que hoje estão ocupadas pelas empresas que não pagam aluguel, passariam a acolher feiras de negócios e encontros de interesse regional ou até mesmo nacional (ver Figuras 63 e 64).

Essas mesmas naves ainda teriam a capacidade de abranger ambientes de “coworking”, necessários para uso de pequenos empresários locais e daqueles que estão em trânsito a negócios (ver Figura 65). O Complexo teria mais espaços disponíveis para oficinas multifuncionais públicas ou privadas (ver Figura 66). A antiga nave de três pavimentos (ver Figuras 67 e 68) seria

capaz de comportar um hotel, focado em ecoturismo bem como em negócios, incrementando a exploração incipiente dos recursos locais.

Para a viabilização de ideias como esta, a valorização de atitudes práticas sobrepõe-se a elucubrações, excesso de informação e discussões sem fim, carentes de propósitos práticos. Organizações simples, com poucos níveis de mando, logística de divulgação de calendários, no caso de eventos e demais atividades, garantiriam que os cidadãos pudessem planejar suas vidas, incluindo interesses e ofertas proporcionadas pelo novo Complexo Matarazzo.

Como visto nos estudos das referências, não há como obter total garantia de êxitos em longo prazo. Para que expectativas sejam alcançadas é preciso não cometer erros como o de impor metas intangíveis. Um ambiente de cooperação sadio se faz imprescindível para a manutenção do entusiasmo e motivação permanente.

Como os conhecimentos da arquitetura e do urbanismo poderiam favorecer a viabilidade de propostas como esta? O *retrofit* pode ser uma ferramenta benéfica e eficaz de interferência, ao revitalizar e aumentar a vida útil desse imóvel. Com o abandono das atividades industriais que culminaram em grandes edifícios e obras de infraestrutura, resta apenas aquilo que chamamos de *brownbuildings*, nome dado aos edifícios antigos, sem inovações técnicas ou energéticas, com alto custo de manutenção, oferecendo pouco em termos de qualidade de uso.

Segue-se o conjunto das imagens que representam o estado atual das instalações bem como propostas imaginadas para um Complexo Matarazzo com diversidade. Nas imagens finais, o embrião do que poderia vir a ser plano diretor para o reuso dos 22 mil metros quadrados subutilizados (ver Figuras 69 e 70).



Figura 47 – Matarazzo, 2015 – espaço ideal para mercado de produtos regionais



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 48 – Matarazzo– proposta mercado de produtos regionais



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia



Figura 49 – Matarazzo 2015 –Atual escola de música – **ATUAL**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 50 – Matarazzo –Espaço shows e eventos culturais , vista externa - **PROPOSTO**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 51 – Matarazzo – Espaço shows e eventos culturais, vista interna - **PROPOSTO**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 52 – Matarazzo – Cinema existente, vista interna- **ATUAL**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

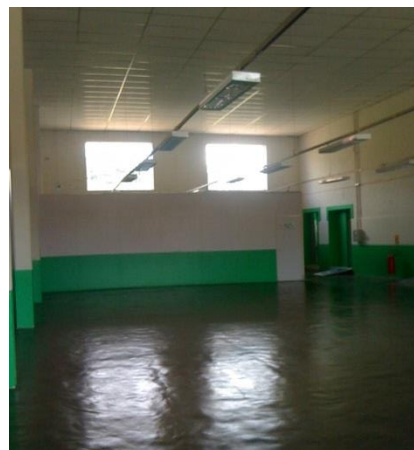


Figura 53 – Matarazzo – área abandonada - **ATUAL**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 54 – Matarazzo – arte e dança – **PROPOSTO**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 55 – Matarazzo –UEPG - **ATUAL**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 56 – Matarazzo – cursos de capacitação - **PROPOSTO**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia



Figura 57 – Matarazzo – BOULEVARD - **ATUAL**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 58 – Matarazzo –BOULEVARD com diversidade - **PROPOSTO**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 59 – Matarazzo – acesso externo subutilizado - **ATUAL**



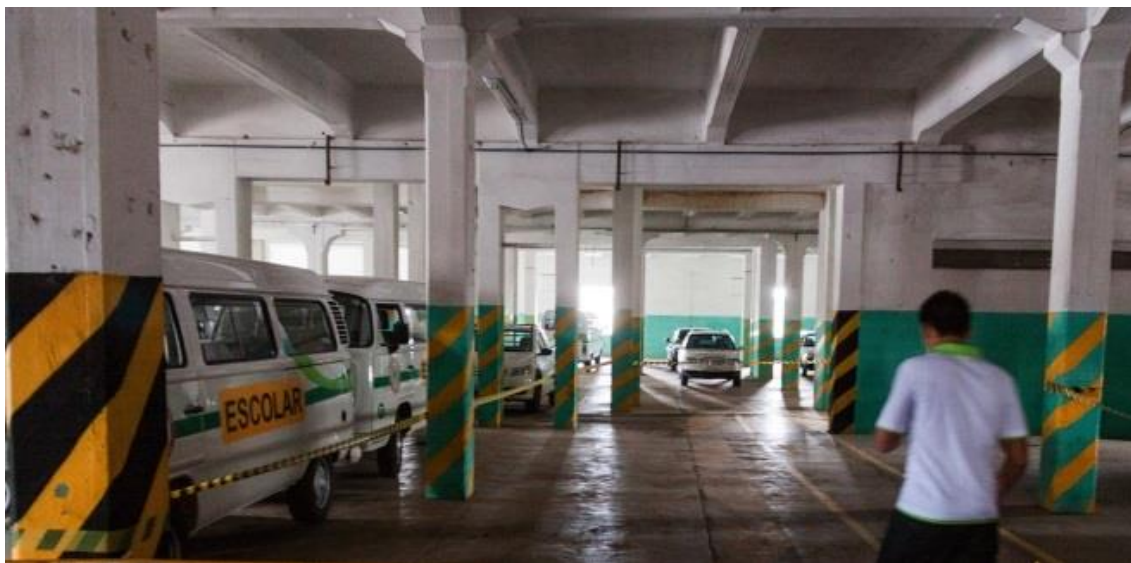
Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 60 – Matarazzo – Proposta para espaço externo multifuncional



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia



Figura 61 – Matarazzo – garagem de veículos escolares – **ATUAL**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 62 – Matarazzo – eventos culturais – **PROPOSTO**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 63 – Matarazzo – naves interditadas pelo projeto Casulo – **ATUAL**



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

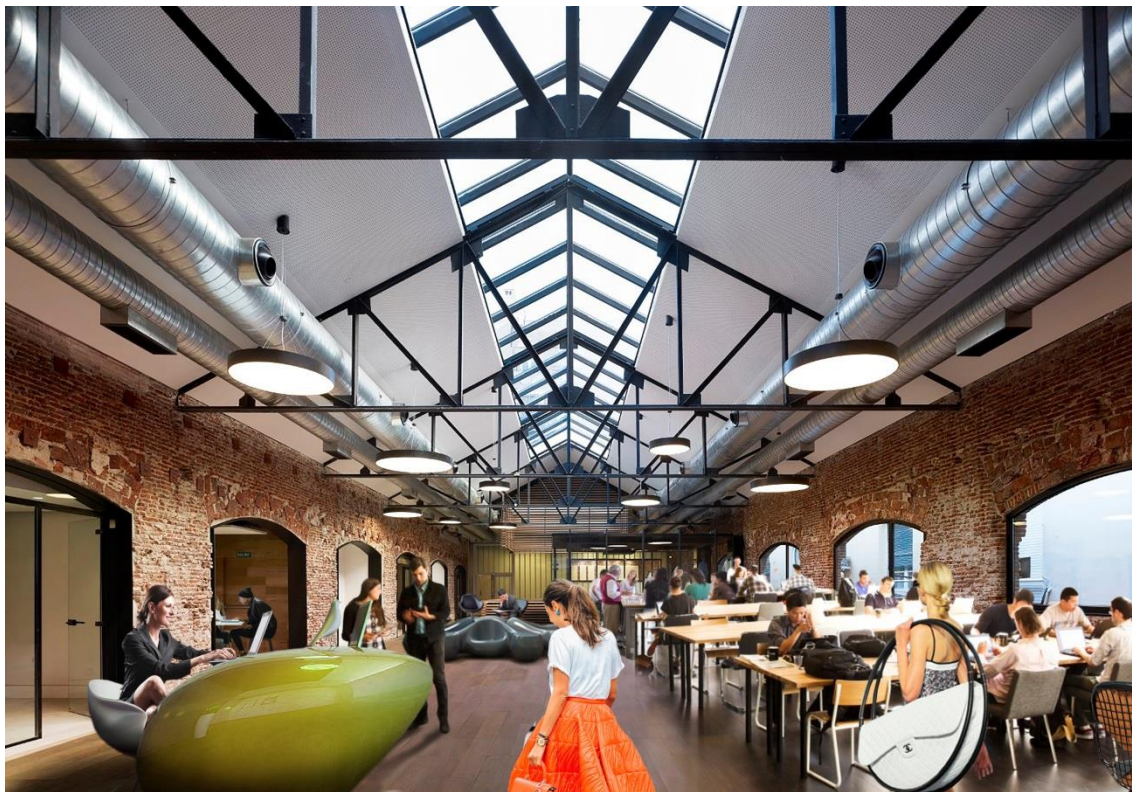
Figura 64 – Matarazzo – naves interditadas – FEIRAS DE EVENTOS – **PROPOSTO**



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia



Figura 65 – Matarazzo – naves interditadas - Coworking – PROPOSTO



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia



Figura 66 – Matarazzo – naves interdidas - OFICINAS MULTIFUNCAIONAIS – PROPOSTO



Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia



Figura 67 – Matarazzo – antiga nave ainda existente– **ATUAL**

Fonte: Secretaria de Cultura de Jaguariáiva

Figura 68 – Matarazzo – visão geral desde o parque – **PROPOSTO**

Fonte: arquivo particular da pesquisadora Beatriz Silva Correia

Figura 69 – Matarazzo – vista aérea – **ATUAL**

Fonte: Google Earth



Figura 70 – Matarazzo – visão geral – PROPOSTO



Fonte: Arquivo particular da pesquisadora

Operações do tipo *retrofit* vêm dar vida e novas funções a esses espaços destinados à morte e à reclusão. Como visto nos estudos de caso, um dos usos mais atrativos são as práticas culturais e que se converteram em um componente importante para a sustentabilidade e a qualidade de vida. No que se refere ao Complexo Matarazzo de Jaguariaíva, pelo tamanho da população e pelas características da região, é possível mesclar atividades e incluir os serviços almejados, resultando em um espaço público de fato e de direito (MOMMAAS, 2004).

O espaço público apareceu e foi criado para ser o lugar da assembleia, do mercado, da festa, da justiça, do teatro, do trabalho, do jogo, do encontro, da conversa, da religião, da música. As praças medievais exemplificavam um bom modelo: ali se apresentavam os autos de fé, as feiras dos melhores produtos locais, orgulho dos cidadãos, quando eram convidados ilustres estrangeiros. A mesma praça dava lugar ao mercado. Assim, nobres e comerciantes, inquisidores e bruxas, legumes e cavalos, se sucediam dia a dia, no mesmo espaço urbano. A praça medieval, em suma, se constituía num lugar vital que permitia múltiplas funções, um espaço para todo tipo de atos e toda classe de cidadãos, concretização perfeita da equivalência entre cidade e espaço público (LE GOFF, 1998).

Além de permitir a realização de uma série enorme de funções, o espaço público, como lugar, teve e ainda hoje tem um caráter simbólico indispensável na vida urbana. É uma referência na qual os cidadãos, por um lado se reconhecem como membros de uma comunidade, reencontram e recriam sua história coletiva e, por outro lado, se veem confrontados com as mudanças e as inovações, elementos essenciais de uma cidade. O espaço público resume o passado, o presente e o futuro, orgulho e símbolo da cidade (CORREIA, 2000). Faz-se possível transformar o Complexo Matarazzo em um espaço social e cultural, uma versão atualizada das antigas praças e mercados medievais onde aconteciam todos os negócios, todos os encontros, todas as festas.

As cidades são um aglomerado diverso: memórias, sonhos, signos de uma linguagem; lugares de trocas não somente de mercadorias, mas troca de palavras, de desejos e lembranças (CALVINO, 1972, p.15, apud CORREIA, 2012). Comentar sobre a cidade como imagem poética seria o mesmo que falar sobre o próprio “ser” que ela é. O surgir da imagem em uma consciência

individual nos pode ajudar a restituir sua subjetividade e a medir sua amplitude e força.

Partindo do princípio de que o indivíduo seria o veículo que proporciona a percepção da cidade, percepção essa que teria relação com o conhecimento e sensibilidade, seria possível ir mais além ao sugerir que, quando aquele indivíduo não conhece aquilo que lhe é proposto, poderá não estar sensível a essa proposta, por medo ou simples indiferença. Neste caso, a cidade percebida estaria tatuada em sua história pessoal, da maneira como é vista por ele. A compreensão da cidade, ou daquele 'novo' ou 'desconhecido' que ela propõe somente seria possível a partir de um comprometimento com esse novo, e não unicamente de um testemunho indiferente.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Edifícios deveriam ser remodelados ou reconfigurados várias vezes ao longo de sua vida útil com a adição de novos sistemas e prováveis transformações em seu interior. O usual modelo de demolição pode ser perfeitamente substituído por desconstrução. O rol de imóveis existentes exigindo renovação, remodelação e reuso – aquilo que chama-se até aqui de *retrofit* – é elevado, e a demolição para posterior substituição por vezes parece impossível ou pouco recomendável por razões tanto financeiras quanto ambientais.

Na busca de conciliar uma determinada realidade às necessidades da construção civil através de soluções duráveis, o novo rivaliza com o *retrofit*. O estoque de grandes edifícios existentes, abandonados ou subutilizados exige ações de renovação. Essas exigências se devem ao alto custo operacional relacionado à ineficiência de energia e aos custos de manutenção (quanto mais velho o edifício, mais cara sua manutenção).

Baldios industriais urbanos podem voltar a ter função social na cidade, e para que eles possam atingir esse objetivo legal (faz parte do Estatuto da Cidade desde 2001), necessitam passar por renovações de modo a acolher usos contemporâneos. Colocar o antigo em boa forma, conceito primordial do *retrofit*, instrumentado dos conhecimentos técnicos da arquitetura e da engenharia, tem sido prática comumente utilizada para a recuperação e reconversão desses *baldios industriais* como são chamados no Brasil, *brownfields*, por exemplo, nos Estados Unidos, ou *friches industrielles* termo usado na França.

Contudo, este tipo de interferência no meio urbano pode nem sempre se encaixar nos interesses das comunidades, se não pensado em seu contexto temporal e espacial. Na maioria das vezes e em médio prazo, a estratégia da demolição que dá lugar à arquitetura do espetáculo, se mostra insuficiente para satisfazer as expectativas de desenvolvimento socioeconômico e cultural das cidades. Insuficiente, por quê?

Para um desenvolvimento local durável, levando-se em conta a apreciação dos casos elencados na Tese, juntamente com as abordagens do

marco teórico, concluiu-se que, antes da simples aplicação e atualização das técnicas do *retrofit*, análises sistêmicas contextualizadas são necessárias.

A chamada arquitetura do espetáculo, tática integrante de várias interferências urbanas, tem-se comprovado impotente na tarefa de atrair e manter desenvolvimento. Com um tempo de validade determinado, o interesse da população se esvanece: o efeito “novidade” arquitetônica tende a passar após duas décadas no máximo (quando se fala de arquitetura contemporânea); eventos socioculturais são geralmente escassos para atrair grandes públicos; espaços de consumo muitas vezes mantidos por órgãos governamentais não conseguem manter qualidade, tampouco proporcionar a variedade e acessibilidade econômica esperada pelo público.

Não há um ponto de interseção entre o fenômeno social de interesse prolongado nessa solução, que garanta êxito socioeconômico em longo prazo. Para modificar ou melhorar a realidade social é preciso contar com uma retroalimentação, que buscará garantir a durabilidade e estabilidade do empreendimento.

Constantes análises relacionadas a grandes metrópoles, tais quais os projetos estudados nesta tese, apresentam a necessidade de passar por ajustes, sempre que consideradas as diferentes formas de apropriação do espaço pelo público. Essas constatações se podem justificar pela insuficiência e dissonância de atividades, insustentabilidade das formas de apropriação, necessidade de sobrevivência do empreendimento, escolha dos usos e pela grande escala dos empreendimentos.

Por que razões baldios industriais urbanos deveriam ser mais do que somente espaços de entretenimento? Esta questão foi levantada com base no que foi examinado através da literatura e pelos problemas factuais encontrados nos exemplos analisados: Matadero Madrid, Parque de la Villette, Fábrika, Puerto Madero e Projeto Verdir®. Por este pretexto, o “*retrofit* com diversidade” foi o modelo eleito para o Complexo Matarazzo, uma vez que os recursos técnicos da arquitetura, ainda que espetaculares ou bem estruturados – sempre que isolados - podem ser insuficientes para atender os objetivos socioeconômicos e culturais destas cidades, contexto no qual se inclui a cidade de Jaguariaíva - PR.

Jaguariaíva-PR parece ainda beber da fonte de triunfos passados e o Frigorífico Matarazzo foi cultuado como um espaço de poder e prestígio. A identidade entre a cidade e a figura do domínio agropecuário e do poder industrial subsequente, marcou a vocação da cidade. Pela escala e comportamento, parece encaixar-se no perfil das cidades feudais. A identidade entre a cidade e essa figura de poder - o homem e o edifício como símbolo do poder industrial - representaram a transição de uma economia baseada na agropecuária para uma economia baseada em uma indústria de ponta (considerada para os anos 1920). A partir daquele momento, a cidadezinha passa a relacionar seu pequeno comércio e suas atividades agropecuárias às novas atividades fabris. A partir de então, houve uma ampliação significativa das vocações da cidade.

A vida econômica, cultural e educacional da maioria das famílias urbanas e algumas rurais dependiam da fábrica e da generosidade do Conde Matarazzo. Os empregos, os fornecedores, enfim, as relações gerais de troca foram, por muito tempo, ligadas às Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM). Com a exclusão das atividades em 1964, houve a decomposição de uma construção dinâmica de 44 anos. Desde então, este caráter de letargia, que contribui para que essa seja uma das regiões mais pobres do Estado do Paraná, pode ter se mantido por tempo demais, e desencorajado iniciativas individuais e criativas.

A dominação exercida pela estrutura de poder mantida pelo Conde Matarazzo, deixou uma marca indelével de significados e consequências. As estratégias disciplinares utilizadas se solidificaram e foram apropriadas pelos sujeitos, deixando marcas profundas herdadas pelo inconsciente coletivo.

O poder, quando analisado pelo viés das relações de trabalho, usado com o intuito de disciplinar os sujeitos pode exercer um efeito que vai além do 'docilizar' e ofuscar articulações ideológicas. É possível que os resultados herdados do "grande pai" que tudo decidia e proporcionava tenham contribuído consideravelmente para a construção da atual realidade.

Aqueles poderes periféricos e moleculares exercidos por e sobre indivíduos e grupos eram praticados em níveis por vezes invisíveis, em pontos diversos da rede social. Seriam os micropoderes que existiram integrados ou não aos poderes políticos, e que seguem afetando as decisões de novos

recomeços.

Os estudos teóricos trazidos para argumentar e traçar um plano viável para o Complexo Matarazzo, bem como as observações e as visitas técnicas, sustentam uma resposta positiva para a necessidade de o baldio industrial urbano ser mais do que somente o espaço de armazenagem que se configura nos dias atuais, ou do entretenimento, atividade predileta de interferências em edifícios similares.

Tratou-se de alguns projetos em fase de implantação ou já implantados, totalmente apropriados ou não, cujos resultados puderam ser revistos. Os meios utilizados para o exame dessas apropriações fizeram uso tanto dos padrões universais de medida de sucesso e desenvolvimento (IDH), quanto das óticas de “desenvolvimento como liberdade” sugerida por Amartya Sen, e “diversidade socioeconômica em interferências urbano-arquitetônicas”, defendida por Eduardo E. Lozano.

Uma das estratégias para a elaboração de um modelo aperfeiçoado de *retrofit* para a cidade de Jaguariaíva - PR foi o uso das entrevistas locais. A almejada diversidade socioeconômica para este baldio industrial pôde ser validade a partir desse mecanismo metodológico. Ressaltar a monumentalidade do Complexo trata-se apenas de um dos fatores. Respeitar as vocações regionais, revitalizar, dando novos usos, atualizar e manter constantemente a vigilância sobre a necessidade do desenvolvimento durável local são elementos imprescindíveis na consolidação, apropriação e êxito do empreendimento.

A construção de uma visão crítica das realidades dos antigos baldios, pensados unicamente como espaços de entretenimento e cultura se fez possível pelas visitas técnicas, presenciais e virtuais, e pelo exame das interferências do tipo *retrofit* eleitas nesta tese. Seria mais recomendável ao Complexo Matarazzo, uma organização de pequenas atividades circulação de mercadorias agropecuárias produzidas localmente, atividades de varejo, alimentação, educação, serviços públicos, eventos comerciais, de negócios e de turismo, cujo movimento geraria empregos, promovendo o aproveitamento do capital humano disponível, criando novas dinâmicas de serviços e produtos através de pequenos negócios. Os 22 mil metros quadrados de tijolos vermelhos revitalizados e modernizados voltariam a ser o protagonista da

identidade e do orgulho urbanos. Movimento, luzes, trocas – produtos e pessoas circulando, num vai e vem, com novas dinâmicas e novos interesses.

A integração de atividades urbanas baseada na simbiose e na diversidade suscita necessidades comuns ao longo do consumo ou da linha de produção. É possível citar como exemplos, a combinação de moradia e comércio, a fim de recapturar a vitalidade de certas zonas centrais; comércio adjacente a zonas escolares, criando protocentros em zonas urbanas dispersas; zonas corporativas ou industriais poderiam estar mais próximas das áreas residenciais, desde que não trouxessem impactos negativos; crianças deveriam poder ver pessoas no trabalho, bem como, centros para idosos deveriam estar dispostos de forma bem distribuída pelo meio urbano.

Além disso, por meio do *retrofit*, seria possível dar um passo a mais no desenvolvimento local, o qual pressupõe uma transformação da realidade. Nesta espiral de liberdade, ocorreriam articulações entre os diversos atores e esferas de poder, seja a sociedade civil, as organizações não governamentais, as instituições privadas e públicas e o próprio governo. Nesse contexto, as comunidades teriam a possibilidade de descobrir e valorizar as capacidades internas em distintas escalas territoriais e ambientais.

Ideias que combinam a reutilização do estoque existente de capital humano, bem como de soluções duráveis, com boa energia, podem resultar em atraentes desdobramentos sustentáveis. Uma ideia simples tem sua lógica na complexidade. Porém, quantas vezes a lógica parece completamente esquecida? Ao considerarem-se importantes questões de sustentabilidade para uma intromissão ou interferência, três fatores deveriam ser avaliados: ecológico, econômico e sociedade (ético, social, cultural).

A visão dos recursos disponíveis tem-se alterado e permitido o planejamento de edifícios mais responsáveis: seriam aqueles que preveem as dinâmicas da vida humana ou respondem às mudanças impostas por esses movimentos. Vive-se em um mundo no qual visão e comunicação são importantes – a velocidade é necessária. É preciso consciência e capacidade de persuasão para transformar o mundo ao redor enquanto se vive dentro dele.

Observando a questão mundial do pensar globalmente e agir localmente, os investimentos em ações especializadas na promoção do desenvolvimento local tenderiam a crescer, potencializando características

socioeconômicas, culturais e ambientais de cada localidade. No horizonte dos próximos 15 anos, as tendências indicam que a sobrevivência e a prosperidade dos negócios estariam vinculadas a uma “nova” forma de atuação. Considerando as regulamentações, reposicionamento dos mercados e dos valores organizacionais, há autores, como Souza, Ruthes, Valença, (2014) que aconselham incorporar preceitos de sustentabilidade nas dinâmicas organizacionais e na interação entre os sistemas produtivos. Em virtude disso, prevê-se uma demanda por profissionais preparados, capazes de conduzir processos de desenvolvimento local.

Profissionais especializados conduzindo processos de desenvolvimento local remetem diretamente aos artesãos medievos, funcionando organizados dentro de suas agremiações. Para o sucesso e crescimento dos negócios, “pensar globalmente e agir localmente” recai também nas dinâmicas de alguns momentos importantes da era medieval, bem como a atenção aos preceitos de sustentabilidade e interação de sistemas produtivos. Como exemplo, é possível citar as experiências trazidas pelo projeto Verdir®, de Liège, na Bélgica, com a retomada de uma agricultura urbana e periurbana (autossuficiente), influências mútuas entre campo e cidade similares às interações medievais.

Arquitetos e interventores urbanos poderiam estar reformulando seu pensamento, reconduzindo o desenho de seus edifícios para usos amplificados, melhor adaptáveis a um mundo em constante mutação. Massimo Cacciari, em seu livro “A Cidade” alerta que o habitar deste tempo – do tempo do *General Intellect* e da Mobilização Universal, nunca se tornará a utopia do total enraizamento e da desencarnação da alma. Estas seriam más gnosés, filhas de uma fé ingênua e de uma crença supersticiosa no “progresso tecnológico”. Para o progresso pós-metropolitano seria preciso aquela *architecturae scientia* de que os antigos já falavam: capacidade de construir lugares adequados à utilização, correspondentes às exigências e aos problemas do próprio tempo. Assim, políticos e arquitetos deveriam tentar ultrapassar a monofuncionalidade, pensar em edifícios realmente polivalentes (Cacciari, 2009).

Cacciari evidencia que ainda existem “edifícios-hospitais”, “edifícios-escolas”, “edifícios-museus”. Segue-se intervindo urbanística e arquitetonicamente por compartimentos estanques, criando corpos rígidos. O

fato de dizer-se que o edifício deve ser multifuncional, que deve servir para distintos usos, usado por pessoas e funções diversificadas deveria tornar esse lugar mais coerente com a forma de vida atual.

A boa notícia é que, os últimos anos têm trazido um jato de ar fresco na abordagem da arquitetura sustentável e no uso do *retrofit* arquitetônico e urbano. A proposta para o Complexo Matarazzo está apenas começando, com a inserção de novos usos para o edifício e apresentando distintas dinâmicas sociais e comerciais locais, bem como, permitindo o acesso e assimilação das comunidades vizinhas.

Baldios industriais podem renascer através de uma intervenção do tipo *retrofit* a ponto de tornarem-se espaços multifuncionais - educacionais, econômicos, culturais, e ainda, como recursos sociopolíticos transformadores. Uma interferência com visão sistêmica, ampla, contextualizada, poderia ter a força de resgatar e devolver à cidade a antiga condição icônica e simbólica dessa estrutura edificada, que preenchia o espaço urbano e a vida das pessoas.

Corroborando com as falas dos participantes das entrevistas, a fábrica Matarazzo ainda é o centro monumental da cidade. Ela foi também o centro de muitas vidas que ali nasceram, trabalharam, casaram e morreram. Centros físicos e imaginários do trabalho, do comércio das alegrias e das festas.

Os sonhos continuam mesmo que as linhas de produção não estejam mais sendo tecidas. Por isso, a proposta de um modelo aperfeiçoado e adaptado à história e ao contexto atual foi pensada como um convite à participação popular local e à apropriação das ideias pelos poderes públicos e privados. Os imóveis do Complexo enquanto vitrines social, cultural e corporativa, atrairiam simpatizantes que experimentariam novas regras e dinâmicas urbanas inusitadas. Seria um processo de sedução para a comunidade evoluir de forma conjunta, atrelada ao projeto integral de sustentabilidade socioeconômica, construída sobre o desenvolvimento com felicidade e qualidade de vida, sem desvincular-se das vocações e identidades locais.

Encontram-se disponíveis casos similares, cujos exemplos podem ser imitados, não necessariamente na totalidade de suas propostas, mas com intercessões que contribuam significativamente na construção de um plano



para o Complexo Matarazzo, bem como na formulação de um modelo aperfeiçoado, baseado nos exemplos estudados e na proposta de *retrofit* com diversidade socioeconômica e desenvolvimento como liberdade.

## REFERÊNCIAS

- BERENI, Laure. Faire de la diversité une richesse pour l'entreprise: la transformation d'une contrainte juridique en catégorie managériale. **Raisons politiques**. França: Presses de Sciences Po (P.F.N.S.P.), v.3, n.35, p.87-105, 2009.
- BRANDÃO, Ângela. Memórias – Frigorífico das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaíva. PNUD, 2000.
- BRANDÃO, Helena Hatsui Nagamine. **Analisando o discurso**. Disponível em: <[www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_1.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf)>. Acesso em: 7 abr. 2015.
- BIRGER, Betty. Centro empreendedor. Disponível em: <[http://www.flexeventos.com.br/\\_pdfs/publicacoes/arquishow-721.pdf](http://www.flexeventos.com.br/_pdfs/publicacoes/arquishow-721.pdf)>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- CABRAL, Wendy Patricia Spinal. **Culture-led regeneration of industrial heritage in Spain and Portugal** : a comparative analysis of four 'art factories' and their different management models. Dissertação de mestrado, Universidade de Évora/ Erasmus Mundus TPTI. Évora : 2013.
- CACCIARI, Massimo. **A cidade**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.
- CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1972. In: CORREIA, Beatriz Silva. **Ícones Urbanos, Intervenções Pontuais**. Barcelona: Editorial Acadêmica Espanhola, 2012.
- 63CAPEL, Horacio. La rehabilitación y el uso del patrimonio histórico industrial. **Doc. Anàl Geogr**. Barcelona: Universitat de Barcelona - Departament de Geografia Humana, 1996, n.29, p.19-50.
- CARVALHO, Mércya; FISCHER, Tânia. Redes sociais e formação de alianças estratégicas: o caso do Multiplex Iguatemi. **RAP- Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro: v.34, n.6, p.199-218, 2000.
- CASTRO, Celso. **A proclamação da República**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- COUTO, Ronaldo Costa. **Matarazzo: a travessia**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
- COAM, Fundación. Colegio de Arquitectos de Madrid. **Memoria histórica del antiguo Matadero Municipal de Madrid**. Acesso em: 31 mar.2015.

CORREIA, Beatriz Silva. **Ícones Urbanos, Intervenções Pontuais**. Barcelona: Editorial Acadêmica Espanhola, 2012.

INSTITUTO JUAN DE HERRERA. Boletín CF+S > 23 -- De Sur a Norte. Ciudades y medio ambiente en América Latina, España y Portugal. Disponível em: <[polired.upm.es/index.php/boletincfs/article/viewFile/2496/2574](http://polired.upm.es/index.php/boletincfs/article/viewFile/2496/2574)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

DAMBRON, Patrick. Patrimoine industriel et développement local. Jean Delaville Editions, Paris, 2004.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

DUARTE, Fábio. **Arquitetura e tecnologias de informação**: da Revolução Industrial à Revolução Digital. São Paulo: Unicamp/Anna Blume/ FAPESP, 1999.

EVEY, Walker Lee. **The Secrets to the Pentagon Renovation Program's Success**. How one of the nation's largest reconstruction projects was completed ahead of schedule and under budget. Disponível em: <<http://www.constructionbusinessowner.com/management/workforce-management/september-2014-secrets-pentagon-renovation-programs-success>>. Acesso em: 3 mai. 2105.

FERRARESI, A. 1991, Area dismesse: una risorsa irrinunciabile. In: Bardeschi, M.D. & Tartaglia, F. (orgs.) *Architetture Lombarde dimenticate: studi per il riuso*. Politecnico de Milano. Florença: Facoltà di Architettura. Corso di progettazione architettonica, corso de restauro architettonico. A-Letheia 2, 1991. In: SCHIFFER S. T. R. **Revitalizing obsolete inner industrial areas as an alternative to peripheral urban growth**. Disponível em: <[ct.ceci-br.org](http://ct.ceci-br.org)>. Acesso em: 24 mar. 2015.

FIX, Mariana. El partido de los trabajadores frente al Banco Interamericano de Desarrollo. Disponível em: Disponível em: <[habitat.aq.upm.es/boletin/n23/nlib.html](http://habitat.aq.upm.es/boletin/n23/nlib.html)>. Acesso em: 23 jul. 2015.

FLEMMING, Liane; QUALLARINI, Eduardo. **Intervenções em unidades de tratamento intensivo (UTI)**: a terminologia apropriada. Disponível em: <[www.cesec.ufpr.br](http://www.cesec.ufpr.br)>. Acesso em: 7 abr. 2015.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. Martins Fontes, São Paulo, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Dits et Ecrits**. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. **L'herméneutique du sujet cours au Collège de France. 1981-1982**. Paris. Gallimard, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo : Graal, 2012.

GARCIA, Vicente Domingues. **Los dioses de la ruta del incienso: Un estudio sobre Emémero de Menese**. Oviedo : Universidade de Oviedo, 1994.

GASCHET, Frédéric; LACOUR, Claude. Les systèmes productifs urbains : des clusters aux « clusties ». **Revue d'Économie Régionale & Urbaine**. França: Armand Colin / Dumond, v.4, p.707-728, nov.2007.

GAY, René et all. **La Villette: des abattoirs au parc et la cité des sciences**. Disponível em: <[www.union-atrium.com](http://www.union-atrium.com)>. Acesso em: 17 abr.2014.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. Análise do discurso: conceitos e aplicações. São Paulo, **Alfa**, n.39, 1995, p.13-21.

HABERMAS, J. **Tres modelos de democracia: Sobre el concepto de una política deliberativa**. Madrid: Episteme. 1994.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro: 2006.

HALBWACHS, Maurice; DÍAZ, Amparo Lasén. Memoria colectiva y memoria historica. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/40183784?sid=21106328522163&uid=2&uid=3737664&uid=4>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

JORGENSEN, Marianne; PHILLIPS, Louise J. **Discourse Analysis as Theory and Method**. Londres: Sage Publications, 2002.

JUNQUEIRA, Rodrigo G. P. Agendas sociais: desafio da intersectorialidade na construção do desenvolvimento local sustentável. **RAP- Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro: v.34, n.6, p.117-130, 2000.

LA RECONQUISTA, de la Europa. Espacio Público Urbano – 1980 – 1999. Barcelona: Centre de Cultura Contemporànea de Barcelona; Institut d'Edicions, 1999.

LAVABRE, Marie-Claire. Usages et mésusages de la notion de mémoire.  
Disponível em:

<[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/criti\\_1290-7839\\_2000\\_num\\_7\\_1\\_1560](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/criti_1290-7839_2000_num_7_1_1560)>. Acesso em: 16 abr. 2015.

LA VILLETTE. Disponível em: <[www.villette.com](http://www.villette.com)>. Acesso em: 17 abr.2014.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. Disponível em:

<<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015. LE GOFF, Jacques. Por amor às cidades. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às Cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

LOWELL National Historical Park National Park Service U.S. Department of the Interior. **The Mill Grils**. <[nps.gov/lowe/planyourvisit/upload/mill%20girls.pdf](http://nps.gov/lowe/planyourvisit/upload/mill%20girls.pdf)>. Acesso em 25 mar.2015.

MATADERO MADRID. Disponível em: <[www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br)>. Acesso em 14 abr. 2015.

MOMMAAS, Hans. Cultural clusters and the post-industrial city: Towards the remapping of urban cultural policy. Urban Studies. Vol. 41, No. 3, 507–532, 2004.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno**. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitectura y política**. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

MONTANER, Josep Maria. **Del diagrama a las experiências**, hacia una arquitectura de la acción. Barcelona: Gustavo Gili, 2014.

MORAES, Virgínia Tambasco Freire; QUELHAS, Osvaldo Luiz Gonçalves. Desenvolvimento da metodologia e os processos de um “retrofit” arquitetônico. **Sistema & Gestão**, n. 7, 2012, p. 448-461.

MORAIS, Leonardo. Laboratório lâmina: DASA – gestão de projetos e obras. Disponível em: <[http://www.flexeventos.com.br/\\_pdfs/publicacoes/arquishow-721.pdf](http://www.flexeventos.com.br/_pdfs/publicacoes/arquishow-721.pdf)>. Acesso em: 31 mar. 2015.

PARC DE LA VILLETE. Disponível em: <[www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br)>. Acesso em 14 abr. 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

PORTFÓLIO - Proposta retrofit rara residência modernista. Disponível em: <<http://auemrede.au.pini.com.br/emrede/membro/thays-carolina-carrion-lorente/proposta-retrofit-para-residencia-modernista-17670.asp>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

PROCHANSKY, H. M et al. Place-Identity: Physical World Socialization of the Self. *Journal of Environmental Psychology*, Londres, v. 3, n.1, p. 55-83, mar/dez 1983. In: CORREIA, Beatriz Silva. **Ícones Urbanos, Intervenções Pontuais**. Barcelona: Editorial Acadêmica Espanhola, 2012.

PUERTO MADERO. Disponível em: <[www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br)>. Acesso em 14 abr. 2015.

RODERS, Ana Rita. **Re-Architecture : Lifespan rehabilitation of built heritage, basis**. Holanda: Technische Universiteit Eindhoven The Netherlands, 2007.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. Ed. Schwartz S.A., São Paulo, 2012.

SENECAL, Gilles; SAINT-LAURENT, Diane. *Les espaces dégradés. Contraintes et conquêtes*. Québec: Presse de l'Université de Québec, 2000.

SMITH, Adam. **Uma investigação sobre a natureza e causas da riqueza das nações**. São Paulo: Ed. Hemus, 1981.

SOUZA, Marília; RUTHES, Sidarta; VALENÇA, Raquel (orgs.). **Perfis profissionais para o futuro da indústria paranaense: Tecnologia da Informação e Comunicação**. Curitiba: SENAI-PR, 2014.

SPW-DG04. Direction générale opérationnelle - Aménagement du territoire, Logement, Patrimoine et Energie. Disponível em: <<http://dgo4.spw.wallonie.be/dgatlp/dgatlp/default.asp>>. Acesso em: 02 set. 2014.

STEINBECK, John. **A leste do Éden**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TALLEN, Emily. Sprawl Retrofit: sustainable urban form in unsustainable places. **Planning and Design**. Arizona: Pion and Licensors, v.38, p. 952-978, 2011. TICCIH - Textile Special Interest Section of the **International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage**: The International Context for Textil Sites. Temi: 2006.

VAZ, Tamiris Cunha. Requalificação do Complexo Matarazzo de Jaguariaíva. Trabalho final de graduação, PUC, PR, 2012.

VECHIA, Rodney. Cidades sustentáveis. **O mundo da Sustentabilidade**. 2011. <sustentabilidades.com.br/index.php?option=com\_content&view=article&id=178:cidades-sustentaveis&catid>. Acessado em: 02 abr.2015.

VERNILO, Camila Zorato; BERTONCINI, Edda Maria Provana; CARVALHO, Natâni Rumin de; LORENTE, Thays Carolina Carrion. **Retrofit em arquitetura comercial**: proposta para um café. Anais do Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão – ENEPE. Presidente Prudente, 20 a 23 de outubro, 2014. ISSN: 1677-6321. Disponível em: <<https://www.unoeste.br/site/enepe/2014/Anais/CienciasSociaisAplicadas/Arquitetura.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

WERTHEIMER, Moema. **Sede corporativa**. MW Arquitetura. Disponível em: <[http://www.flexeventos.com.br/\\_pdfs/publicacoes/arquishow-721.pdf](http://www.flexeventos.com.br/_pdfs/publicacoes/arquishow-721.pdf)>. Acesso em: 31 mar. 2015.

ZAITTER, Bruno A. H. **Potenciais para revitalização de espaços industriais pretéritos: caso Rebouças em Curitiba/PR**. Dissertação. 2009. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana – PPGTU do Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia – CCET da Pró-Reitoria de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, 2009.

ZANKER, P. **Augusto y el poder de las imágenes**. Madrid : Alianza, 1992.



## APÊNDICE

### TRADUÇÃO LIVRE DAS AVALIAÇÕES DOS VIAJANTES NOS SITES SELECIONADOS

#### **1 “Liked the botanical gardens” (13 junho 2014)**

*We walked around on a week day morning waiting for the restaurant to open for lunch. I liked the architecture and the idea that such old building used for animal slaughter have been transformed in theaters etc. But at the same time it had a feeling of emptiness and unfriendliness. What I really liked and I suggest to visit are the botanical gardens in there. They have a separate glass pavilion with four different gardens from various areas of the world, desert, tropical etc. It was very well made and maintained, and interesting to see the different varieties.*

#### **1 “Gostei dos jardins botânicos” (13 junho 2014)**

Caminhamos num dia de semana pela manhã esperando o restaurante abrir para o almoço. Eu gostei da arquitetura e da ideia que tal velho imóvel, usado para a matança de animais, tenha sido transformado em teatros, etc. Mas, ao mesmo tempo, tive a sensação de vazio e pouco amistoso. O que eu realmente gostei e sugiro visitar são os jardins botânicos ali existentes. Eles têm um pavilhão em vidro, separado com quatro diferentes jardins provindos de vários ecossistemas do mundo, desertos, tropicais, etc. Estava muito bem feito e mantido, e interessante de ver as diferentes variedades.

#### **2 “Opinion subjetiva” (26 outubro 2014)**

*En mi humilde opinion, no hay mucho que ver en este lugar. No se si fue que no tuve la suerte de ver alguna exposición interesante en este momento, pero las dos que vi no me dijeron nada. No lo recomendaria.*

#### **2 “Opinião subjetiva” (26 outubro 2014)**

Na minha humilde opinião, não há muitas coisas para ver neste lugar. Não sei se foi porque não tive sorte de ver alguma exposição interessante neste momento, mas as duas que vi não me disseram nada. Não o recomendaria.

#### **3 “diferente pero se podría mejorar” (4 novembro 2012)**

*Las exposiciones temporales no están mal pero las instalaciones...dejan mucho que desear, hay que ser consciente de lo que fue antes pero este espacio puede dar más de sí.*

### **3 “diferente mas se poderia melhorar” (4 novembro 2012)**

As exposições temporárias não estão mal, mas as instalações... deixam muito a desejar, há que ser consciente do que ele o foi antes, mas este espaço pode dar mais de si.

### **4 “cool????, más bien incoomodo. No hay parking” (14 dezembro 2014)**

*No voy a comentar los espectáculos teatrales, exposiciones y otros eventos culturales que alberga este espacio "municipal". Mi pretension es informar a otros usuarios y denunciar ante los responsables "municipales" que corresponda, que parece inaudito que el ayuntamiento de Madrid haya rehabilitado este magnífico y emblemático espacio para uso cultural y disfrute de los vecinos de Madrid y NO HAYA PREVISTO PARKING, ni gratuito, ni de pago, ni nada de nada. Dentro del recinto hay kilometros cuadrados de viales vacios que sólo usan los coches autorizados (oficiales, se supone) que podrian ser rentabilizados facilmente habilitando una amplia zona a parking a precios atractivos o de mercado. El parking del hotel que hay enfrente solo admite coches ajenos al hotel y/o abonados de lunes a viernes.....en resumen, que te si vas con tu coche por ir con una persona de movilidad reducida, mayor, o lo que sea....Comas el coche con patatas. Obviamente hay un metro muy cerca, pero hay que considerar que hay gente que no puede o no quiere usar el metro . Es inconcebible que en el siglo XXI, un espacio municipal de ocio cultural y afluencia masiva- se supone- no haya preparado un espacio para parking de visitantes, congestionando aun mas una zona de difícil aparcamiento, perjudicando a los vecinos de la zona y desanimando a potenciales visitantes de los eventos culturales. Vete a otro teatro.es igual de caro y posiblemente el ayuntamiento les obligue a contar con mas medidas de atención a los asistentes.*

### **4 “bacana????, ou melhor, incôômodo. Não tem estacionamento” (14 dezembro 2014)**

Não vou comentar sobre os espetáculos teatrais, exposições e outros eventos culturais que abriga este espaço "municipal". Minha pretensão é informar a outros usuários e denunciar ante os responsáveis "municipais" que corresponda, que parece inaudito que a prefeitura de Madrid haja reabilitado este magnífico e emblemático espaço para uso cultural e desfrute dos vizinhos de Madrid e NÃO TENHA PREVISTO ESTACIONAMENTO, nem gratuito, nem pago, nem nada de nada. Dentro do recinto há quilômetros quadrados de vias

vazias que somente usam os carros autorizados (oficiais, se supõe) que poderiam facilmente ser rentabilizados, habilitando uma ampla zona de estacionamento a preços atrativos ou de mercado. O estacionamento do hotel que tem em frente admite somente carros de não hóspedes ou mensalistas de segunda a sexta... em resumo, se você vai com seu carro com pessoa de mobilidade reduzida ou idosa, ou o que seja... coma o carro com batatas. Obviamente há um metrô muito perto, mas há que se considerar que tem gente que não pode ou não quer usar o metrô. É inconcebível que no século XXI, um espaço municipal de ócio cultural e afluência massiva – se supõe – não tenha previsto um espaço para estacionamento de visitantes, congestionando ainda mais uma zona de difícil estacionamento aos vizinhos da região e desanimando a potenciais visitantes dos eventos culturais. Vá a outro teatro, é tão caro quanto e possivelmente a municipalidade te obrigue a contar com mais medidas de atenção ao público.

#### **5 “Espacio interesante con una pésima atención al cliente” (2 de outubro 2014)**

*Acudí al café teatro sobre las 5 de la tarde, es decir había poca gente, pero tras 18 min exactos sentado en la mesa sin que nadie me dijera ni un buenas tardes enseguida le atendemos...me fui haciéndolo saber a los camareros que allí estaban sin que a nadie se le escapara un disculpe. Eso si los camareros de la barra parecían muy contentos entre risas hablando en la barra y otro de ellos se afanaba en limpiar mesas vacías antes que atender a los clientes que "ocupaban" las mesas, parece ser que una mesa vacía da más beneficios.*

#### **5 “Espaço interessante com uma péssima atenção ao cliente” (2 de outubro 2014)**

Cheguei ao café-teatro às 5 da tarde, quer dizer, havia pouca gente, mas depois de exatos 18 minutos, sentado á mesa sem que ninguém me dissesse nem boa tarde! Em seguida o atenderemos... Fui fazendo com que os garçons soubessem que não fazia falta um “desculpe-me”. Isso que os atendentes do balcão pareciam muito contentes entre risos, tagarelando ali enquanto outro deles se ocupava limpando mesas vazias antes de anteder aos clientes que “ocupavam” as mesas, parece que uma mesa vazia dá mais lucro.

#### **6 “Un HORROR, nos han timado” (15 junho 2013)**

*Anoche no nos dejaron entrar al ballet por haber llegado 6 minutos tarde. No dice en las entradas ni en el comprobante que no te dejaron entrar. Perdi 50 euros, la empleada "Maria" tenia una sonrisa en su cara cuando me dijo que no podian ofrecerme nada, NADA, nadie ni nos dije "lo siento", solo que habernos llegado a tiempo...*

#### **6 “Um HORROR, fomos enganados” (15 junho 2013)**

Á noite não nos deixaram entrar ao ballet por haver chegado 6 minutos atrasados. Não dizia nos ingressos nem no comprovante que não te deixariam entrar. Perdi 50 euros, a empregada “Maria” levava um sorriso em sua cara quando me disse que não poderiam oferecer-me nada, NADA, ninguém nos disse “sinto muito”, a única coisa é que havíamos chegado a tempo...

#### **7 “Un bonito edificio multifuncional” (4 março 2015)**

*Situado cerca de la estación de metro de Legazpi. Este bonito edificio que albergaba el antiguo matadero madrileño encierra en su interior espacios para: teatros, exposiciones, cafeterias, hasta incluso algún mercadillo... UN BONITO EDIFICIO MULTIFUNCIONAL.*

#### **7 “Un bonito edificio multifuncional” (4 março 2015)**

Situado perto da estação de metrô de Legazpi. Este bonito edifício que abrigava o antigo matadouro madrileño encerra em seu interior espaços para: teatros, exposições, cafeterias, até inclusive algum mercadinho...UM BELO EDIFÍCIO MULTIFUNCIONAL.

#### **8 “Que buena Rehabilitación” (2 março 2015)**

*En Legazpi, antiguo matadero de Madrid. Las naves se han transformado en diferentes centros. Salas de teatro, cineteca, casa del lector, una fundación, un museo de diseño actual, salas para múltiples exposiciones. Patio central con actividades en buen tiempo. La casa del reloj, centro cultural del barrio, zona de jubilados enfin estupendo. Hay una cantina donde se puede tapear...*

#### **8 “Que boa Reabilitação” (2 março 2015)**

Em Legazpi, antigo matadouro de Madrid. As naves se transformaram em diferentes centros. Salas de teatro, cineteca, casa do leitor, uma fundação, um museu de desenho atual, salas para múltiplas exposições. Pátio central com atividades ao ar livre. A casa do relógio, centro cultural do bairro, zona de aposentados enfim, estupendo. Há uma cantina onde se pode aperitivar...

**9 “Un centro cultural mas” (12 maio 2012)**

*Sin demasiadas cosas diferentes que los de barrio, algo normalito.*

**9 “Um centro cultural a mais” (12 maio 2012)**

Sem muitas coisas diferentes que os centros de bairro, normalzinho.

**10 “Excellent multicultural centre, just don't try to eat there” (30 setembro 2013)**

*Matadero is an excellent example of how an old complex of buildings (a former slaughterhouse) can be put to good use without tearing down part of history. Easily accessible from the Center and the suburbs by metro or numerous buses, as well as walking from the riverside. Permanent and temporary offerings/events are held in the indoor and outdoor spaces, and include ping pong table, theater, interactive exhibitions, music festivals and many more. During the last visit in early September, we were given four pieces of rock hard bread rolls before our main courses arrived. We pointed it out to the waiter, who without any question or examination said he'd exchange it. It's odd enough when the waiter doesn't check what you're complaining about, but even more so when he comes back with three of the same pieces covered by a piece of old baguette, which wasn't hard but close to stale. When our main courses arrived, we were speechless: The steak was cold and not just rare, but in a pool of blood; it was accompanied by hard rock thick brown fries, which looked like they were re-fried at least once. The chicken escalope was twisted and hard like the sole of a shoe - the breadcrumbs were rock hard, and when I managed to pry this off the meat, all I saw was hard stringy meat that could only suggest it was re-heated more than once. The Russian salad (cubed veg in mayo) looked past its use by date, with parts of the mayo yellow instead of the off-white color when it's fresh and/or stored correctly. When confronted with the poor quality, the only thing the waiter did was to shrug his shoulders. Not a word of apology, nor explanation. And it wasn't due to a language barrier, because three of the four diners in our group spoke fluent Spanish. I would not even expect such bad quality from a dirty back-street chicken hut, let alone one of the main tourist attractions. My tip: enjoy the venue for its cultural attractions/activities, but eat somewhere else.*

**10 “Excelente centro multicultural, só não tente comer ali” (30 setembro 2013)**

Matadero é um excelente exemplo de como um antigo complexo de edifícios (um velho matadouro) pode ser colocado em bom uso sem destruir parte da

história. Facilmente acessível desde o centro e subúrbios por metrô ou inúmeros ônibus, bem como, caminhando pela borda do rio. Permanente oferta de eventos temporários é mantida em espaços internos e externos, e inclui mesa de ping-pong, teatro, exposições interativas, festivais de música e muito mais. O único lado negativo é o café-restaurant. A parte boa é essa, como a do resto do Matadero, usar o edifício existente e bem arranjado com o design total. Há uma área interna, que inclui Um típico bar hispânico onde você pode sentar-se em banquetas para um aperitivo, bem como, um mix de mesas altas e baixas para sessões mais demoradas de comer/beber, e ainda, um terraço externo com outro bar servindo bebidas. A parte ruim é que a comida é a melhor, de baixa qualidade, algumas vezes chegando a repugnante. Não estou fazendo um julgamento apressado – estive lá por três vezes no ano passado. Durante a última visita, em princípios de Setembro, nos deram quatro pãozinhos duros antes de nosso prato principal. Reclamamos ao garçom, quem, sem nenhuma pergunta ou verificação, disse que iria troca-lo. É estranho quando o garçom não verifica sobre o que você está reclamando, e mais ainda quando ele retorna com três dos mesmos pedaços cobertos por outro de uma velha *baguette*, que não estava dura, mas quase rançosa. Quando nossos pratos principais chegaram, ficamos sem palavras: O filé estava frio e não só cru, mas em uma piscina de sangue; estava acompanhado por finas e duras batatas fritas, que pareciam ter sido refritas ao menos uma vez. O escalope de frango estava retorcido e parecia-se com uma sola de sapato. As torradas eram muito duras, e quando dei um jeito de afasta-las da carne – eu vi o quão dura estava a carne o que somente sugere que ela foi reaquecida mais de uma vez. A salada russa (vegetais em cubo, em maionese) parecia fora de validade, com parte da maionese amarela em vez da cor creme quando é fresca e/ou armazenada corretamente. Quando confrontado com a péssima qualidade, a única coisa que o garçom fez foi encolher os ombros. Nenhuma palavra de desculpas ou explicações. E não foi por uma barreira de idioma, porque três dos quatro clientes de nosso grupo eram fluentes em espanhol. Eu não esperaria tão má qualidade de um fundinho de quintal, muito menos de importante atração turística. Minha dica: desfrute do passeio por suas atrações culturais/atividades, mas coma em qualquer outro lugar.

**11 Interessante (28 fevereiro 2015)**

O Parc de La Villette é grande e diversificado, com jardins, local para exposições e convenções, museu, teatro, cinema e inúmeros eventos durante todo o ano. Ótimo local também para passear com crianças.

**12 Com crianças, vale a pena (fevereiro 2015)**

Tem crianças (menores que 12 anos)? Tem mais de 7 dias em Paris? Então programe uma manhã ou tarde no La Villette. É um espaço para ciência e tecnologia que tem muita interatividade e com certeza os pirralhos (e nós adultos) irão gostar.

**13 Detestei (Janeiro 2015)**

Estive lá em família para visitar o decepcionante museu da ciência e tecnologia. Ao final do dia, havia casais horrendos fazendo sexo nos gramados. Parece que a prefeitura cansou de proibir. Não volto.

**14 Perda de tempo (abril 2014)**

A Cité des Sciences La Villette é o que se convencionou chamar de uma "roubada". O espaço é majestoso, futurista, convida-nos por si só a conhecer o seu interior. Então, entramos, compramos o ingresso e... nada! Elegemos o combo da exposição de ciências e o planetário. O planetário tem confortáveis acomodações, mas a projeção não é nítida e o documentário...

**15 In Need Of New Energy (9 outubro 2013)**

*I first visited this attraction 20 years ago and was bowled over by the open spaces and whimsical architecture. A return visit with my young son revealed closed structures, areas in major disrepair, and a general sense of disinterest. The science museum and the library may be the only institutions of any lasting merit. Elsewhere, I hope the wait for or a new vision ends soon.*

**15 Necessitando nova energia (9 outubro 2013)**

Visitei esta atração pela primeira vez há 20 anos e era rodeado por espaços abertos e arquitetura caprichosa. Uma nova visita com jovem filho revelou estruturas fechadas, áreas degradadas, e um senso geral de desinteresse. O museu da ciência e a livraria podem ser as únicas instituições de algum mérito restante. De outra parte, desejo e espero por uma nova visão em breve.



**16 “Very disappointing” (23 fevereiro 2014)**

*What a strange place! I can only assume that when we visited (Feb) it's out of season and the everything was shut or being replaced. One carousel and a play area with some very odd characters in the public toilets! Not what the guide book had led us to believe. Left me with one very disappointed nine year old!*

**16 “Muito desapontador” (23 fevereiro 2014)**

Que lugar estranho! Só posso presumir que quando visitei (fevereiro) estava fora de estação e que tudo estava fechado ou sendo substituído. Um carrossel e uma área de jogos com caracteres antigos nos banheiros públicos! Nada do que o guia turístico nos levou a crer. Deixou-me apenas uma criança de nove anos muito desapontada!

**17 Skip it (2 setembro 2013)**

*As my daughter said, this was a good idea gone horribly wrong. Too big, too empty. The trail from attraction to attraction is too long and all those attractions, like the Garden of Mirrors and Garden of Childhood Frights, are laughably lame. The science museum and submarine are pretty good but not worth the long trip to get there.*

**17 Passe essa (2 setembro 2013)**

Como disse minha filha, essa foi uma boa ideia que deu muito errado. Muito grande e muito vazio. O caminho de atração para atração é muito longo e todas essas atrações, como o Jardim dos Espelhos e o Jardim dos Medos infantis, estavam risivelmente coxos. O Museu da Ciência e submarino eram bons mas não valiam a longa viagem para chegar lá.

**18 O melhor é o cinema (3 julho 2014)**

*A Cité des Sciences, com as informações acerca das profissões, é interessante, embora para os não francófonos seja algo complicado. A localização das atividades, também, é algo penoso, difícil, não há uma sinalização muito clara para quem visita pela primeira vez. Contudo, o cinema de 180°, onde se exibiu uma película sobre um dia na vida de uma família de ursos polares, foi bem interessante. Visitou em fevereiro de 2014.*

**19 Good museum, but not good park (18 maio 2014)**

*We visited in April 2014 with 8 and 11 year olds...the "park" is basically not there any more. The dragon slide that is promoted in all the tour books is closed and does not look like it will reopen. The open space is largely just some walking paths from the main street to the science museum. The science*

*museum is one of the best we have ever experienced....lots of stuff to do and most of the interactive stuff works fine. We did not see an imax movie, but it looked cool. The "park" area is full of adults who should not be there and not the type of people I would let my children hang out with.....and they were sitting on all the swings. The cool "bike" structure says "do not climb" so no fun there either. I would go again for the science museum, but do not promise a park to your kids. Also, WORST food of my life in the museum restaurant.....don't eat there! Parte superior do formulário*

### **19 Bom museu, mas não bom parque (18 maio 2014)**

Visitamos em abril de 2014 com crianças de 8 e 11 anos ...O “parque” basicamente não está mais lá. O escorregador do dragão que é promovido em todos os livros está fechado e não parece que irá reabrir. O espaço aberto é claramente uma área com calçadas desde a via principal do museu de ciência. Esse museu é um dos melhores que tivemos experiência... Muitas coisas para fazer e muita interatividade que funciona bem. Não vimos nenhum cine *imax*, mas pareceu bacana. O “parque” é cheio de adultos que não deveriam estar lá e não são o tipo de pessoas com quem deixaria minhas crianças... E estavam sentados em todos os balanços. A estrutura bacana "bicicleta", dizia “não suba” e assim, sem diversão ali também. Eu voltaria para o museu de ciência, mas não prometa um parque a seus filhos. Também, a PIOR comida da minha vida no restaurante do museu... Não coma lá!

### **20 A Ghost Town? (9 outubro 2012)**

*A very sterile area on the site of the old slaughterhouse. Nothing going on when we were there but the area seemed to be surrounded by public housing! Some high school kids probably just having fun but made us feel unsettled. A major plus for kids aged 2 to 8 though - an amazing free play area with really creative play things. Parte superior do formulário*

### **20 Uma cidade fantasma? (9 outubro 2012)**

Uma área muito estéril no lugar do antigo matadouro. Nada acontecendo quando estávamos lá, mas, a área parecia estar rodeada de habitação popular? Alguns estudantes adolescentes, provavelmente só se divertindo, mas nos fez sentir fora de lugar. Um lugar mais para crianças de dois a oito, então – uma surpreendente área livre para brincar com coisas realmente criativas.

### **21 Don't waste your day (16 agosto 2012)**

*This parc is not in a good neighborhood, in my opinion. I would never walk outside the parc without my husband. The kids thought the parc area was "cool" but I didn't think the stress of the neighborhood or the long transportation was*

*worth my time. Much of the parc was closed, so we ended up just hanging out in the play area. Luxembourg Gardens was a much better location and had a fantastic play area for the kids. All four of my children rented sailboats and played happily in the fountain, as well as the well thought out and expansive playground.*

### **21 Não perca seu dia (16 agosto 2012)**

O parque não está em uma boa vizinhança, em minha opinião. Eu jamais caminharia fora do parque sem meu marido. As crianças pensavam que a área de parque era “legal”, mas eu não havia pensado que o stress da vizinhança ou a longo tempo de transporte não valeria meu tempo. A maioria do parque estava fechada e então ficamos apenas passando o tempo na área de lazer. Os Jardins de Luxemburgo foram muito melhor e numa melhor localidade e tinha uma área de lazer fantástica para as crianças. Todas as minhas quatro crianças alugaram barquinhos e brincaram alegremente na fonte, bem como, no bem planejado e extenso playground.

### **22 Non ci andate! (17 agosto 2012)**

*Attirati dalle buone recensioni (avaliações), con la mia famiglia di 4 persone, abbiamo deciso di passeggiare prima sulle sponde (bancos) del canale St. Martin, che nonostante il caldo asfissiante di oggi, ci e' sembrato carino, poi di arrivare al parco de la Villette... che desolazione!! Tutto chiuso, afoso (abafado) e desolato! Persone distese sui prati (esticado no gramado) e dentro le strutture il vuoto....solo nell'acquario c'era un po' di vita! Non vale la pena attraversare zone della città non proprio sicure per raggiungere questo posto! Sper di essere stata d'aiuto a qualcuno!*

### **22 E lá vai! (17 agosto 2012)**

Atraídos pelas boas críticas (avaliações), com minha família de 4 pessoas, decidimos passear primeiro sobre os bancos (bancada) do canal St. Martin, que, apesar do calor escaldante de hoje, parecia bonito, depois de chegar ao Parc de la Villette ... Que desolação!! Tudo fechado, abafado e desolado! Pessoas nos gramados (esticadas no gramado) e dentro as estruturas vazias... Apenas o aquário havia um pouco 'de vida! Não vale a pena cruzar áreas da cidade não realmente seguras para chegar a este lugar! Espero ter sido de ajuda para alguém!

### **23 Parc à l'image de Paris : moche, sale et “has been” (9 abril 2012)**

*Un parc sans aucun intérêt activités en travaux deco année 80/90 complètement dépassé. Paris est une ville a fuir, pollution, capitale la plus moche d'Europe quelle décadence... Rares espaces verts ou jardins bobos service de sécurité ovni présent on se croit en Bosnie. La cité des sciences fermée un lundi de Pacquês... La cité de la musique aucun intérêt autant aller au futuroscope.*

### **23 Parque à image de Paris: decadente, à venda e “já era” (9 abril 2012)**

Um parque sem qualquer atividade interessante com uma decoração anos 1980/90 completamente ultrapassada. Paris é uma cidade a fugir-se, poluição, capital a mais feia da Europa, que decadência... Raros espaços verdes, jardins sem graça e serviços de segurança UFO que se acredita na Bósnia. A cidade das ciências fechada num domingo de Páscoa... A cidade da música sem nenhum interesse além de ter um futuroscópio.

### **24 Uma das principais referências culturais em Curitiba: espaço "A Fábrica" (junho 2015).**

(2013) Difícil vai ser convencer vocês que eu descobri este belíssimo espaço por "acaso", mais foi isto mesmo o que aconteceu... Eu decidi rever a Rua Fernando Amaro, em um belíssimo trecho arborizado não muito distante do Estádio Couto Pereira. Foto vai, foto vem - a rua sempre em primeiro lugar, claro - e eu vi a placa do espaço. Por que ele é tão importante para a cidade? Primeiro, por seu aspecto histórico. Como o próprio nome diz, o lugar já abrigou uma fábrica... Depois, pela junção de cursos de línguas - Cervantes, Goethe e Aliança Francesa - escola de dança, etc. Por último, a área abriga nos arredores até algumas Varas - Falência, Fazenda Pública - do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná. Sem contar que até mesmo a redação do suplemento "Viver Bem" do jornal "Gazeta do Povo" passou a ter sede ali... Como vocês verão a seguir, a própria Rua Fernando Amaro também possui outras imagens bem "vintage"- a exemplo deste espaço "A Fábrica"...

### **25 Casa Aberta (março 2015).**

(2015) Arquitetos, designers, empresários e formadores de opinião estiveram reunidos ontem (04) no Espaço A Fábrica, em Curitiba, para o “Open House” da Casa Cor Paraná 2015. Na ocasião, além de conhecer o inusitado espaço na antiga Fábrica de Fitas Venske, que vai abrigar a edição paranaense da

mais importante mostra de arquitetura e construção do Brasil, o público pode conhecer o tema da mostra para esta edição: “Consumo Consciente” e acompanhar a palestra sobre as tendências do morar em 2015, do diretor de Conteúdo da Abril, Pedro Ariel Santana. É um espaço excêntrico porque já foi uma fábrica de fitas e ali se fundem um evento de arquitetura com a arquitetura do imóvel.

### **26 A Fábrika (junho 2015).**

(2012) Estive em outro local interessante e inusitado de Curitiba, fora do circuito turístico: a Fábrika, um complexo de instalações para o desenvolvimento intelectual e físico no Alto da XV e que seria o sonho de consumo de muita gente em Brasília (e de leitores deste site). Explico: nas antigas instalações de uma fábrica de fitas e bandeiras desativada em 1980, foi estruturado um complexo cultural que reúne o Instituto Goethe, a Aliança Francesa e o Instituto Cervantes! Além disso, há o consulado da França, os Juizados Especiais de Pequenas Causas e uma academia de ginástica! Ou seja, a pessoa pode ir tratar do corpo, da mente e, de quebra, ainda resolve questões jurídicas, eheheh! Gostei mesmo foi dos três centros de idiomas e da academia em um mesmo lugar! Fantástico! Daí dizer que é um sonho de consumo! Se tivéssemos isso em Brasília seria muito bom! O local é muito bonito e vale a pena um passeio até lá – mesmo porque fica ao lado do Museu do Expedicionário. Então, quando for ao Museu, dê uma passadinha para conhecer a Fábrika!

### **27 Casa Cor Paraná 2015 será no espaço A Fábrika ( junho 2015).**

(2015) Mostra de arquitetura e interiores vai ocupar o prédio histórico com espaço de quase 3 mil metros quadrados. Para diretora do evento, uso do local será um novo desafio. A 22ª edição da Casa Cor Paraná será realizada em um dos edifícios da antiga Fábrika de Fitas Venske, inaugurada em 1907. O imóvel, que tem aproximadamente 3 mil metros quadrados, será dividido em 48 ambientes residenciais, comerciais, corporativos e também de gastronomia e eventos. Para a diretora da Casa Cor, Marina Nessi, instalar o evento no local será um novo desafio. “Nós vamos ocupar um espaço que já foi recuperado,

um imóvel que é muito bem preservado pelos proprietários e vamos manter suas características originais”, salienta.

### **28 Casa Cor Paraná apresenta o tema consumo consciente durante o “Open House” da 22ª edição (junho 2015).**

(2015) A exposição, que vai acontecer entre 23 de junho a 09 de agosto, vai ocupar os três mil metros quadrados do imóvel, apresentando inovações em relação à automação residencial, além da última palavra em tendências e materiais, isso tudo sem descaracterizar a estrutura original do imóvel. A novidade desta edição ficará por conta da utilização de novas fontes de energia, como a iluminação por Leds, e incentivo ao uso do gás natural. Quatro são os movimentos que movem a decoração e a arquitetura neste ano segundo Ariel: A Era das Cidades, Menos e Melhor, Brasilidade e Compartilhar. O primeiro tema, que fala sobre a utilização de marcas do passado, vai de encontro, inclusive, com o próprio imóvel da Casa Cor Paraná 2015. Para Ariel, o edifício escolhido e sua localização demonstram a tendência do uso de peças e materiais decorativos que resgatam a natureza, o romantismo, o refúgio e as lembranças. A Casa Cor paranaense vai, mais uma vez, criar uma experiência que inspira e emociona, preservando as características originais do prédio que a abriga. A Fábrica – A edição deste ano da Casa Cor vai levar o público a um imóvel do início do século passado, com uma proposta de valorização da antiga Fábrica de Fitas Venske, que é um patrimônio arquitetônico de Curitiba construído em 1907. Localizado na Rua Fernando Amaro, 60, Alto da XV, o edifício faz parte de uma região sofisticada da capital, o cenário ideal para receber as criações de profissionais renomados da arquitetura, design e decoração. O complexo A Fábrica abriga hoje vários negócios e espaços culturais, um dos locais com o espírito mais cool de Curitiba.

### **29 Dubai em Argentina (março 2015)**

Já fui a Dubai e a região nova e moderna do Puerto Madero, lembra de looooooonge um pedacinho de Dubai. São vários prédios novos, altos e extremamente modernos e bonitos, com pessoas de altíssimo poder de consumo circulando a pé, de bicicleta, patins, skate, carrões, barcos etc. Minha

dica é ir no pôr do sol, fazer um esquentão no Johnny B Good, jantar em uma das várias opções e terminar a noite no Ásia, balada. Local refinado.

### **30 Gastronomia (março 2015)**

Um dos bairros mais modernos de Buenos Aires é um antigo porto e que hoje abriga os melhores, e mais populares, restaurantes da cidade.

### **31 Maravilhoso (março 2015)**

Seja de dia ou de noite, Puerto Madero é simplesmente fantástico. No final da tarde o pôr do sol é maravilhoso. Na ponte das mulheres, onde o rio é cercado por cabos de aço, você pode prender um cadeado fazendo pedidos e jogar a chave fora. Repleto de bares incluindo a boate Ásia de Cuba, Puerto Madero é um lugar pra visitar muito mais que apenas um dia. O Bar kraken, em forma de navio é formidável e com ótimas promoções.

### **32 Exemplo de Revitalização (março de 2015)**

Todos os prédios foram restaurados, o lugar ficou belíssimo. Centro de gastronomia, shopping, excelente para chegar no fim da tarde e ficar para jantar.

### **33 Exemplo de Exemplo de recuperação urbana (junho 2014)**

Visitar o Puerto Madero é aproveitar muito do que a cidade de Buenos Aires pode oferecer. Variedade de restaurantes, uma bela vista de prédios históricos no contraste com o lado oposto da beira, onde os prédios são extremamente modernos. Pontes e passarelas com bela arquitetura.

### **34 Normal! (abril 2015)**

O foco ali são os restaurantes, que na nossa opinião são caros e não tão bons... Têm mais nome que qualidade. A região tem muitas grandes empresas e é bonita. Vale visitar quem não conhece. Mas não sei se vale o retorno para os que já foram.



### **35 Restaurant row; no shops (fevereiro 2015)**

*We expected a mix of shopping & restaurants based on statement made by tour guide, but it was all restaurants. Not really within walking distance of city Center.*

### **35 Linha de restaurantes; sem lojas (fevereiro 2015)**

Esperávamos um mix de compras e restaurantes baseados nas declarações do guia, mas era tudo restaurantes. Nada realmente entre a distância de caminhada desde o centro da cidade.

### **36 It's hallow, bereft of people, oozing in LA design (novembro 2012)**

*Coming from NY I am well versed in old warehouses turned into chic modern (just think of the Meat market district), and having written plenty of resto reviews for magazines I'm also perfectly well accustomed to "LA Cool" design of glass and glare, but Puerto Madero does not not not pull it off. And that's all it aims to do, is merge its name with S'pore, LA or Miami. Walk a bit more to Montserrat or San Telmo or better yet, jump on the metro for the leafy hood of Palermo where you get a bit of cafe history!*

### **36 É superficial, desprovido de pessoas, resvalando no los Angeles (novembro 2012)**

Vindo de New York estou bem versado em antigos depósitos transformados em moderno chic (só pensando no distrito Meat Market), e tendo escrito uma porção de críticas de restaurantes para revistas, estou perfeitamente bem acostumado ao desenho “Los Angeles Contemporâneo” de vidro e glamour, mas o Puerto Madero não se encaixa nisso. E isso é tudo o que visa fazer, funde seu nome com Singapura, Los Angeles ou Miami. Caminhe um pouco mais até Montserrat ou San Telmo, ou melhor ainda, salte no metrô para a frondosa Palermo onde você terá um pouco de café-história

### **37 Lo peor de Buenos Aires (dezembro 2014)**

*No entiendo como pueda tener tantos votos. No nos gustò para nada, muy moderno e impersonal donde todo costa el triple. Buenos Aires es magnifica, Puerto Madero no.*

### **37 O pior de Buenos Aires (dezembro 2014)**

Não compreendo como possa ter tantos votos. Não gostamos nada, muito moderno e impessoal onde tudo custa o triplo. Buenos Aires é magnífica, Puerto Madero não.

**38 Urbano 100x100 (agosto 2012)**

*Demasiado urbano, le falta calidez y tradicion, no es muy distinto de un gran conglomerado de edificios de cualquier parte del mundo...*

**38 Urbano 100x100 (agosto 2012)**

Muito urbano, lhe falta calor e tradição, não é muito diferente de um grande conglomerado de edifícios de qualquer parte do mundo...